

AS MANAS^{NA} ESTRADA

COLETIVO
MULHERES
NAS
QUEBRADAS
(ORG.)



CIP- CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO- FACULDADE DE LETRAS-
BIBLIOTECA JOSÉ DE ALENCAR

M267

As Manas na estrada. [livro eletrônico] / organização Coletivo Mulheres nas Quebradas. - 1. ed. - Rio de Janeiro : PACC/UFRJ, 2022.

recurso digital

Formato: epub/pdf

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN: 978-65-999309-1-1 (recurso eletrônico)

1. Contos brasileiros. 2. Mulher na literatura. 3. Livro eletrônico.
I. Coletivo Mulheres nas Quebradas.

CDD: 869.08

Esta publicação é uma realização do Coletivo Mulheres Nas Quebradas da Universidade das Quebradas, execução do PACC/Letras/UFRJ em parceria com Clube F, Planetapontocom, Centro de Tecnologia/UFRJ e apoio da Fundação Vale.

Equipe MUQ

Coordenação, orientação e supervisão

Heloisa Buarque de Hollanda

Idealização e Concepção

Rozzi Brasil

Giselle Parno Guimarães

Heloisa Buarque de Hollanda

Editoras

Drica Madeira

Rozzi Brasil

Capa e Diagramação

Liliane Alvim

Equipe de revisores

Alana Francisco

Ana Luiza Riguetto da Silva

Anália Bicalho Vencioneck

Drica Madeira

Erica Ignacio da Costa

Felipe Lima

Giulia de Araújo

Giulia Benincasa

Jucilene Braga Alves Mauricio Nogueira

Liliane Alvim

Lucas Miranda

Marlon Augusto Barbosa

Nathália Santiago

Sergio Alexandre Novo Silva

Vinícius Fialho

Condução dos encontros

Drica Madeira

Alana Francisca

Secretaria Geral

Rosângela Gomes

Redes Sociais

Thainá Menezes de Melo

Apoio Administrativo

Liane Boente

Sandra Cordeiro

Sumário

Apresentação — Heloisa Buarque de Hollanda, 8

Prefácio — Rozzi Brasil, 9

Adriana Lima de Farias, 16

Amanda Pedrosa, 18

Anna Carla Rosa, 20

Anna Cristina Gomes, 23

Carla Rocha, 31

Cida Fernandes, 36

Cláudia Gonçalves, 38

Dalvanira Ferreira Ribeiro, 39

Denise Rodrigues, 50

Evelin Fernanda Soares Dias, 56

Fabiana Pedreira, 60

Fabíola Silva, 67

Gilda Portella, 71

Izabela Martins de Azevedo, 75

Jacqueline Meire, 76

Jack Nery, 82

Jeovanna Vieira, 89
Jocelia Peixoto, 91
Laurie Lomask, 95
Lazir Sinval, 98
Liliane Alvim, 102
Luana Fernandes, 106
Luciana Brandão, 107
Manon Maria Ferreira de Brito, 111
Márcia Lopes, 115
Márcia Pereira, 119
Maria Angélica Ventura Ferreira, 121
Maria Cristina Taveira, 126
Maria Nascimento, 128
Monique Silveira, 132
Norma Couto, 135
Odaleia Maria Pimentel Coutinho, 139
Raquel de Oliveira, 143
Renata Queiroz, 155

Silvia Carvalho, 157

Tereza Cristina Oliveira, 162

Veríssima Freitas, 167

Yara Mathias, 177

As autoras, 180

Posfácio — Giselle Parno, 192

Apresentação

#LivresLivros foi uma criação do coletivo MUQUE, formado e autogerido por mulheres da Universidade das Quebradas sob a liderança de Rozzi Brasil e Gisele Parno. Portanto, uma invenção de mulheres, para mulheres, com mulheres. Nada de muito específico contra os homens. Mas as mulheres provaram que precisam de um espaço só seu para expressarem, com liberdade e confiança, todas as dores, angústias e suas tantas histórias de coragem e determinação, muitas vezes mágicas. Pois esse espaço ganhou o nome de #LivresLivros. Nome que se mostrou exageradamente preciso. Pois foi através do livro, sentido como liberdade, que esse grupo de mulheres trouxe suas experiências e suas questões a partir da leitura, assim como uma urgência de escrever, expor, criar narrativas de si belas, comoventes, escritas com dor e talento e finalmente abertas à leitura de outras mulheres e homens nesse volume chamado “As manas na estrada”.

Heloisa Buarque de Hollanda

Prefácio

A missão não é fácil: prefaciando esta publicação gestada por muitas mulheres, produzida por dezenas de mãos, nem todas femininas, nem sempre feministas. Essas mãos estão em todos os lugares do país e também no exterior, o que dá a dimensão do alcance desse projeto indo além do planejado. Planejado? Muita calma nessa hora; não houve, a princípio, planejamento, se houvesse não poderia ser cumprido, afinal, fomos atropeladas por uma pandemia! Atônitas como o restante do planeta, tristes por ver vidas se perdendo por um vírus até então desconhecido, as manchetes plantavam um certo terrorismo sobre o momento em que ele atingiria as comunidades. E a Universidade das Quebradas, que sempre foi uma linha direta com essa população, desde os fazedores de cultura até os ativistas, passando pelos intelectuais orgânicos e os que finalmente conseguiam acessar a universidade tradicional, nos assinalava que esse alarme não era verdadeiro. O processo de solucionar problemas através da “gambiarra” (que eu chamo de tecnologia da escassez) existente nas favelas jamais permitiria que nos tornássemos, como dizia a mídia, um país daqueles com imagens de corpos enfileirados pelas calçadas, nas ruas. As mulheres, líderes comunitárias, se articulavam para as providências que o poder público não tomava. A ciência dizia: sabão, álcool 90, água sanitária, mãos limpas, e as favelas não contam muitas vezes, algumas quase sempre, sequer com água potável encanada. A ciência pedia: fique em casa, evite aglomeração, e sabíamos que os moradores

de comunidades trabalham cotidianamente pelo pão de cada refeição; uma família, na maioria das vezes, numa casa de favela já é muvuca. Nasceu, assim, a série “Pandemônicas na Pandemia”, que se propunha a dar espaço para que as comunidades, dissessem elas mesmas, como estavam se organizando e solucionando a crise pandêmica.

Eu tinha um projeto, presencial, de leitura para ser tocado na comunidade onde atuo. A ideia era que a cada mês um livro fizesse parte da cesta básica recebida pelas mulheres negras, mães solo, com escolaridade interrompida e com empregabilidade difícil. Esse projeto tinha o nome de “Livres Livros” e objetivava além do óbvio num grupo de leitura que é enfatizar a capacidade do pensamento crítico, dar ciência de que a leitura não é um acessório supérfluo; que a mente tem fome e o espírito se alimenta das capacidades que emanam da competência que nos entrega uma leitura feita como deve ser.

Na impossibilidade de realizar o projeto presencialmente, ele foi adaptado para o formato on-line, bem como as inscrições, e aí é preciso falar de um detalhe que dialoga com o modo comunitário de as mulheres fazerem as coisas. Tínhamos vontade, necessidade de implementarmos o projeto, que se robusteceu quando sua estrutura foi trabalhada coletivamente, no entanto, não tínhamos financiamento. Fizemos assim mesmo, a princípio, voluntariamente. O que seria exercício de leitura numa comunidade, ganhou estrutura para atender todas as mulheres que se inscreveram, o que diversificou

o perfil inicial do público-alvo. A duração foi de março a novembro de 2021.

No primeiro semestre, o tema foi “Conceição Evaristo”, uma escritora que apesar de muito divulgada é pouco lida pelas mulheres periféricas. A proposta expressa na divulgação das inscrições era: “Conheça Reveja Interprete – Faça um curso e leve três oficinas: leitura, escrita e editoração”. Sim, o grupo de leitura virou um combo literário! Para mulheres letradas ou não. Periféricas ou centrais, racializadas ou não. Entendemos a partir das inscrições recebidas que o nosso público era de mulheres com fome e sede de um espaço de reconhecimento no mundo, e que o lugar dado a elas numa sociedade excludente entrega mais afinidades do que diferenças, independentemente da alocação socioeconômica e cultural. Todas trazem atravessamentos doloridos, obviamente mais intensos à medida que descem os degraus da pirâmide social e a carga de melanina se intensifica.

Desta forma, os encontros passaram a contar com profissionais da área das Letras, que se autodenominaram para essa jornada como oficinairas: Drica Madeira, na época doutorando-se com sua tese “Entre cartas e afetos: teorizando a resistência feminista”, que ficou responsável pela oficina de leitura, e Alana Silva, professora da rede pública de ensino com experiência em oficinas para mulheres quilombolas, publicada pela FLUP – RJ, tendo a seu cargo a oficina de escrita.

No segundo semestre o tema foi: “Uma viagem pela

literatura que aborda a mulher no samba – Sua narrativa é registro e história, protagonize!”. O tema pretendia abordar a importância das mulheres na construção da sociabilidade na cidade do Rio de Janeiro, o histórico brasileiro da dificuldade em todos os níveis para que os escritos das mulheres deixem a obscuridade e saiam das gavetas, o apagamento das suas obras literárias e o desaparecimento da cultura da oralidade, bem como a metodologia de origem afro-diaspórica e originária como resultado colonialista e do avanço neopentecostal que demoniza tradições dessas culturas na sociedade.

O material de leitura foi exaustivamente pesquisado priorizando autoras mulheres, preferencialmente negras, porém não encontramos a temática desejada com esses pré-requisitos. O mais próximo disso que achamos foi um trabalho da Cecília Meireles, que dispensei, pois já na sinopse, estava o termo “folclore” como adjetivo para a cultura do samba, que se fosse folclore não serviria como base e registro da estruturação de sociabilidade numa cidade, então capital federal. Improvisamos com o romance do Paulo Lins, “Desde que o samba é samba”, no entanto, era extremamente incômodo num curso para mulheres, citando nossas ancestrais, não termos uma voz no lugar de fala adequado. Assim, chegamos ao livro “Perifobia”, da Lília Guerra, finalista em 2019 do Prêmio Rio de Literatura. Uma obra de contos reunidos, quase uma série com capítulos independentes que também pode ser lida como um romance. Tendo como personagens mulheres da periferia de São Paulo no momento atual, cada conto (ou capítulo) traz como epígrafes trechos de sambas.

Pareceu-me que as narrativas dialogavam vivamente com as personagens do livro do Paulo Lins, como se fossem efetivamente descendentes das personagens dele.

Não posso, no espaço que ainda me cabe aqui, descrever o que aconteceu no percurso desse projeto que originou os textos que você está prestes a ler. A parte concreta foram encontros (que em qualquer outro curso se chamariam aulas) de três horas, das 18 às 21h, quinzenais, nos dias de terça-feira. O intervalo de 20 minutos separava o encontro de leitura do de escrita, onde aconteciam debates sobre os textos produzidos e dissertações sobre o material lido. O acerto na escolha das obras ficou evidente no cruzamento que as participantes faziam com suas próprias experiências e o quanto isso as estimulava a produzir seus textos, não sem o incentivo dasicineiras, logicamente.

Nós testemunhamos o surgimento da capacidade de escrever de várias daquelas mulheres, o florescimento da escrita de tantas outras e uma maturação no processo de algumas que chegaram com livros já publicados. No decorrer do curso vimos o desengavetar de textos que venceram editais ocupar páginas de antologias; o rito de passagem de poetisas em escritoras de prosa; recebemos o comunicado feliz de mulheres que receberam prêmios por suas escritas “iniciantes”, o que me trouxe a percepção de que não eram tão iniciantes assim. No projeto agora grafado #LivresLivros, essas mulheres tomaram para si a liberdade que sempre lhes coube, mas ainda não estava em suas mãos.

O curso se encerrou em novembro de 2021, de modo que essa publicação certamente reúne uma amostra dos primeiros passos dessas moças na caminhada de apropriação do seu talento e direito à escrita. Elas hoje estão muito maiores, seguramente, com passos mais firmes, delineando sem tremores seus projetos autorais. Entraram nos seus vocabulários palavras como “mercado editorial”; hoje elas sabem a diferença entre editoras tradicionais e gráficas, prestação de serviços e editoria, pré-produção, produção, lançamento, e as etapas de cada uma dessas fases que constituem o voo da sua imaginação e desejo para as páginas que sempre serão delas, mas que passam a pertencer, também, a quem as lê.

Acolham essa leitura como uma primavera,

Rozzi Brasil

As manas na estrada

Por que tenho que dar conta de tudo?

Todos os dias me faço esta pergunta, principalmente quando sequer consigo dormir como gostaria. O meu sonho é poder acordar sem o som do alarme do despertador. É muito ruim acordar com vontade de continuar na cama.

Por que corro tanto? Olho para os lados e vejo a maioria das minhas amigas correndo para dar conta de tudo: filhos, casa, trabalho, relacionamentos... Todas exaustas sem saber como sair deste ciclo maldito.

Penso muito a respeito da quádrupla jornada a qual a grande maioria das mulheres é submetida. Cheguei à conclusão que somos vítimas do Patriarcado. Exagero? Não. Por que na maioria das casas a responsabilidade com trabalhos domésticos é das mulheres? Isto é tão naturalizado que sequer conseguimos refletir a respeito.

Observe os brinquedos que tínhamos quando éramos crianças. Meninas brincam com bonecas e meninos brincam de carros, jogos. Todos são adestrados para cumprir os seus papéis. As meninas são adestradas para cuidar da casa e da família. Já a maioria dos meninos não é educada para colaborar nos serviços domésticos.

A sociedade Patriarcal é muito exigente com as mulheres. Temos que ser cuidadoras de todos da família, precisamos ser bem-sucedidas profissionalmente e ainda devemos ser belas e bem-humoradas. A conta não fecha.

Vivemos numa sociedade doente que valoriza padrões inalcançáveis. A aparência é valorizada, o dinheiro é

o fiador das relações. Quem consegue ser bem-sucedido nesta sociedade? Poucos.

O sistema é tão perverso que a grande maioria das pessoas não questiona estes padrões. Muitas se empenham no malabarismo de papéis, acreditando que um dia serão reconhecidas. Que ilusão!

Enquanto isso, inúmeras mulheres se sentem inseguras quanto ao seu corpo e à sua imagem. Quem ganha com isso? A indústria dos tratamentos estéticos, dos suplementos alimentares, dos cosméticos, das cirurgias plásticas etc. Todas tentando se encaixar na caixinha.

Durante muitos anos vivi neste labirinto sem fim. Acreditava que o fracasso dos meus relacionamentos era culpa exclusiva minha. Inúmeras vezes me anulei para preservar um relacionamento, que hoje, percebo o quanto era abusivo.

Estou me desconstruindo. Este texto é uma breve reflexão de uma mulher que passou dos quarenta anos e que ousa viver livre dos padrões opressores desta sociedade doente!

acho graça
como os senhores
vendendo ostras
parece que chamam
as moças
e penso ter me enganado
pois esqueço que ostras
podem ser moças
ou outra coisa
que não entendemos
ainda

como alguém atravessando a rua
chama vem, mô
e eu escuto vem, moça
tornando a moça específica
qualquer outra ostra ou pessoa
que seja lida como ela

estou quase percebendo
alguma coisa
e atravesso também

*

querida prima ireide
te escrevo no verso desta foto
com meu nome

pra que não te esqueças
ao mostrar a 3x4 amarelada
às tuas filhas e netas
provocando-lhes espirros

conte-as quem já fui
e quem findei sendo
se não for pedir muito
diga que amei como neruda
ou como uma mulher

não te esqueças ireide querida
da prima que te preza

no tempo entre o envio e a entrega
posso te imaginar dizendo
essa foi testemunha
de meu casamento
vocês não chegaram a ver
saiu do sertão
pra se encontrar com a morte
na fortaleza

restam-me agora
os brincos
este colar de pérolas
e as recordações
com seu nome
escrito no verso

Feliz na tristeza

E o sorriso, sempre cobrado da figura feminina, lhe vinha fácil e espontâneo, assim como a repressão dos gestos e da fala, que não eram livres, soltos e jamais voluntários. De frente para uma plateia familiar, a jovem mulher, ali de pé, confirmava os ritos e promessas de amor até o fim da vida ao homem considerado como perfeito. E, assim, se anunciava e se consagrava o enlace, também apontado como excelente. A boa moça cumpriu essa meta merecedora de aplausos e congratulações. A meta? O matrimônio.

Por que o homem era perfeito? Por que ela era uma boa moça? Nem o moço e nem a moça ousariam perguntar, nem para a plateia, nem um ao outro e nem a si mesmos; mas sabiam cobrar, um do outro!

Da cerimônia ao término do pagamento das dívidas, passando pelo nascimento dos filhos e, por fim, ao tempo de acomodação, de um para com o outro, ambos seguiram fiéis às expectativas e às aparências. Cada um, a seu modo, se entregava ora mais ora menos ao enlace, à estrutura, às crias e pouco a si mesmos. Nos momentos de fuga, de tudo, de todos e da própria união, cada um buscava um espelho e borravam as maquiagens que eram retocadas logo em seguida. Algumas vezes lenta e dolorosamente, mas quase sempre de pronto e sem insistência nos questionamentos.

De tanto retocar, a maquiagem ficou velha e carcomia as peles que começavam a perder o viço. Havia uma certa

canseira em cada um, e muitas histórias que eram exaustivamente inventadas e reinventadas.

— Eu não caio mais nessa.

— Mas cai com o outro, né?

— Caio quando você tá com os outros também!

— Nunca estou com um ou outra. Sempre com todos.

Todo o mundo, minhas amigas, meus amigos, minha família, nossos amigos e...

— São companhias melhores que eu. Assume.

— E você, quem é ou são as suas melhores companhias?

— Não é você. E para você não sou eu.

De tanto repetirem esse diálogo, um assumia a fala do outro sem que nem percebessem. Quem dissesse primeiro:

— Eu não caio mais nessa-forçando a entonação do “eu”, dava a sequência nas acusações e o outro na defesa.

Até que, por fim, ela não sabia se o ponto final havia sido dado com um rapaz ou com uma moça. E também não sabia se a decisão de encerrar aquela novela particular da sua vida privada havia sido tomada por ela com uma amiga, com um flerte, com o apoio psicoterapêutico, o pastor, o zelador-do-santo ou no sexo fugidio escondido, até de si mesma, mas que acontecia em momentos de entrega e prazer, ou seria de fuga e prazer?

E, finalmente, quais eram as expectativas sobre o casamento? As aparências ruíram. A entrega dos sonhos um para o outro e de ambos aos sonhos em comum foi o que uniu os elos entre eles, o moço perfeito, jovem promissor, e a boa moça. Ao fim de anos de realidade, os sonhos também ruíram, e tudo o que não dependia unicamente

deles, como a procriação, não aconteceu ou pouco se deu.

Eram sonhos ou metas? Era status ou felicidade, tudo aquilo que gastaram horas, dias e anos repetindo e confessando? Resposta não tiveram, e, pelo bem de ambos e das crias, estas perguntas não fizeram.

Folheto premiado

Felicidade há muitos e muitos anos – séculos, até, queria se aproximar das mulheres, mas elas estavam sempre ocupadas com tudo menos com elas próprias, o que, por sinal, nem lhes era permitido. Seus cabelos foram puxados pelos homens das cavernas e depois pelos homens das casas. Como filhas, obedeciam aos comandos dos pais. Como esposas, dos maridos. Mandava-se e prontamente elas estavam ali para atender as exigências.

Acontece que Felicidade veio para acolher a todas e todos, e daria um jeito de fazer as mulheres felizes também.

Por um tempo as observou até se sentir próxima de uma delas, que, apesar de jovem, Felicidade iria chamá-la de Mulher. E esta, quando chegava à noite, cansada e solitária, se recostava no seu travesseiro e conversava com a lua, sonhando com alguma coisa diferente da sua rotina.

A casa onde morava com o pai e irmãos tinha o muro de grades de ferro, onde Mulher, entre um serviço e outro de passar, lavar, varrer, cozinhar, arrumar roupas e calçados, observava quem passava, o que faziam e, quando conseguia, o que falavam. Apenas no mercado, Mulher tinha a oportunidade de conversar com outras colegas e saber das notícias.

Foi então que Felicidade teve a ideia de começar pelo estudo e, numa dessas visitas ao mercado, ela soprou e um folheto parou nas mãos de Mulher.

Ela pegou o folheto, olhou, não sabia ler. Mostrou às outras e nenhuma delas soube dizer o que tinha ali naquele folheto que tão misteriosamente parou nas mãos de Mulher. A sensação foi de frustração. E a velha mudez, conhecida de cada uma, dominou mais uma vez o ambiente. Mulher, no entanto, rompeu o silêncio com um grito: Daremos um jeito de descobrir! Ela lembrou de ter visto passar em frente à sua casa uma senhora lendo um jornal e, com as mãos nas grades do muro, a seguiu com o olhar, conseguindo, por “sorte” ver onde a senhora entrou. Elas pagaram suas compras e foram bater na porta da tal mulher do jornal.

Gentilmente a senhora as colocou para dentro e leu o folheto.

“Todas as meninas poderão estudar e frequentar a escola primária.”

Felicidade finalmente viu um sorriso no rosto de Mulher. Elas comemoraram. No entanto, se deram conta de não serem tão meninas e que não poderiam frequentar a escola. Inquietas, pedem à mulher do jornal para ensiná-las. A senhora aceitou feliz o desafio.

No dia marcado, elas se encontraram e Mulher, ávida por novos desejos, viu na leitura a possibilidade de realizar os seus pedidos à lua. Tinha a leitura concedido à Mulher uma sensação diferente de todas vividas até aquele momento.

Dias se seguiram e, ao passar por um muro, Mulher leu a frase: “A felicidade mora ao lado” e ela se deu conta que de fato a felicidade sempre esteve próxima de todas, mas indignou-se com a ignorância que por tanto tempo

negou às mulheres esse estado de consciência, de satisfação. Lembrou da emoção que sentiu, quando leu pela primeira vez.

Ali, Mulher teve a certeza de que nunca mais deixaria esse gostinho escapar.

Felicidade deu pulos de alegria! Mulher pela primeira vez deslumbrou o sabor da felicidade e começou a anotar todas as coisas que achava ter esse mesmo gosto, o gosto da descoberta.

Felicidade, feliz, acompanhou de pertinho as mudanças nos atos de Mulher.

Ela primeiro muniu-se de coragem e gentileza, preparou as palavras e teve uma conversa com o pai que resistiu o quanto pôde. Seus sentimentos não permitiriam mais viver da mesma forma e, com essa certeza, mostrou-lhe que este era um caminho sem volta.

O pai de Mulher absorvia os argumentos da filha com admiração, mas também com receios, porque sabia o que ela enfrentaria. Por amor e medo apoiou as ideias que dia a dia brotavam no coração da filha. Ele pediu aos filhos para apoiar a irmã que, mesmo com todos os serviços de casa, tinha aprendido a ler e a escrever.

Ciúme e inveja entraram em conflito na cabeça dos irmãos. Pensavam na autonomia da irmã que, neste período, contava com dezenove anos e não aprovaram a novidade. Suas preocupações primeiras foram a opinião da comunidade, o que diriam os amigos? E depois com os serviços da casa, quem os faria? Mulher notou o egoísmo nas palavras dos irmãos. Porém o pai já convencido da vontade da filha, pediu aos filhos que colaborassem com

a convivência familiar.

Vencido o primeiro desafio, Mulher percebeu que a aventura a levaria a duras decisões.

A vida voltada somente para o lar não cabia mais na cabeça de Mulher e das outras. As novas movimentações femininas foram rapidamente contestadas por alguns senhores que notavam nelas inquietações que lhes fugiam do controle, e isso os deixava em fúria.

Ameaçavam, quando não partiam direto para castigos, prisões e violências físicas. Por um bom tempo assim elas viveram servindo a todos em suas vontades.

Mulher e as colegas se reuniam semanalmente para praticar a leitura e a escrita. Ela havia entendido a força da escrita e, a partir daí, um sorriso leve passou a enfeitar a sua face. As colegas perguntaram a razão do sorriso. – O que está acontecendo? Senhora Felicidade passou rondando por aqui, brincou Mulher com as colegas. – Quem é esta Senhora Felicidade que não conhecemos? Mulher já tinha pesquisado o significado da frase e, para mostrar como se sentia depois do aprendizado, deu vida à Felicidade.

Ela é dona de grande sabedoria e simplicidade. É capaz de transformar desafios em força e sair desbravando ponto a ponto todos os obstáculos que a impedem de seguir em frente rumo à convivência respeitosa, digna e feliz. Necessitamos de direitos como os homens, afinal de contas, somos nós que cuidamos deles, da casa, sem poder de nada desfrutar.

Se quisermos conhecer Felicidade, vamos encontrá-la. Imaginem todas nós unidas saindo pelo mundo quebrando barreiras.

Encorajadas com as palavras de Mulher, criaram um jornal. Seria o primeiro jornal totalmente feito por mulheres e para mulheres. No começo ela achou o máximo, e, o gostinho bom da felicidade, sentiu Mulher novamente. Entretanto, os artigos falavam de moda, etiquetas, culinária coisas que faziam parte da rotina das mulheres e que eram apreciadas pelo sexo masculino. Mulher deu os parabéns às colegas e seguiu adiante, continuaria a sua busca.

Estava cheia de vontade, sabia que teria muito mais a contribuir e resolveu pôr em prática a sua aventura. Pegou sua munição, a coragem e a gentileza, pois já havia aprendido que com elas conseguia suportar as provas duras da vida.

Ela seguiu, dividiu sua munição com um grupo e reivindicaram o direito de fazer faculdade. Finalmente conseguiram. Se formaram e alcançaram seus lugares no mercado de trabalho e a admiração de parte da sociedade. Mulher sorriu! Acreditando estar mais perto da felicidade.

A travessia sempre as fazia deparar com a intolerância do machismo, e Felicidade pensou no voto como meio de assegurar novas garantias. E, sempre ao lado de Mulher, a fez juntar-se a outras. Discutiram sobre o direito ao voto e foram às urnas. Mais tarde, ainda não satisfeitas, elegeram uma colega.

Mulher experimentou a cada conquista sensações fortes que faziam dela e das demais companheiras pessoas mais atuantes. Embora os pensamentos de descrença nas suas capacidades intelectuais se mantinham, elas caminhavam confiantes. Não desistiriam de conhecer Feli-

cidade.

Felicidade prosseguiu na luta e conduziu Mulher a redigir um documento em que fosse registrado as garantias conquistadas. Deram-no o nome de Estatuto da mulher. Dentre algumas vitórias constava nele o direito de a mulher não precisar pedir permissão ao marido para trabalhar, exigiram também constar o direito a receber a herança, a pedir a guarda dos filhos caso resolvessem viver separadas.

Mulher continuava suas andanças. Conheceu uma pessoa no movimento de emancipação das mulheres. Saíam para as reuniões, assembleias, passeatas e todo tipo de movimento. Nesta relação, Mulher sentiu um frescor diferente de outros frescores que vinha experimentando. Mulher estava apaixonada! O casamento aconteceu, nos moldes clássicos, igreja, convidados e festa.

Ela agora fazia suas andanças acompanhada. Nos momentos de alegrias e de angústias, pois todos os objetivos, antes e mesmo depois de alcançados, exigiam muita disposição. Prisões, fugas... Os embates os preocupavam, mas Mulher acreditava estar a cada passo mais perto de Felicidade. E tinha muito mais a conquistar. Os embates eram vistos como pontos de aprimoramento. Porém, ele temia por suas vidas.

Até que o relacionamento dos dois apresentou interesses distintos, cada vez mais presentes, resultando no fim da relação. O que fazer, quando cada um quer uma coisa? Mulher pensou no estatuto da mulher, na lei, e mais uma vez foram elas mostrar à justiça que lei no papel era fundamental. No entanto, a relação conjugal ia muito além

do papel. Desejaram o direito legal de viver sem a tutela do marido. Criaram a lei do divórcio.

Mulher, divorciada, recebia olhares julgadores. Ela deu uma olhada para trás e lembrou do tanto de flechas atiradas e riu, imaginando o momento do seu encontro com Felicidade. E caminhou, e jogou.

Jogou futebol! Isso mesmo. Mulher podia entrar num estádio, podia cantar, dançar, sentar-se no bar, elas podiam muito mais.

Tanto poder para elas mexeu demais com a covardia masculina, com os abusos domésticos.

Maria, uma colega farmacêutica, sofreu violenta agressão física e perdeu os movimentos das pernas. Viveria o resto da sua vida em cadeira de rodas. Com o agressor, marido de Maria, nada aconteceu. Não era possível! Lutaram e, após 20 anos, o seu agressor foi preso. Depois deste ocorrido, outras leis de garantias foram criadas. Lei Maria da Penha, Lei do feminicídio, lei do assédio. As agressões contra mulheres se tornaram crimes.

Felicidade o tempo todo observava a garra da Mulher e foi ao seu encontro. Mulher respirou fundo e, lentamente, permitiu sentir a brisa em seu rosto. Uma sensação de alegria e calma a envolveu completamente. – Mulher, como se sente, minha amiga? Pergunta Felicidade. – É você, Felicidade? Você existe mesmo. Estou emocionada, entusiasmada, feliz por todas as realizações alcançadas. – É, Mulher, a cada ponto combatido estive ao seu lado e ao de tantas que me desejavam. – Então Felicidade, você é a responsável pelo folheto no mercado? – Sim. Toda vez que fizeste o bem para si e para a sua sociedade estava a

soprar em teus sonhos e a te inspirar, pois é isto que viemos fazer aqui. Realizar sonhos justos para a humanidade. Pode dizer agora que és feliz? – Certamente sim. E sei também que precisamos levar felicidade para outras. Mulher gentilmente agradece à Felicidade a coragem recebida e, juntas, viram-se para a lua, levantam o braço cerrando o punho e sorriem.

Colcha de retalhos

Entendeu que havia nascido antes da hora quando aos seis anos viu em uma das poucas fotos do casamento dos pais que estava presente na imensa barriga que a mãe portava. Ela já tinha visto aquela foto tantas vezes, mas sua inocência não a permitira se atentar a esse detalhe. Foi preciso que a própria mãe apontasse na foto e dissesse “e foi assim que meus sonhos acabaram”.

Em outras conversas familiares foi ouvindo detalhes que foram agregando dor e sabedoria. Tudo que ouvia era feita uma nota mental e ela pensava, vai chegar o momento de usar cada saber recebido independente de quando ouviu ter gerado bons ou não tão bons sentimentos. Foi fazendo essa colcha de retalhos e, no dia que chegou o momento de exercer sua autoridade familiar, se cobriu com essa colcha de força, histórias de vida e foi.

Perder o pai aos 12 anos, ver seu último olhar e sentir sua última respiração não foi o último ensinamento passado por ele. Depois de sua morte, foi ela quem saiu e avisou ao time de futebol que o esperava no bar da esquina para o jogo de sábado à tarde. Depois seguiu visitando familiares e amigos, informando-os da perda que a atingira brutalmente, mas ali seu papel era, além de dar a notícia, tentar acalmar quem ouvia.

Nesse caminho difícil levou agarrado a seu braço o único irmão, que tinha, então, 08 anos. Em nenhum momento ele proferiu palavra, só chorava até dormir e, quan-

do acordava, voltava a chorar. Seus pais estavam separados e eles estavam morando com os avós e o pai. Seu pai era filho único, sua avó precisou ser contida por vizinhos que menina clamou ajuda para impedir que sua avó se jogasse da janela. Seu avô paralisou, estava ali sentado olhando para o nada, permaneceu assim.

Conseguiu um vizinho que tinha carro para levá-los aos diversos endereços que precisava comunicar o acontecido. Conseguiu as vizinhas que acolheram sua avó, e alguns vizinhos homens que receberam a funerária com seu avô para que ele não fosse enganado nesse momento difícil. Mas antes de sair, separou os documentos do pai e juntou ali a constatação de óbito que o médico da ambulância que pediu para sua avó ir telefonar quando viu que os minutos finais estavam chegando, assim sua avó não perceberia a partida. Tudo ajeitado em casa, abraçou seu irmão, entrou no carro do vizinho e foi cumprir seu papel de ser responsável pela família aos 12 anos.

Daí em diante nunca mais tirou sua proteção de retalhos de saberes, que com o tempo virou sua pele, mas sempre remenda a pele com novos saberes e substitui os que se rasgam. Às vezes sobrepõe uns saberes sobre os outros, ação que acaba por endurecer e tornar perceptível que ela é uma mulher que não tem medo de viver e nem de morrer. Mas ela esconde que tem sim um grande medo, o de sofrer, já que muito cedo entendeu que com a morte não tem negociação, estar viva é certeza inegociável que vai morrer. Então chutou a bola pra frente e foi jogar seu jogo, driblando dificuldades e derrubando o necessário. Sua avó e sua mãe foram a empoderando através de suas

próprias vivências, ela observava e aprendia. Durante seu percurso foi agregando também os saberes de encontros potentes que lhe surgiam.

Sua mãe trabalhou desde criança na casa de famílias conhecidas. Adolescente, foi trabalhar em uma grande fábrica de tecido como fiandeira. Quando aos 18 anos engravidou, foi morar com o namorado e casou, mas nunca teve a segurança de um lar e nunca pode ser mãe de família dedicada aos filhos. Para que eles e ela própria tivessem o que comer, voltou a trabalhar como fiandeira em outra fábrica.

Os filhos foram inicialmente cuidados por suas irmãs, mas logo faltou dinheiro do aluguel e foi necessário entregar o imóvel, lhe restando a opção de morar com os sogros. Assim trabalhava, produzindo sustento e não precisava pagar moradia e alimento. Sua sogra cuidava das crianças que, nesse momento, já eram duas e ela conseguia ser mãe nos feriados e finais de semana. Tudo aparentemente tinha se ajeitado já que as mulheres se entenderam e partilharam os cuidados familiares.

Não era bem assim que realmente acontecia, pois os homens da casa, que eram pai e filho, nem se falavam. As mulheres conviviam, mas as intervenções que muitas vezes uma ou outra fazia na função de amenizar algum desacordo familiar que poderia causar um mal maior, gerava também motivo de não existir entre as duas um carinho real.

Um dia, esgotada dessa vida, deixou os filhos que ali eram muito bem tratados e partiu sem ter pra onde ir, mas um lugar onde pudesse manter sua dignidade. Coube a

avó então dar sequência a criação dos netos, o que, na verdade, ela gostou muito e fez com total dedicação até o fim da sua vida. Ainda no momento da partida a mãe segurou o braço do filho menor e disse a ele: “- Olha no olho da sua irmã, de hoje em diante você vai respeitar ela como se fosse sua mãe.” Acontece que o menino tinha 6 e a menina tinha 10, mas eles entenderam e a responsabilidade dada foi exercida pelos dois da melhor forma.

Quantos saberes aquela avó pode ofertar aos netos e de tão sábia forma. Era filha de um português de Cabo Verde com uma mestiça brasileira. Família pobre, muitos irmãos, moravam no bairro da Saúde e foi morar com a madrinha ainda bem menina para aliviar os gastos familiares. Foi tratada como empregadinha, era mal alimentada, dormia no chão e o leite que bebia era o que sobrava no pires que servia de apoio ao pote do gato.

Foi estudar pois queria muito ler, mas durou pouco essa alegria. Quando ela cursava o terceiro ano, algumas meninas bateram na sua irmã mais nova. Ao saber do acontecido, se uniu à mais velha e, junto com a mais nova, enfrentaram todas as valentonas. Eram muitas, mas todas tinham pele clara, então só ela e as duas irmãs todas negras foram expulsas do colégio. Nunca mais ela poderia estudar pois ser expulsa da instituição pública implica em nunca mais ser admitida por outra.

O pouco que aprendeu ela desenvolveu lendo livros pela vida toda os mais diversos temas. Foi trabalhar, pois é necessário sobreviver, e com seu primeiro salário bebeu muito leite na Leiteria Mineira, onde tanto sonhou entrar. Alguns empregos depois foi trabalhar como babá, e foi

nessa casa que conheceu um rapaz que morava na rua e foi acolhido, se apaixonou e casou.

Eles tiveram apenas um filho, mas ela criou três, e a satisfação de ter casa própria e alimento para acolher seus netos foi o que lhe permitiu seguir viva, mesmo quando a morte levou seu filho. Quanto saber ela pode dar, a vida tinha lhe ensinado muito e suas vivências ela dividiu. Eu agradeço a minhas mãe e avó, tenho uma colcha de retalhos muito forte, e a trama que costuro nenhum mal perpassa.

Conversa de mulher

A vida da mulher é uma dádiva,
Às vezes, me pergunto:
“Por que tão encharcada de lágrimas?”
A jornada é sempre de batalha.
Sai de casa vigilante,
Qualquer vacilo é angustiante.
Tudo é responsabilidade da mulher.
A violência doméstica, o assédio, a fofoca.
Sem liberdade a alma sufoca
Maternidade é uma escolha,
Todavia, sem educação, como compreender a situação?
Mal tem tempo para si, antigamente não era assim
Antigamente era pior
Calada, abusada, invisibilizada,
Traída, obrigada a criar sozinha a cria.
Algumas ainda vivem assim
Batem no peito: “Eu que escolhi”
Escolhas, são nossas?
Ainda mal remuneradas, se somos exigentes somos taxadas: doída
Nessa corrida diária o que nos torna mais fortes é a união
Aí ninguém nos segura, aperta ou se esfrega
Quando uma mulher apoia a outra.
A beleza do encontro
Abala as estruturas patriarcais,
Vence a hipocrisia

Porque é necessário a voz ser ouvida,
A dor ser confortada
A mulher ser cuidada também
Uma vez, duas vezes, quantas vezes forem necessárias
Conversem
Mulheres gritem: “Nunca mais! Basta!”
Uma segura a mão da outra
Como uma roda de ciranda
Mulher aprende e ensina:
Você é dona do sim e do não.

Você é grande, menina!

Não sabia que a vida lhe reservaria grandes surpresas, é verdade. Não sabia até onde poderia chegar, sabia que chegaria. Por um momento, para, olha e procura no reflexo os anos devolvidos ao seu rosto. No espelho, o cabelo reluz o brilho da idade: vida que se constrói cotidianamente. Viver é bom, ainda que não seja fácil. A cor se transformando, os anos transparecendo no grisalho são registros que não se apagam. Pelos pintados, descoloridos, já não guardam para além os segredos da juventude. O tempo sempre chega e isso é bom, é viver.

No rosto, o sorriso de quem vê e se vê tal como é, sem rótulos ou rotas impostas pela opinião alheia. A intimidade com o espelho é quase palpável. Embora, às vezes, embaçado, reflete sinceridade nessa troca.

Ah, esse tempo... Os anos que a vida lhe deu não se medem no que ainda está por vir. A conquista é diária e agora pode contemplar isso todos os dias ao olhar-se no espelho, que parece corresponder a seus pensamentos, como se a conhecesse melhor do que ninguém.

“Você é grande, menina!” Era o mantra que refletia todas as manhãs e com o qual ela se nutria. Era repetir, sentir e (re)viver: “Você é grande, menina!” E isso fazia toda a diferença.

Patricinha da roça

No interior do Maranhão, num município chamado Palmeirândia, existia, aliás existem vários povoados. O nome do povoado que a minha família morava se chama Japão. Isso mesmo, Japão, no interior do Brasil. Nessa terra, em março de 1974, exatamente às 18 horas, uma mulher que estava grávida capinando roça se sentiu mal, foi em casa rapidinho tomar água pra ver se melhorava. Só que essa dor nos quartos, ao invés de melhorar, só piorava. Era a dor do parto, eu estava nascendo. Minha Mãe, uma mulher preta, forte, filha bastarda, estava parindo a sua segunda filha. Me pariu sozinha. Ela até hoje fala com cara de felicidade que nasci rápido, que nunca dei trabalho, nem na hora de nascer.

Sou filha de uma mulher preta com um homem branco, a família do lado do meu pai era toda branca e tradicional, enquanto minha mãe era filha de mãe solo. A minha bisavó deu minha mãe para uma família branca e abastada porque a minha avó já era falecida e as condições delas eram bem precárias. Não posso falar de mim sem falar dos meus pais, da minha família. Se não falar um pouco deles, a história vai ficar incompleta, sem sentido algum, pois sou a extensão deles.

Mudamos do Japão para outro município, Macaxeiral. Lá vivi toda a minha infância junto com os meus quatro irmãos, tivemos uma infância muito feliz. A gente brincava com terra, tomava banho na chuva, brincava de queimado,

de roda, de adivinhações, de casinha. À noite a minha mãe contava estórias. Era uma menina muito esperta, chamava a atenção de todos, era pra frente a forma como eu me expressava quando um adulto conversava comigo.

Pois bem, essa forma que eu tinha de ser pra frente incomodava muita gente, não sabiam lidar com uma criança precoce. Então começaram a falar umas coisinhas do tipo: “Só quer ser!”, “Fala demais!”, “É mandona!”, somente pelo fato de eu ter iniciativa e dizer que queria mandar em todos. Na verdade, eu era bem diferente da minha realidade, estava um pouco “à frente”. As minhas roupas chamavam atenção, era respondona, fazia amizade com pessoas mais velhas e elas gostavam de conversar comigo, isso incomodava muito. Colocaram um apelido em mim que odiava, não via graça nenhuma e faziam questão de me chamar de Xota. Mesmo com todo esse constrangimento, eu era feliz.

Fui alfabetizada pela minha mãe, uma mulher confiante e amorosa. O meu pai tinha fama de muito bravo e todos no povoado respeitavam ele. Tinha uma grande qualidade: gostava de ajudar os outros. Eu era criança, mas lembro do jeito dele. Às vezes pedia para minha mãe arrumar alguma comida para ele levar a quem tinha visto passando fome. Essa atitude é muito forte na minha memória. Ele se preocupava com o próximo, os dois se preocupavam com o próximo.

Eles trabalhavam muito, eram muito bons no que faziam. Tínhamos uma vida rural confortável. Um belo dia a minha mãe falou que a gente ia se mudar para uma cidade pequena chamada Pinheiro, ainda no Maranhão. Fiquei sem entender, mas ela explicou depois, falando que

seria bom, pois íamos estudar em escolas melhores, que precisávamos estudar para sermos independentes e não trabalharmos na roça como ela e meu pai.

A vida em Pinheiro era bem diferente da roça, lá a gente era diferente, a nossa vida não era tão confortável. Foi uma fase difícil, era o início da minha adolescência. Achava estranho que na nossa casa não tivesse televisão. Mesmo assim, era viciada em novela. A gente ia assistir na casa do vizinho contra a vontade da minha mãe, é claro!

Os meus pais sempre foram comerciantes. Em Pinheiro, trabalhavam na feira, tinham barraca de legumes e eu os ajudava na feira pela manhã e estudava à tarde. Também ajudava a cuidar da casa e dos meus irmãos menores. A minha mãe lavava roupas para fora e eu, como sempre, a ajudava. Tinha meus afazeres desde cedo. Mas também tinha o momento de brincar: gostava de andar de bicicleta e de brincar de casinha. Tinha muitos amigos, sempre fui popular. Fazia amizade muito fácil. Aquela menina da roça “pra frente” continuou.

Em Pinheiro, não pegavam muito no meu pé. No entanto, quando vinham aqueles parentes da roça, socorro! Era aquela chatice! Pegavam no meu pé, se incomodavam com o meu jeito de ser, só que havia um problema: eu já entendia a agressão, a toxicidade deles. Não tomava nenhuma atitude, até porque, naquela época, os adultos sempre tinham razão. Crianças e adolescentes tinham que “respeitar”, senão apanhavam. Ouvia desses, a quem tinha que respeitar, piadas do tipo: “Não sei o que adianta querer ser, se carrega bosta na barriga!”. Desnecessário, eu era uma pessoa que respeitava a todos e até tomava a

benção... Imagina tomar a benção para umas pessoas que não gostam de você só pelo simples fato da sua existência incomodar?

Atribuo a essas vivências a minha perda progressiva da naturalidade. A menina que gostava de ser “pra frente” foi se reprimindo, perdendo a concentração. O rendimento na escola foi caindo...

Na minha família todos cozinham bem, mas quando eu ia cozinhar, falavam que a comida ia sair discursulada. Na mesa era piada, riam do macarrão que preparava. Chamavam de grudento. O pior é que era mesmo. Comecei a ficar tensa na hora de cozinhar. Veio o relaxamento. Minhas roupas eram sujas. Não cuidava muito de mim. Fui ficando largada... Daí me tornei um pouco rebelde, chegando a enfrentar a minha mãe. Respondia os mais velhos, conversava durante a aula, perturbava. Às vezes me sentia triste, sozinha, achando que ninguém gostava de mim. Tornei-me antipática e porca. Gostava de um menino que não me dava bola. Como viver se tornou angustiante...

A minha madrinha morava na mesma cidade. Passei a fugir dos meus e de mim indo para a casa dela. Entretanto, ela gostava de me explorar. Sempre que ia para lá, me colocava para cuidar da casa. Naquela época quase ninguém tinha máquina de lavar, ficava a manhã inteira enchendo água no poço e lavando roupas, mas não percebia que era exploração. Ela costumava se fazer de boa alma e trazer meninas da roça, dizendo que era para estudar. As famílias acreditavam na boa intenção dela e enviavam suas meninas para serem empregadas, exploradas. Elas, como eu, não tinham noção das reais intenções da minha

madrinha...

Ela sempre me dava um agradinho e ficava feliz da vida. A casa dela era um ambiente diferente, tinha até televisão. As famílias abastadas do Maranhão, mesmo as do interior, costumavam fazer uso dessa prática, a de trazer as meninas da roça alegando criar, colocar para estudar. Os pais confiavam, achando estarem ajudando as filhas a melhorar de vida. Essa é uma realidade bem triste. Garotas, a maioria pretas, tendo os sonhos e a mocidade violados...

Infelizmente a exploração faz parte da minha história, da cultura do meu Estado, se é que podemos chamar essa crueldade de cultura. Ao meu ver, é uma forma de escravidão, já que as meninas que viviam nessa condição não recebiam um salário pelo trabalho pesado que desempenhavam diariamente. Existiam até casos de estupro... Na escola, tinha várias amigas da roça que viviam nessa situação. E eu, talvez por não ter acesso à informação, não tinha ainda noção de que a minha condição na casa da minha madrinha era de exploração e vulnerabilidade. Lamentável!

A minha mãe sempre teve um olhar ampliado, visando o futuro. Ela conversou com o meu pai e eles acharam melhor mudarmos para a capital, São Luiz. Lá fomos nós. Não lembro exatamente a idade que tinha. Lembro que era adolescente, somente. Eu e minha irmã mais velha fomos na frente por causa das aulas que iam iniciar. Na época era muito difícil “viajar por cima” - era a forma de falar “viajar pela estrada de terra”. A forma mais fácil e barata era de Ferry Boat, uma balsa gigante que transportava de tudo,

até veículos. Naquela época, a baía de São Marcos ficava dias seca. Como eram dias de baía seca, ficamos dois dias dormindo no chão do Cujupe, o nome do porto onde se embarca no Ferry Boat.

Estávamos com os nossos tios, menos mal! Não levamos comida, estávamos sem dinheiro, não existia essa coisa de celular. Sem banheiro para tomar banho, o único jeito era esperar. Fizemos amizade com uma menina, moradora do local. Foi a nossa salvação. A mãe da garota nos ajudou dando comida, deixando a gente tomar banho... A viagem não começou boa, mas conseguimos embarcar. Chegando em São Luiz, fomos morar em um bairro novo (invasão) chamado Bom Jesus. O lugar era um loteamento precário, a nossa casa era de taipa - uma casa feita com barro ou terra. O terreno era grande, bem legal, mas não tinha asfalto, saneamento básico. Dava água uma vez por semana. Para lavar roupas era um caos. A gente ficava um dia inteiro lavando tudo. Toda a vizinhança se reunia para lavar roupa no mesmo dia e no mesmo lugar. E o ritual era o mesmo: a gente ia com baldes pegar essa água juntos toda semana.

Era uma vida bem difícil, mas a gente acabou se adaptando. Fiz amizades, brincava na rua de queimado, tomava banho na chuva. O bairro foi crescendo, com o asfalto e o saneamento básico veio a violência, tornando aquele lugar uma periferia perigosa. A violação de direitos era muito presente naquele local. Os meus pais continuaram trabalhando na feira e a gente ajudando. Tinha que acordar às três da manhã para montar barraca. Era dividido: cada dia um ia. Estudava à tarde, a escola ficava a trinta minutos

da minha casa. Às vezes tinha que ir andando porque não tinha dinheiro para pagar a passagem. Próximo ao nosso bairro tinha um bairro “nobre” e algumas dessas pessoas pegavam ônibus. Quando nós da periferia íamos pegar o ônibus, essas pessoas ficavam com medo da gente. Tinha uma outra situação: quando uma de nós não tinha dinheiro de passagem, a gente passava juntas na roleta. Só que tinha uns cobradores que não deixavam passar e, por isso, éramos obrigadas a descer do ônibus e ir a pé.

Tive uma fase em que eu gostava de ficar conversando com minhas amigas na calçada. Minha mãe percebeu que precisava me ocupar mais. Me colocou para fazer cursos, sempre dizendo que era importante estudar. Incentivava mesmo, dava oportunidade, mas precisava trabalhar. Conseguia fazer as duas coisas, mas não me dedicava tanto. Tinha sonhos, queria ser uma executiva, viajar bastante, dar palestras. Falavam que era metida, que isso não era para mim. Gostava do lugar onde morava, mas não me imaginava naquele meu lugar. Era como se eu tivesse asas, mas não conseguisse voar.

Como sempre, tinha muitos amigos. Namorados, nenhum. Uma tia dizia que eu escolhia muito. Verdade! Tinha minhas preferências. Gostava de homens mais velhos e bem inteligentes, precisava de incentivos. Com vinte anos de idade, ainda solteira e morando no Bom Jesus, tinha tentado vestibular por duas vezes e nada. Cheguei para a minha mãe e falei que queria viajar. Ela não concordou. Não queria deixar ela triste. Nesse meio tempo, uma amiga me falou que tinha uma pessoa que estava precisando de uma babá, mas essa pessoa ia se mudar para

o Rio de Janeiro. Foi então que pensei: É agora! Acertei tudo, vim com essa família para o Rio trabalhar no bairro da Urca, um lugar maravilhoso. Mas o meu sonho ainda era estudar e viajar. A família foi à frente e eu fui depois.

Viajei de ônibus durante três dias. Com a minha facilidade em fazer amizades, conheci uma mulher no ônibus. Me falou da vida dela, que não tinha filhos, mas tinha um sobrinho. Em minha mente, pensei: “Vou namorar esse sobrinho!”. Cheguei nesta cidade em fevereiro de 2008, em um dia de muita chuva. A cidade estava um caos, tudo alagado. A tal família para quem eu ia trabalhar não conseguiu chegar até a rodoviária, mas a família da minha colega do ônibus conseguiu. E o sobrinho dela estava junto...

Naquele dia, ela foi um anjo na minha vida. Ia ficar sozinha na rodoviária e ela me levou para a sua casa. Fiz amizade com o sobrinho que, por sinal, era um gato. No dia seguinte, como ele sabia que eu ia embora, antes de sair para o trabalho, colocou um bilheteinho debaixo do meu travesseiro. Ali ele explicava como eu poderia fazer contato com ele. Que lindo!

O conto de fadas acabou logo, pois tive de voltar ao que me propus. Lá fui eu para a casa dos meus futuros patrões, na Zonal Sul do Rio. Era para eu ficar um ano com eles, mas não me adaptei. Foi complicado. Sentia muita falta da minha mãe, da minha família. Até fiz contato com uma tia que morava no Centro. Ia passar os finais de semana com ela, passeava, era legal. Mas a cada dia ficava mais carente. Nesse período, comecei a namorar com o tal sobrinho da minha colega. Era muito bom! Parecia que ele me completava. Um fofo! O aconchego dele conseguia

distrair a saudade que sentia da minha família. Nesse intervalo, fui morar com a minha tia, na verdade, com umas amigas dela. A gente dividia apartamento na rua Carlos Sampaio, no Centro do Rio. As pessoas que me empregaram tentaram de tudo para que eu ficasse com eles. Não conseguiram. Ficaram chateados.

Morando no Centro, trabalhei em uma confecção, fiz algumas amizades, depois trabalhei como recepcionista em consultório de estética. Foi uma virada de chave. Aprendi muita coisa relacionada ao trabalho. Não tinha quase nenhuma experiência na área, mas soube aproveitar a oportunidade. Havia feito um curso de manicure em São Luiz. Me saí bem, as pessoas falavam que era muito boa nisso. Como o salário do consultório não era muito bom, nos finais de semana atendia como manicure. Continuava estudando, tentando fazer uma faculdade, mas nada. Pouca sorte nos estudos, boa sorte no amor: continuava namorando com a mesma pessoa.

Decidimos morar juntos, não foi uma boa ideia, mas continuamos. Às vezes ele era agressivo nas palavras, me criticava muito. Parecia que estava voltando no tempo da minha infância, da minha adolescência, quando eu era muito criticada. Me chamava de fresca, metida. Dizia que eu não servia pra nada, que eu nunca chegaria a lugar algum, que eu era uma patricinha da roça. As palavras eram duras, entrei em processo de insegurança. Ficava triste, não me achava bonita, parei de estudar, parei no tempo. Continuei trabalhando porque as pessoas gostavam do meu trabalho. Em casa, era explorada, só chorava. Um dia ele saiu para o trabalho... Já havia alugado uma casa. Cha-

mei um caminhão e fiz a mudança. Levei tudo o que eu havia comprado. Foi a melhor coisa que fiz!

O não mais fofo ficou um mês ligando, me procurando. Conversamos. Viu que eu podia viver sem ele. Voltamos.

Iniciei o curso de Enfermagem. Queria participar do programa Médico sem Fronteiras. Quando estava no segundo ano, engravidei. A gestação era bem delicada. Acabei trancando a faculdade e adiando meu sonho, ou pior, colocando-o em uma gaveta. Tive um menino, fiz o curso de Técnico de Enfermagem, mas ainda não estava realizada, esse não era o meu sonho.

Não achava justa a minha vida, chorava, ficava triste e reclamava. Durante muito tempo senti raiva de mim pelas escolhas que havia feito. Casar, ser dona de casa nunca estiveram nos meus planos. Às vezes pensava que só sonhar não era suficiente. Era preciso ir além, lutar pelo que queria, romper os ciclos que me podavam. Precisava ser corajosa.

Nem sempre estar com alguém significa que estamos acompanhadas. Às vezes nós somos a nossa melhor companhia, o nosso apoio. O outro, que deveria somar, ajudar, fortalecer, acaba atrapalhando a nossa trajetória rumo à realização dos nossos objetivos.

“Eu Sou Mulher, Eu Sou Feliz” é uma verdade na minha vida hoje. Cheguei a essa conclusão porque realizei o sonho que lá atrás sonhei para mim. Estudei, passei a cuidar mais de mim. Não sei se a mulher já nasce feliz ou se precisa batalhar, como eu, para alcançar a tão sonhada felicidade. Às vezes penso que a felicidade está no interior

da gente, esperando ansiosa pelo dia que será encontrada. Acho que a encontrei ao aprender a dar valor à minha própria companhia. Devo estar doida, né?

Depois desse grande encontro, o veneno da fala negativa do outro sobre mim perdeu o efeito. Todo o trauma de infância se foi. Me libertei do que não me impulsiona para frente, concluí o curso de Serviço Social e passei a estar atenta à minha saúde mental, ao meu corpo social e histórico, à minha subjetividade.

Recomeço

Falar de mulher é descortinar um universo de possibilidades em um ser de múltiplas facetas que não mede esforços para cuidar dos que ama sem esperar retribuições ou elogios, simplesmente fazendo o que é necessário.

Educada para ser dócil e obediente, escuta sem responder, cresce calando ou o cinto canta. Por ter nascido primeiro tem que dar o exemplo e cuidar dos irmãos menores, arrumar a casa, estudar, não responder aos insultos dos colegas na escola, correr de brigas ou o cinto canta. Não aprendem a cuidar de si, atropeladas pelas necessidades diárias da família crescem e até se desenvolvem, mas interiormente não se percebe ou conhece, apenas repete modelos aprendidos como uma engrenagem, passada de geração em geração.

Quando essa menina chega na idade madura, muita coisa aconteceu e mudou em sua rotina: se casou, teve filhos, os pais amorosos voltaram pra casa, tudo passou a girar em torno dela, das necessidades dos filhos, obrigações com a casa, trabalho, estudos, suas próprias necessidades e, por mais que acertasse sempre, teve dedos apontados para si, acompanhados de críticas, gritos, sem direito a sonhar pois sonhos são bobagens, coisa de quem não tem o que fazer.

Essa mulher se sente perdida, chora sem colo ou aconchego todos os projetos, sonhos, desejos e sentimentos que foram adiados, sem condições de serem retoma-

dos, percebe que a vida se vive dia após dia, sem direito a rebobinar a fita, apagar etapas, consertar enganos ou começar do zero.

Sem forças ou coragem para recomeçar não vislumbra nada a sua frente, porque não aprendeu a se conhecer e se amar em primeiro lugar

Essa criança sou eu, é você que cresceu buscando melodias, dançando, cantando no ritmo tocado sem poder tomar decisões e, por inúmeras vezes, conseguir dizer sim ou não para si mesma, para o seu corpo e vontades.

Na casa repleta de espelhos percebo que mesmo assim não me vi, não consegui me enxergar de verdade, saber escolher um caminho que melhor me definisse e realizasse. Os cabelos cresceram sem notar, sempre presos em coque por muitas vezes sem passar uma escova ou pente. Ao sair na rua, alguém sempre faz questão de me chamar atenção para a mulher exuberante que um dia fui, com os cabelos cortados com navalhete, bem curtinhos, que ditou moda no bairro, o vestido vermelho que mostrava o corpo definido e as argolas grandes, douradas, chamando atenção, encantando e provocando olhares de cobiça. Tempo nem tão distante, onde tudo passou despercebido e, sem entender, completamente distraída, não notei o quanto podia ter ido além se parasse um pouco e simplesmente me olhasse.

Muitos dedos foram apontados para meu sorriso que tanto incomodava.

Embalei a vizinhança por noites e madrugadas com meu canto tendo a lua como companheira e poeta, nos amores contados e rasgados em melodias de um tempo

não vivido que me inundava de nostalgia, amigos que até hoje enviam mensagens com músicas que me ouviram cantar e não esquecem, algumas canções eternizei em suas memórias mas apenas eu sabia porque cantava:

Quando precisava chorar

Quando precisava me sentir feliz

Quando precisava ter forças

Quando precisava de fé e esperança

Quando precisava desabrochar e florir

Quando precisei me encontrar

Quando precisei deixar o filho na porta do centro cirúrgico

Quando tive três abortos involuntários que, no fundo, não desejava

Cantei pra me perdoar e seguir sem culpas, que mesmo assim me acompanharam por anos

Cantei, bordei o enxoval do caçula que tive que deixar na UTI neonatal aos 5 dias de vida

Enlouqueci muda, aos prantos de dor, o procurando debaixo do meu edredom embolado

Cantei muito em cada aniversário deles e o faço até hoje, comemorando a vida

Foram muitos os momentos em que também fui mãe da minha e mãe do meu pai, adiando projetos cuidei das necessidades de cada um a seu tempo e, na esperança de um breve retorno, segui confiante Estiquei os braços para acolher cada momento, sempre cantando e sorrindo, por vezes cantando em reza de agradecimento aos céus pelos encontros e despedidas

Sem perceber, adoeci, sangrei na alma, entristecendo

o sorriso, emudecendo o canto. A estação do rádio mudou, a tecnologia tomou força enquanto, inerte, morria e vi nas drogas legalizadas o aconchego de abraços não trocados.

Mais uma vez senti o peso dos diplomas nos dedos apontados em minha direção para minha incapacidade de produzir.

Renasci com a chegada de cada netinho, aos poucos fui retomando a clareza de pensamentos e fala. Longe de recuperar totalmente, iniciei na oficina de leitura, escrita e editoração #LivresLivros, e com a acolhida e não julgamento recomecei a escrever, sendo conduzida sem perceber por questionamentos e leituras. Um dia me deparei ouvindo as músicas que compus e musicalizei para cada netinho. Outras músicas vieram, senti como que fizesse as pazes com meu canto ou meu canto voltasse pra mim. Em todo lugar a escrita presente me ajudou na travessia, des-cortinando um novo cenário onde tudo é possível, inclusive ser escritora, cantora, compositora, um ser criativo, conseguir ler e assimilar, gravar frases, realizar pequenas coisas cotidianas

Em todos os momentos aguardei a chegada de uma nova caminhada, olho pra trás com carinho e percebo o quanto fui forte e sou abençoada.

Sim! Sou forte como todas as mulheres que me antecederam e me trouxeram até aqui, mostrando resistência, coragem e persistência.

A força vem do ser mulher que tem o poder de gerar em seu ventre vida, que dos seios jorram o alimento necessário enquanto o coração pulsa e ensina sobre amar e ter gratidão.

Por tudo agradeço a caminhada e o prazer em ser mulher e ser feliz! Enquanto sigo a trilha, caminho com outras mulheres inspiradoras que ensinam de todas as formas e modo um jeito novo e simples de viver como nos trechos extraídos das músicas “Sou a Lua do Sertão”, “O Milagre”, “Não É Não”, “Antes Só”, “Sou Nascente”, “Briham Ao Escurecer”, “Deixa Comigo”, “Saias e Cor”, “Lida do Amor”, “Eu Sou Mulher Eu Sou Feliz” “Uma Mulher” “Sabemos Ver” e “Nascer Mulher”. Do disco Sou Mulher Sou Feliz, das queridas Ana Costa e Zélia Duncan.

“Sou a lua sou mulher no meu vasto coração, Sou mulher e sei jorrar me escondi sem me notar

Corpo de mulher coragem pra suportar, eu digo sim pro meu não, Pensando aqui comigo antes só do que me acabar

Vim de uma nascente eu sei amar, Cantadeira eu sou filha de um luar, Cantando eu fiz minha trilha, Sei voar na canção que me faz bem cantar

Fazendo um biscate aqui e outro ali, Vou me equilibrando, Eu vou surfar nessa onda

Cansamos de enterrar nossas asas, Já temos todo o céu pra voar, Pra ser mais feliz primeiro você

Alguma força maior vai te dizer, Que todas as dores do mundo não cabem só dentro de você

Sonhar não custa nada, A graça é mergulhar no mar das melodias que busquei

Mais um dia vem, A realidade vem gritar e a Noite é linda escura, Nossos sonhos salvam vidas somos mães

Somos filhas dessa vida, Mulher já nasce crescida, Somos o som e o trovão somos espaço de amar”.

A todas as mulheres que de forma direta ou indireta fizeram parte desse trabalho, toda minha gratidão e reconhecimento!

Catarse feminina

Um dia a gata arranhou a mão de Alice. E ela descobriu que seu sangue era dourado como se um esmalte fosse passado por cima do arranhão para vedar o risco de contaminação da pandemia eminente, ainda. Um lindo dourado! Criativo como as mulheres da sua vida. -Tudo elas inventam! Criam e transgridem. São bravas!

Até a singeleza, quando é sobre elas, é vista como transgressão. Se não tem jeito, esse preconceito! Então, são transgressoras mesmo. Não dá pra passar em branco, porque, afinal, são pretas!

Também, por isso, são hiper criativas e aprendem do nada! Do nada, do nada não! Mas, aprendem só de olhar, de observar e bem menos da dedicação de outrem em lhes explicar.

- Tia, como usa o quebra nozes?
- Aprenda, se vira, você é inteligente!
- Não é assim, não, garota, me dá aqui!
- Ah! sim, agora aprendi!

E segue sendo inteligentíssima, porque já aprendeu várias coisas no modo, se virando, ou, como ela diz, quebrando a cabeça. Fazer curso de computação sem grana, quando não existia youtube e acesso fácil à internet, encapar caderno, fazer pré-vestibular dia de sábado que era pra descansar, fazer comida com sono, criar tema de festa com pouca grana, fazer o bolo da festa, economizar, economizar, economizar, fazer maquete com o filho, recriar o

sistema solar, cidades etc. Com certeza esqueceu muitas coisas, porque tem o péssimo hábito de se menosprezar, esqueceu, por exemplo, que já customizou roupa caipira para ficar mais bonita e repaginada – tudo bem que a mamãe já fazia isso, antes mesmo de existir customização, mas, cada uma é própria, é singular.

E de repente, o sangue dourado, o planeta rolando no corredor da casa e o sistema solar perdido a fazem lembrar de todo o seu potencial. A sua crença de que só termina quando acaba, suas várias invenções e reinvenções para tentar fazer um dia melhor, uma vida melhor e mais digna.

E pensando em dignidade, Alice lembra de si. Que tem que fazer as unhas, mudar o cabelo, comprar roupa nova, criar um hobby novo, plantar e conversar com as plantas e bichos de estimação: que tem que ir à academia, dançar, beber e se divertir. Mas, tudo isto, além da necessidade de descanso mental, é também um esforço para parecer normal. Porque na verdade ela é mais, é inspiração e expiração divinas! E, no fundo, esse é o poder que querem lhe roubar. Porém, não só dela como de todas as mulheres. Por isso, cantamos:

“Companheira me ajuda, que eu não posso andar só. Eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor.”

Nós andamos na contramão da destruição planetária, não só porque damos a luz mas, porque somos luz. Seguimos superando o poder autodestrutivo, por outros e por todos. Fomos colocadas no lugar do cuidado que às vezes nos é muito caro. No entanto, cuidando descobrimos e potencializamos o autocuidado e a união de forças genuínas

e sublimes.

Apesar de sublime, Alice e muitas outras, vivem em um corpo que de certa forma as limitam e por isso ela também sofre. Sobretudo, com as tentativas incessantes de a colocarem na caixa. Ela não é uma boneca pra viver em caixa e também não é cópia para viver igual. E nisto cresceu ouvindo: “Alice, você é uma menina, você é uma moça, você é uma mulher, cruze as pernas, cubra-se bem, não suba em árvores, você não vai, você não é todo mundo, e por aí vão as frases preferencialmente ditas a meninas”.

Mas, de fato, Alice guardou em mente, que não é todo mundo. Talvez, pela dualidade esplêndida da frase, ora desapontadora ora potencializadora. Talvez porque já ouviu de várias formas, como “Deus fez cada um de um jeito”, “ Não seja maria vai com as outras”, “ Cada um responde por si”, “ Diga-me com quem andas e te direi quem és” “Alice, você não é todo mundo, você é minha filha e eu não sou mãe de todo mundo”, “com educação eu coloco os pés onde muitos nem sonham em pisar. Mas, só ponho os pés até onde eu alcanço”, “Seu direito termina quando começa o do outro e vice-versa”.

São vários provérbios populares que às vezes servem para nos fazer seguir em frente e movimentar a autoestima e a estima umas das outras. Porque se todo mundo é diferente e especial, todos são diferentemente iguais. Ou seriam igualmente diferentes e especiais, Alice?

— Não sei, mas mulheres são especialíssimas!!!

Verdade, Alice, o machismo é tão perverso que até isso já ouvi de forma distorcida. Que mulheres são mais sábias, inteligentes e divinas e, por isso, deviam ser humil-

des, ensinar e servir aos homens.

Faça me um favor, né?! Toda essa falta de caráter e o apagamento histórico para forjar uma fortaleza que não aguenta a dor do parto ou a competição equânime. E com isso, talvez sem perceber, forjam a própria decadência.

Não dá pra generalizar... Mas para isto tem que fazer diferente, mudar o curso, e não só falar.

Eu e Alice evoluímos muito em nossa amizade desde que começamos, de fato, começamos de fato, a descobrir a diversidade feminina. Mesmo sendo libertárias, reproduzíamos muito do machismo, sexismo, sem nos dar conta. Até porque, quando se tem pouco conhecimento, acha-se que as coisas nasceram prontas e que não há uma história de construção das “verdades”, mitos, morais etc.

Éramos libertárias de nós mesmas, achávamos que vivíamos sozinhas no mundo da revolta. E que se outras não se moviam era porque não queriam. Até porque muitas ofensas vinham no singular, tipo: — Você é muito abusada, intrometida, impaciente, exigente etc. E só no decorrer do crescimento é que vieram as ofensas em forma de comparações desanimadoras. Nem vale a pena citar.

Não sabíamos nem que podíamos ajudar a abrir novas caixas de essência femininas, feministas de sororidade ou dororidade. E que a liberdade só se constrói coletivamente.

Nem tudo é amor, mas também consciência, respeito e transgressão. Porque temos que transgredir muito antes de, de fato, revolucionar. Meter a colher, falar mais alto, não cruzar as pernas e nem a vida e simplesmente ser.

(Sobre)vivência

Para quem nasce mulher, pobre e favelada, malandragem mesmo é (sobre)viver. E Amélia sabia disso. Cresceu sem pai, tendo que cuidar de seus 5 irmãos homens para a mãe trabalhar. Ou tentar trabalhar, já que, com o passar do tempo, nem sempre ela conseguia uma faxina para fazer. Amélia e seus irmãos possuíam pais diferentes. Um desses homens, patrão de sua mãe, perdido no rebolado da mulher, se achou possuidor de seu corpo, para além da sua força de trabalho. Ela aguentou anos de estupro calada. Afinal era isso ou deixar os filhos, na época apenas Amélia e mais um, morrerem de fome.

Outro menino era filho de um traficante local. Amélia, sua mãe e as crianças estavam sendo ameaçadas de despejo. A mulher, desempregada, não tinha como pagar aluguel. Foi pedir um arrego ao chefe do tráfico. Antes que ela pudesse chegar no “patrão”, um dono de uma das bocas da favela prometeu-lhe ajuda.

Seja minha mulher e eu te darei casa e comida. Tu vai ter uma vida de rainha!

A mãe de Amélia logo se apaixonou e mais uma vez engravidou. Queria dar a ele um filho. A vida se tornou mais leve por alguns anos. Ela deixou de trabalhar e toda semana fazia o cabelo e as unhas. Mas, não demorou muito. A polícia entrou na favela e em uma troca de tiros, o seu príncipe encantado morreu. A mulher e seus filhos ficaram novamente desamparados. E ela então fazia faxi-

na, catava latinhas no fim das festas na praia e até pagava um boquete nos velhos que paravam seus carros por ali, certos de conseguir uma mamada pagando pouco. Morreu tempos depois, acometida por uma tuberculose, que foi definhando seu corpo aos poucos.

Amélia cresceu jurando que não teria a mesma vida que a mãe. Faria o que fosse preciso para que tudo fosse diferente. Ela gostava de estudar, entregava todas as tarefas em dia, queria sempre responder os questionamentos das professoras. Mas elas pareciam não enxergar a menina. Por mais que ela tentasse, para aquelas professoras, Amélia era apenas mais uma criança desajustada, filha sem pai e de uma mãe suja que se prostituía na praia ali perto. Para a escola, o futuro da menina já estava marcado. Ela não seria ninguém. E Amélia sabia disso, sabia o quanto a escola a queria longe daquele espaço. Ela só não entendia o porquê.

Não demorou muito para que a menina largasse a escola. Ela conseguiu um emprego como cobradora de uma das várias vans que circulavam pela Ilha. Passava o dia e parte da noite gritando:

Guarabu, Cacuia, Cocotá, Tauá, INPS, Duzentos. - De tanto gritar o mesmo roteiro, tinha vezes que Amélia achava que seu corpo já seguia o ritmo de forma quase involuntária. O roteiro ecoava em sua mente nas poucas horas de sono.

Trabalhando à noite, Amélia percebeu pela primeira vez que seu corpo atraía a atenção dos passageiros. Vez ou outra, algum homem passava a mão, “sem querer”, na perna da menina ou a chamava para tomar um refrigerante

depois que saísse do trabalho. Às 3 da manhã. Ela recusava. Descia da parte traseira do veículo e ia sentada ao lado do motorista, seu protetor.

Rogério havia conhecido a mãe de Amélia quando ela ainda era mulher do dono da boca. Quando o cara morreu, ele a ajudava doando cestas básicas e produtos de higiene. Quando a mulher morreu, ele passou a tomar conta das crianças, afinal elas não tinham ninguém. Ele era casado com Joana, que nunca lhe dera filhos, então levou Amélia e os meninos para viver com eles em sua casa espaçosa na subida do morro.

Certa vez, em mais uma madrugada de trabalho, Rogério estava diferente, calado. E ela percebeu que o homem carregava um brilho no olhar que ela conhecia bem, mas nunca havia visto nele antes. Quando faltava cerca de um quarto de hora para finalizar a corrida noturna, ele a chamou para sentar na frente.

Amélia, senta aqui. - ele disse em tom seco, mas com o mesmo olhar.

Não precisa, Rogério. A van está vazia, posso ir aqui mesmo.

Eu mandei você sentar aqui, garota.

E ela foi. Ele era seu protetor e ela lhe devia obediência. Ele passou a dirigir mais devagar. Lentamente desamarrou o short e colocou o membro duro para fora. Amélia estava incrédula. E com medo. Era virgem ainda. E ela nem gostava de homens. Já havia ficado com algumas meninas, mas nunca haviam feito mais do que experimentar o prazer com as mãos. Ele chamou-a mais uma vez, tirando rapidamente a menina dos seus pensamentos.

Chupa logo, caralho! Tô cansado e Joana não presta mais para nada! Tem meses que não transo com aquela porca velha! Quero ver se você é tão boa quanto era sua mãe.

Ela deixou o medo guardado em algum lugar e fez o serviço. Rogério espumava como um cão raivoso.

Esse será nosso segredinho, ouviu?! Eu sabia que você não iria me decepcionar. Faz tempo que observo como essas merdas desses passageiros babam por você. Fiz você ser minha antes de ser de qualquer um deles.

A cena se repetia por noites seguidas. Quando não era obrigada a realizar tal ato, tinha que ver o traste foder com alguma prostituta na van. Ao menos ele não fodia com ela. Não ainda. Ela não o reconhecia. Agora vivia babando por ela, volta e meia o surpreendia com a mão dentro das calças segurando o pau duro, como se dissesse que a noite a esperava.

Amélia tinha vergonha de olhar na cara de Joana. E se ela percebesse alguma coisa? Amélia poderia ser expulsa de casa. Onde moraria com seus irmãos? A menina foi ficando cada vez mais calada e distante. Precisava arrumar um jeito de se livrar de Rogério. Mas como? Numa dessas noites de terror, Amélia pediu que Rogério parasse. Tinha medo de Joana a expulsar de casa. Ele não se importou e lhe disse que se parasse de lhe dar prazer, quem os expulsaria de casa seria ele.

O tempo passou, os abusos aumentaram. Amélia engravidou e Rogério comprou alguns comprimidos e a fez abortar. Não queria sustentar “mais um filho de uma puta”. O ódio e o desprezo por Rogério só cresciam. Em

algum dia de folga, aproveitando a ausência dele em casa, Amélia chamou Joana. Disse-lhe que queria muito voltar a estudar. Que o tempo estava passando depressa e não queria continuar como cobradora de vans para sempre.

Joana entendia bem o sentimento da menina. Quando jovem, sonhava ser professora, mas tão logo entrou no ensino médio, conheceu Rogério, e em pouco tempo se casaram. Ele era motorista de ônibus na época em que ela estudava no centro da cidade. De tanto ir e voltar no ônibus guiado por ele, se apaixonaram. Isso era o que Joana dizia, contudo o comentário da boca miúda da favela dizia que Joana havia sido flagrada pelo pai em pleno ato sexual no ponto final do ônibus. O pai obrigou que se casassem. Joana adorou, teria uma família com o homem de sua vida.

Amélia percebeu similaridades entre a sua história e a de Joana. A diferença é que não havia nenhum pai que a tirasse dessa enrascada. Ela ao menos achava que, ao conseguir estudar à noite, Rogério a deixaria de lado, já que não trabalharia mais no horário noturno.

Rogério até tentou impedir que a menina fosse para a escola. Alegou que Amélia era uma boa cobradora e que neste momento não teria como contratar uma pessoa desconhecida. Joana foi firme na decisão de mandá-la para a escola. Rogério poderia recrutar um dos meninos menores que já estavam na idade de trabalhar.

Não demorou muito para que o traste passasse a buscar Amélia na escola noturna. Dizia para Joana que não confiava em deixá-la voltar andando tão tarde. Pura mentira. Esse era o jeito que ele encontrou de continuar possuindo o corpo da garota. Ela precisava de um plano que

tirasse de vez Rogério de sua vida. O que faria? Fugir não estava nos seus planos. Ela não deixaria os meninos para trás. Nem mesmo Joana, por quem se afeioou.

No segundo ano do supletivo, Amélia vislumbrou a chance de dar um susto em Rogério. Se alguém lhe desse uma surra, dizendo que sabia o que ele fazia com a menina, talvez ele parasse. Havia um aluno da escola que talvez pudesse lhe ajudar. Um homem mais velho. Não morava na mesma favela de Amélia. Aliás, ninguém sabia onde ele morava, e todos tinham medo de perguntar. Amélia percebeu os olhares do homem para ela e decidiu flertar com ele.

O jogo não durou muito. O cara estava fascinado por ela. E ela lhe prometia, com voz doce e meiga, noites quentes. Tais noites, propositalmente, nunca chegavam. Ela queria atçar o homem o mais que pudesse, para então dar a cartada final: pedir-lhe que assustasse Rogério. E assim foi feito. Quando o homem soube o que Rogério fazia com a menina, ficou cego de ciúmes. Pouco tempo depois, Rogério foi encontrado desacordado dentro de sua van. Foi levado para o hospital, ficou meses em coma, mas não resistiu e morreu.

Amélia cumpriu o combinado. Transou com o homem por pouco mais de uma semana, todos os dias. Deixava que ele descarregasse sobre ela todo seu desejo. Fazia-o sentir que a estava possuindo por inteiro. Quando achou que já havia cumprido com o combinado, Amélia lhe segredou após uma transa:

— Estou com medo. Ouvi dizer que os traficantes estão atrás da pessoa que matou Rogério. - Deu ao homem

um beijo terno e uma última transa. Ele com medo disse que partiria naquela noite mesmo.

Nesse dia, Amélia descobriu seu poder. Ela não deixaria nunca mais nenhum homem usar seu corpo sem que ela, dona de si, permitisse. Não tinha medo algum. Ninguém procurava o assassino de Rogério. A paz reinava no morro e na casa de Amélia. Joana parecia mais viva, apesar do luto. Tinha planos, queria ter um emprego e voltar a estudar. Embora as coisas estivessem financeiramente um pouco mais difíceis, prometeu não abandonar nenhum dos seus filhos postiços. E ela cumpriu.

Um longo tempo se passou e Amélia ainda teve muitas vezes que provar seu valor e sua força. Hoje ela é doutora em Educação e dá aulas em uma grande universidade. Acredita que pode contribuir na formação de professoras e professores de forma que estes e estas percebam as potencialidades de suas alunas e alunos, não importando de onde vieram ou quem é a família. Amélia trabalhou muito para que seus irmãos tivessem boas condições de estudo, e hoje cada um deles segue construindo suas vidas. Na favela onde cresceu, Amélia mantém um projeto social atendendo crianças, jovens e adultos. O ambiente dá especial atenção às meninas e mulheres vítimas de violências. Sua mãe, Joana, é a diretora do lugar.

Ser mulher preta

O vento beijou-me a fronte cuja fonte o tempo secou. Com suas prisões e com suas pressões, esmagou... Como dói ser mulher negra, viver de incertezas, indevidas cobranças, encontrar Esperança onde não tem. Lutar como se fosse uma Super-heroína sem contar com NINGUÉM. Só sua Melanina e todo o peso da força de superar o preconceito dia após dia, entranhado no peito de mulheres de várias gerações...Filha, neta, mãe...

Ser chamada de Bruxa, Louca ou Pagã por professar sua religião, reivindicar seus direitos ou rir demais. Mas o que seria rir **DEMAIS**..?

Normalizar a falta de paz, o Banzo, a Melancolia, ter uma Morte Branca de tanto Desprezo, Pranto e Agonia... Se sentir Vazia e Cansada, ser cobrada Demais... Até a Depressão e a Estafa e ainda ouvir de alguma desgraça que é frescura, que é Loucura querer gozar sem a tortura do Amanhã...

É não poder chorar as milhares de lágrimas no seio a brotar para não perder a alcunha de Mulher Guerreira FORTE. Mas quem foi que lhe deu esse alforje, essa dura responsabilidade? Esse corte tão descortês, essas cicatrizes de um Vagamundo em Graça Graúna, essa marca aberta na tez de graúna que grasna maviosamente outra vez sangrando, Resiliência forjando, Esperança outra vez gerando, matrigestando como se fosse a mulher mais feliz de todas, tecendo escrevivências de experiências infelizes

com um sorriso no rosto...

Com isso, pensam que tudo pode, que não há como causar-lhe Desgosto, crendo que nada é demais para ela carregar, tudo suportará prostrada, em Silêncio, baixando a cabeça mesmo descontente...Porque se deixarmos a face gentil, somos barraqueiras, encrenqueiras, hostis... Mas vocês podem seguir nos vilipendiando e se fazendo de vítimas enquanto nossa dor é mimimi, exagero.

Será que se tivesse em meu lugar também pensaria desse jeito, ou agora levanta as mãos pro céu agradecido por não ser preto?! Um pecado, disse Lima Barreto em um conto, mesmo que tenha sido um santo ou um anjo, somos condenados...Mas somos todos iguais, não é?! Cadê a Equidade?

Essa sua verdade eu não vejo. Só assisto de minha janela, as mortes crescendo nas favelas, o Genocídio, enquanto escuto mais um riso de ninguém se importa, enquanto a patroazinha descendente das antigas sinhás, para pagar de desconstruída, evoluída, legal, faz um post novo em sua rede social com uns meninos angolanos dançando, dizendo “Black is Beautiful” enquanto segue explorando a moça da faxina que chama de secretária do lar pra soar mais bonito, a hipocrisia me causando vertigens...

Hey! Por que será que uns seguem marginalizados, esquecidos, abandonados, jogados num canto, sem respeito, sem dignidade, sem nome, só Fome dos Sonhos Roubados que jamais floresceram?!

Cadê seus direitos civis, Preta?

Perco o sono. Mais um homem cobiçando minha buceta. Não quer assumir, que dirá casar com uma negra...Só

brincar, usar, descartar como se fôssemos menos que lixo. Depois a culpa é nossa... “ Não se valoriza, não se dá ao respeito”... Depois a culpa é nossa por causar e ousar usar batom cereja, fazer tranças chamativas em tom fantasia, loiro-xuxa ou unicornhair, beber cerveja, cantar, dançar, simplesmente Ser Mulher... Passear, circular, como a rainha da feira ou do Carnaval onde um dia fomos protagonistas com nosso corpo escultural Fetichizado, Mulata exportação, Glamourizado, Gourmetizado até a última instância...

Globeleza, Globalização, Axé, Ashell pra todo mundo, menos para o preto que não lucra com sua própria arte, enquanto o branco mais preto do Brasil enriquece com seu som, seu samba, sem ter o chocolate na tez, o café em seu pranto, o molejo nos pés, seus trejeitos, muitas vezes mesmo sem ter seu talento esperto, só por ser quem é, branco dos “zoinho” azul... Façamos um soneto em homenagem a todo blues e jazz roubados. Aqui jaz corpo preto nu, encaixotado em uma prisão, vestiu mais uma vez o terno de madeira, caveira virou, pó que a mucama esfregou sem demora, sem ouvir seu som no rádio, na tv ou vitrola.

A escola tenta, mas falha, sem mesa, sem verba, sem quadro, sem ética dos políticos corruptos safados, sem classes, interrompidas na chuva do estampido de balas perdidas a ricochetear nas paredes. Com sede de saber, apesar do medo...

E o que sobrará pras nossas crianças que nem nasceram ainda, muitas vezes perecendo no ventre de suas Mãezinhas, em Violência Obstétrica? É possível Esfinge ainda ter algum Estro? Serão valorizados nossos Saberes, Sabores, Intelecto? Ou seremos devoradas pelo Monstro do Racismo com um milhão de braços-tentáculos, Necropolítica, Epistemicídio?

E tudo que eu queria era Sorrir, fazer careta sem ser caricaturizada... Mas tudo que eu queria era fugir para onde o preconceito não me achasse... Mas quando abro os olhos vejo ali o sangue de meu povo tão marcado, como mero gado do mercado de pau de ébano, ainda em expansão, com novas configurações nesse novo cenário de Escravidão Contemporânea.

Mas tudo que eu vejo é o pranto cravado impregnado em minhas veias como um cheio Rio a afogar-me, a inundar-me até pelar crespos cabelos no anseio e no medo da morte... Mas tudo que eu vejo é Desespero, inebriando e nublando negras faces a chorarem e a gozarem da dor e do prazer de ser mulher preta, tentando converter, apesar do sofrer, a dor de sua cor de um Ópio de Corina e seu sabor em Pérolas Negras para quem sabe assim trazer vida da luz que brota das feridas...

São João

Levanto-me antes do sol. Sem conversar com ninguém, vou ao pé de bananeira para recolher a faca colocada no tronco na noite anterior, após dar três voltas em torno da fogueira de São João, proferindo palavras sagradas, mantras familiares.

Orações e pedidos foram transmitidos confidencialmente pelas tias-avós maternas, as tias Ana, Alice e minha mãe, que os repassaram para as outras mulheres da família durante as festividades juninas.

Repetidas vezes, ouvi causos, histórias de mulheres que devotaram-se às preces-simpatias, e todas foram confirmadas; e a cada relato de oração a São João Batista, uma história de casamento é rememorada.

Os destinos são revelados e constantemente assegurados e solidificados a cada invocação do santo glorioso na noite do dia 24 de junho iluminada pela fogueira. Casamentos, conventos, mortes são revelados na potência do fogo, no poder da lua e das estrelas, e no sereno da noite. Os elementos facilitadores vão desde espelhos, lenços, facas e travessas com água. Assim, as sinas são decifradas, os caminhos de vida alterados, pois é noite da fogueira de São João Batista.

Em cada passo, o vento, a névoa fria e úmida me envolve numa bruma que eclipsa toda a pequena cidade. Os nascentes raios de sol se mesclam formando túneis e portais que permeiam e encantam o vale do Araguaia.

Neste instante mágico, as almas emanam e volatilizam informações, revelações e acesso às programações encarnacionais, tornando possível acrescer ou tirar detalhes da procissão terrestre. Em frações de segundos são realizados planejamentos e adequações. Isso me causa um enorme deslumbramento. Tudo se revela em imagens sutis, etéreas. Fantásticas gênesis.

O canto dos pássaros mistura realidades temporais e espaciais. Eu aperto o passo, ouço burburinho de outras vozes, sinto-me acompanhada por seres ancestrais enormes. Neste fragmento de segundos, tomo consciência de viver um momento único, raro, fascinante carregado de magnetismo que me proporciona uma enorme taquicardia.

Outros encontros parecem durar anos, mas é tudo tão comum e usual. Me sinto em casa. Tenho a convicção de conhecer esses seres de luz, que já conversamos sem emitir palavras, que já confraternizamos em outro tempo e outros lugares.

Nesta caminhada ouço fagulhas do braseiro estalando para me lembrar das histórias do Tio Branco, atravessando descalço as brasas da fogueira de São João, enaltecendo fé e devoção ao santo, pois nunca se queimou na travessia.

Me aquece o coração relembrar da Vó Felicidade que, em sua fé, tinha reza do terço, fogueira e renovação da promessa onde seria avisada em que mês morreria.

Essas lembranças me acolhem, confortam e caminham comigo agora. Vejo à meia noite: as mãos da Vó seguram uma travessa esmaltada cheia de água da bica,

dando três volta em torno da fogueira de São João Batista; são três voltas com majestoso silêncio, passos confiantes; enquanto declama de cor(a)oração do santo para desvelar o véu da morte.

Confirma as simpatias junto a outras ancestrais. As orações são feitas com fervor. Deita-se e mantém o silêncio. Acorda antes do sol nascer, sem falar com ninguém, segura novamente a travessa na mão e olha seu reflexo na água. As imagens foram registradas por seus olhos, seu coração aceitou e cumpriu seu destino.

As informações e conhecimentos permanecem guardadas na grande biblioteca da mãe terra. Isso foi em 24 de junho e em dezembro Vó foi à capital visitar todos seus filhos e netos. Teve festa e alegria na chegada e partida. Ao retornar para casa pediu para ir ao Alto Araguaia e Ponte Branca onde visitou todos os parentes, amigos, conhecidos. Esteve na casa de cada um.

Despediu-se conforme a tradição; os mais velhos conheciam os sinais e guardaram silêncio e só depois do luto anunciaram que Vó foi avisada por São João Batista da data da sua morte. Honrada por ser a detentora do segredo, faz a despedida que sonhou. Retornou em janeiro para a chácara “Capim Branco” e ao raiar de fevereiro foi povoar outras esferas.

Ao chegar nas touceiras de bananeiras, meus pés farfalham as folhas secas. Ouço, sinto diferentes cores e sons, os raios do amanhecer iluminam as flandres da faca. Olho-a, tomada pela vibração presente, acolho a sabedoria ali presente.

Expansão temporal espacial. Não há barreiras. Ine-

xiste fronteiras da matéria; somos todos unos neste instante: um enorme 'agora' se une a mim, eu me uno ao tio Branco, me fundo a Vó Flicidade, me integro nas demais tias, mães e ancestrais.

Mais um passo, firmo a faca na mão, fazendo movimentos para cima e para baixo e depois para os lados. Ao retirar completamente a faca, a nódoa da bananeira esculpiu três letras.

Vendo as três letras, nova fusão de sentimentos: mundo físico metafísico se diluem. Tudo é impermanente, somos filhos das estrelas em constantes aprendizados, em eternas mudanças. As três letras são A C B, e logo elas se misturam e sobrepõem a formar outras três letras D G C. Tempos transitórios. Ainda hoje não sou capaz de decodificar tudo: o mistério me rodeia num assédio perene.

Histórias de mulher

Que histórias guardam as tranças da menina?

Drama e herança

Sonhos e insegurança

Caminhos e lembranças.

Que histórias guardam as tranças da mulher?

Giras e esperança

Fé e segurança

Força e liderança.

Entre a casa e as pipas

Naquele ano os relógios de casa pararam. Os dois, no mesmo horário, assim, sem aviso ou explicação. Papai trocou as baterias, os dois funcionaram novamente, alguns dias depois, os seus ponteiros paravam de girar.

— Devem estar cansados, Pai.

— Pode ser, meu amor. Meu pai sorria com ar preocupado, que jamais entendi. Depois de muitas tentativas desistiu de substituir as baterias. Era apenas peças de enfeite, lamentou.

Era o outono. Quando as chuvas começam a desaguar sobre nossa cidade. Eu gosto de ver a chuva pingando da janela de casa. Ela vem forte por sobre os telhados. Desta vez trazia sempre o vento quando vinha. Eu não lembro de antes ser assim, nem depois. Lembro apenas daquele ano.

A rua às vezes enchia, as águas tentavam entrar no esgoto, mas era tanta água que todas as gotas não conseguiam descer juntas. Tinham que esperar. Como eu também esperava. A mamãe ficava do meu lado vendo a chuva chover. Toc-toc-toc. A noite meus olhos fechavam escutando as gotas nas telhas de barro, sentindo o friozinho que vinha dos pés. Toc-toc-toc. Eu acordava na cama toda quentinha e agasalhada.

Naquele ano tive de aprender muita coisa. Coisa que às vezes a minha professora Pró falava, mas eu não entendia bem, quando dizia que precisava esperar a minha vez. Aprendi a esperar a chuva passar. A esperar que o sol

chegasse ou que ele fosse embora. Aquele foi o ano que não podíamos sair de casa. Eu também aprendi a esperar para sair.

Mas naquele ano também aprendi como é bom ser criança. Foi o ano que aprendi como é bom ser criança. O quanto somos felizes. Como o vento é gostoso e poderoso. Foi o ano que entendi que tudo passa. Era mais um dia em casa, eu chorei baixinho, para não chatear a mamãe. Chorei baixinho para não assustar o papai. Eu estava feliz, mas estava triste também. O meu pai me viu chorar e perguntou:

— O que houve?

Respondi gritando.

— Eu não aguento mais! Eu quero sair de casa. Quero correr na rua, abraçar a vovó. Queria comer pipoca com meu primo, rodar na praça com meus patins. Eu quero ir à praia! Eu não quero mais ficar em casa.

Eu falava soluçando porque eu amava ficar com papai e mamãe juntinhos. Antes isso não acontecia porque eles iam sempre trabalhar na rua, fora de casa. Mesmo assim, dentro de meu coraçãozinho tinha um buraquinho que não cansava de doer. Eu não queria dizer sobre ele para ninguém. Eu não sabia dizer do meu coração. Era muito estranho porque estava feliz e também estava triste. Se eu falasse, os outros podiam ficar assim também.

Meu pai riu, puxando meu braço e me protegendo dentro deles. Deixou que eu chorasse. Depois me disse que era período de chuva, que não vamos a praia chovendo.

— Filha, eu te entendo. Meu olho entendeu o que o papai dizia.

— Vamos pegar suas bonecas. Vamos brincar de casinha.

— Eu não quero.

Meu pai alisou minha cabeça por um tempo, até que esqueci que ainda estava ali.

Naquele mesmo dia, meu pai fez algo inacreditável. Quando eu vi, meus olhos quase pularam do meu rosto. Papai arrancou a janela da cozinha. Quando eu cheguei, vi o janelão no chão encostado em um canto. No seu lugar havia um grande retângulo, com as cores dos tijolos aparecendo. A cozinha parecia maior, eu me senti na sala de cinema.

— Filha vem cá, vem olhar.

Eu vi tantas coisas que com a janela antes não via. Casas pintadas sobre o reboco, umas de azulejos e outras sem pintura alguma. Era um forte clarão de onde eu vi telhas diferentes umas de barro, outras parecendo ondas pequenas de água do mar. Tinham sapatos, bolas esquecidas. Roupas e tecidos de todas as cores. O mais bonito mesmo eram os pedaços de cores que dançavam no céu.

O céu era lindo. Tinha nuvens brancas e cinzas, tinha também muito azul. O sol às vezes aparecia, outra hora desaparecia. O que papai queria mostrar era outra coisa, era o que enfeitava o céu. Ele me explicou que eram feitos de papel, palitos de madeira, cordão, linha. Eram pipas de vários tamanhos e cores. Com o vento, elas sobem, neste período, quem pode empinar.

Como ninguém podia sair de casa, quem tinha laje, terraço, varanda no alto, subia. Nossa casa era alta, mas não ficava onde se poderia empinar. Meu pai e meu tio

quando podiam iam para a casa da vovô, e lá da laje, passavam as tardes até o sol se pôr.

No ano em que os relógios ficaram parados, não íamos na casa da vovó, nem do vovó. Não queríamos que eles ficassem doentes. Ficar longe, sem dar abraço, naquele ano foi uma forma de cuidado.

Na tarde que eu chorei, o vento veio me visitar com tanta força. Ele passava pela varanda da sala e corria para a cozinha. Estava distraída vendo as cores das pipas no céu. Quando papai entrou com duas grandes pipas na mão.

— Eu estava guardando, mas acho que já tem idade de aprender a empinar.

Meu pai mal colocou a pipa na janela, um vento forte entrou e a levou. É muito lindo ver a comunidade em festa com as pipas no céu. Um que avisa, outro que grita. Tem até quem faça dançinha. Eu e ele ali segurando a pipa que foi ao longe. Eu sorria. Meu pai gritava com as outras pipas. Até que senti a força de minha linha enfraquecer.

— Oh!!!! Que pena, outra pipa te cortou. A pipa foi embora. Levou consigo o burquinho que doía no meu coração. Naquela tarde eu entendi que como o vento tudo vai e vem, a tristeza e a alegria. Papai me disse que eu era muito sabida, que este era um pensamento que quem sabe ser feliz.

Abracei meu pai agradecendo, perguntei:

— Você ainda quer brincar de casinha?

Ele sorriu e falou, para eu ir conversar com a mamãe, antes que ela visse o estado da cozinha. Eu fui sorridente, falar com ela, enquanto meu pai, passava uma massa no lugar do contorno onde nossa janela antes repousava.

Escrito em 31/05/2020, reinventado depois de aprender a escrever com mulheres fantásticas livres em livros.

Escrita em mim

Já Drummondiei na vida
Ceciliei com vontade
Sigo leminsknhando com voracidade
O que posso fazer se sou bicho que sente com papel e caneta na mão?
Alguém que em um momento corre
Que em outro paralisa
Rígida feito pedra
Depois de ser leve como brisa
Que se reconstrói na felicidade adscrita
Que aprendeu com a Cora, aquela linda,
Ser sempre tempo para o verso alcançar a escrita.
Ah! Poetas, poetizas e aspirantes
Muitos de nós seres errantes
Mudados pela força da poesia.
Com o cabra Cabral, o de Melo Neto.
Patatáviamos anuviando as ideias ruins.
Com a pessoa do Fernando
Fui metamorfoseando até chegar em mim.
Fique espertes!
A travesssia forçada marcada da nossa Diáspora
forjou uma grande Conceição.
É isso, Evaristo! Ancestralidade inspiração.
Mu-ta-ção

Passo por
Acolho
Recolho
Sou eu própria criação
Gratidão!

Gestando em lágrimas

Zulmara mal havia completado dezoito anos quando se casou com Beócio. Beócio era seis anos mais velho que ela. Ambos de famílias humildes. Beócio era um jovem trabalhador, trabalhava na Petrobras. Zulmara trabalhava como gerente de loja, mas dias antes do matrimônio pediu demissão para se dedicar exclusivamente ao casamento, o ano era 1983. Seis meses depois, começou a ter muitos enjoos e queixou-se com sua cunhada, que lhe orientou a procurar um médico. Assim o fez. Após algumas perguntas, a médica falou em gravidez. Zulmara, um pouco assustada, disse que desejava sim ser mãe e que a criança seria muito amada. A médica passou alguns exames e na próxima consulta confirmou: grávida de um mês.

Zulmara ficou radiante de felicidade, certa de que a criança era fruto do amor que começou ainda na adolescência. Estava tão feliz com a notícia que no caminho de volta para casa seus pensamentos vagavam, sabia exatamente o dia em que o bebê teria sido concebido. Pensava:

— Foi no aniversário do Beócio, passamos o dia tão felizes e uma noite realmente especial, de muito amor e carinho e taí. Vamos ter um bebê! Não vejo a hora de contar pra Beócio.

E ela foi para casa tão feliz, prepararia um jantar e contaria a boa nova para Beócio. À noite, Beócio chegou. Ela percebeu que ele estava preocupado, mas logo ficaria feliz com a notícia. No jantar, entre uma conversa e ou-

tra, Beócio falou que precisava contar uma coisa. Zulmara também falou que ela também. Quem conta primeiro? Beócio falou que a notícia dele não era muito boa e que ela falasse primeiro. Zulmara sorriu e mostrou o exame para Beócio, disse:

— Estou grávida, vamos ter um bebê, meu amor!

Ele olhou e começou a falar aos gritos:

— Vamos ter um bebê? Como? Não vamos ter bebê algum, não podemos, fui demitido do trabalho hoje e você me vem com história de bebê? Não quero saber dessa história!

Zulmara assustou-se, não esperava aquela reação do marido.

— Mas o bebê leva nove meses para nascer, até lá você estará em um novo emprego!

Beócio não quis mais ouvir:

— Não tem filho nenhum e pronto.

Naquele momento, ele se revelou um outro homem: grosso, violento e completamente desequilibrado. Zulmara chorou, estava decepcionada com a atitude de seu marido, maldizendo aquele ser que ainda estava no seu ventre, com um mês de vida. Jurou para aquela criança que lutaria pela sua vida e jamais deixaria alguém lhe fazer mal. Zulmara, aquela mulher frágil, ainda muito jovem, magoada, se sentiu sozinha e frustrada com tudo aquilo. Um verdadeiro pesadelo. Só lhe restava chorar e esperar que Beócio refletisse e pedisse desculpas, entendendo que aquela gravidez era fruto daquele amor. Mas nada disso aconteceu. Quando Beócio voltou para casa, aquela mulher, depois de tanto chorar, já havia adormecido.

No dia seguinte, ele não quis conversa. Aí foram semanas sem que se falassem ou trocassem qualquer gesto de carinho.

Zulmara desabafou com a cunhada, disse que estava muito triste e preocupada, pois também dependia do dinheiro do marido. Ficou dias sentindo a indiferença de Beócio, até conseguir dizer que precisava ir ao médico. Ele respondeu que desempregado nada poderia fazer. Ela lembrou-se, então, da prima que trabalhava com um obstetra e acabou conseguindo marcar a consulta.

Zulmara iniciou o pré-natal e sua prima, que havia passado por uma gravidez recentemente, lhe cedeu os seus vestidos de grávida. Chegou em casa aliviada e encontrou Beócio completamente agressivo, xingando e querendo saber aonde ela tinha ido. Falou do médico, que a acompanharia até o parto, mostrou os vestidos que sua prima havia lhe dado, mas ele estava revoltado, rasgou os vestidos e disse que ela devia estar com macho na rua e que não queria saber de historinhas. Zulmara tentou argumentar, mas com medo da agressividade do marido, só chorou. Começou a perceber que estava sozinha.

Os dias foram passando e Beócio não tocava no assunto da criança, como se o fato não existisse. Familiares e amigos que souberam da gravidez vibraram de alegria, já que, para um casal que transbordava felicidade, uma criança só viria trazer mais alegrias. E perguntavam:

— Vai ser menino ou menina?

Ele não dizia nada mas quando respondia, falava:

— Deve ser um bicho, um monstro porque meu filho que não é.

A primeira vez que falou assim, todos estranharam, perceberam que algo de errado acontecia com aquele casal. Beócio não dava espaço para que os amigos conversassem com ele. Zulmara ficava envergonhada com aquela atitude de seu marido. Cada vez que ia ao médico, quando voltava para casa, ele era ignorante e ainda insinuava que estava sendo traído. A agressividade dele e a rejeição àquela criança eram cada vez mais visíveis. A ponto de família e amigos lhe questionarem. Mas ele continuava se negando e ainda fazia com que todos duvidassem da lealdade da Zulmara, que se sentia sozinha, com a alma destroçada.

Um dia ela começou a reagir às suas grosserias. Ele gritava que o que ela tinha na barriga era um monstro e não um filho dele, que era filho de outro qualquer. Cansada daquilo, rebateu às suas ofensas. Nesse dia, Beócio a agrediu com socos, chutes e pontapés. Zulmara só pensava em proteger aquele serzinho no seu ventre.

Não foi a primeira agressão. Numa dessas, ela bateu a barriga com toda a força na geladeira, noutra, ele a jogou contra a cama, com toda a força. Fazia de tudo para que ela perdesse o bebê.

Quando a empurrou contra a geladeira, Zulmara estava com uma barriga de seis meses. A criança revirou em seu ventre, se espremeu em um lado só da barriga. Zulmara gritou por ajuda. A cunhada, que era sua vizinha, veio correndo ao seu socorro. No hospital, aliviada, viu que nada de mal havia acontecido com a criança, cujo pai desejava a morte.

Zulmara, como a maioria das mulheres que passam

por violência doméstica, não denunciou o marido. Disse que havia levado um tombo. Mas estava decidida a se separar.

Ao chegar em casa, ele, com medo de ser denunciado para a polícia, pediu desculpas, disse que estava nervoso, que ela o tirou do sério. Ela, com o coração despedaçado, disse que o melhor seria se afastarem. Sobre o bebê ele não falava, pediu para ela não ir embora e só. Zulmara aceitou as desculpas e ficou, tampouco tinha para onde ir. Deixou avisado que se houvesse uma próxima vez daquela situação, ela iria direto para a polícia. Apesar da violência física não ter se repetido, pouca coisa mudou..

Naquela época, era incomum descobrir o sexo da criança antes do nascimento, o que gerava um monte de especulação. Uns apostavam que era menina, outros tinham certeza que seria um menino. Que venha com saúde, será um filho(a) amado(a) por mim e seremos muito amigos por toda a minha vida, era o que Zulmara dizia. E Beócio nada falava.

Perto de completar nove meses, Zulmara ganhou de sua avó paterna um relógio de ouro com pedrinhas de brilhantes. Foi como uma salvação. Vendendo o relógio, comprou um berço, um moisés e todas as roupinhas do seu filho. Beócio então tentou se reaproximar. Se justificou, disse que esteve nervoso por ficar desempregado, e com a gravidez perdeu a cabeça. Ela só pensava que uma criança leva nove meses para nascer, que não precisava de tanta ofensa, violência, descaso e negação e perguntou:

— E todo aquele amor que dizia que sentia por mim, cadê? Isso não contou em nenhum momento? A justifica-

tiva de Beócio era que, por ser muito nervoso, não soube se controlar. Além disso, a ideia de ter um filho o deixava apavorado, sem saber se teria condições de criá-lo.

Zulmara só desejava ser respeitada, amada e concluir a gestação. Estava profundamente magoada com Beócio, contudo, aceitou suas desculpas. Queria viver em paz, pelo menos até o nascimento de seu filho.

Quando entrou no nono mês, passou por diversos alarmes falsos. Sentia dores, ia para o hospital e voltava. Zulmara era uma linda jovem, tinha estatura baixa, era bem magra, só tinha barriga, como diziam, e pelo tamanho parecia grávida de gêmeos. Numa dessas vezes que sentiu fortes dores, Beócio a levou para o hospital. Como parecia alarme falso, teve alta à tarde. À noite, as contrações ficaram ainda mais fortes, mas Beócio já não quis acompanhá-la novamente ao hospital. De madrugada, as dores foram ficando mais intensas. Eles não tinham carro e moravam longe. De madrugada os ônibus passavam pouco ou não passavam. Como o único vizinho que tinha carro havia cortado relações com Beócio, eles não tinham para quem pedir ajuda.

As contrações foram aumentando. No desespero, Beócio pegou emprestada a bicicleta do irmão e colocou Zulmara na garupa. Eram quatro da manhã quando chegaram até um ponto onde havia um ônibus prestes a sair. O motorista, vendo a situação, saiu às pressas. Chegando ao hospital, Zulmara entrou em trabalho de parto. O processo foi prolongado e difícil até que, às 10:30 da manhã, do dia 31 de maio de 1984, deu à luz um menino, como diziam os amigos, lindo e saudável, nascido de parto normal.

Zulmara pegou o menino nos braços e lhe disse:

— Meu filho, que tanto desejei e amo, estarei sempre ao seu lado. Meu guri, hoje não pari só um filho, ganhei um aliado e um amigo pra toda nossa vida. Meu Zulmaracaraguri!

Sim Zulmaracaraguri, esse foi o nome que Zulmara deu ao seu primogênito, aquele que veio para brilhar, apesar de todo o mal, jamais se deixará abater. Zulmara o havia defendido como o fazem as leas quando protegem suas crias.

— Será um grande guerreiro de inúmeras vitórias, disse sua mãe Zulmara com lágrimas nos olhos, mas dessa vez de felicidade e completou: “Eu sou mulher, eu sou feliz”!

A vila

Na infância, andei de um lado do rio até onde ele desemboca no mar e já encontrei boitatá, jararaca de duas cabeças, duas mulheres peladas rolando pelas areias, vaginas carecas, cabeludas, pequenas, grandes, mulheres que não tinham vaginas - eu só prestava atenção porque estavam sempre à altura dos meus olhos. Todas as pessoas eram mulheres, todas as mulheres eram livres, todas as angústias vinham de existir. Éramos pretas, brancas, amarelas, mas majoritariamente vermelhas e nenhuma habitante jamais morreu por ser mulher.

Na comunidade, as integrações circulares eram comandadas pelas griots, e todas nós cultuávamos a Sumaúma, que veio antes de nós, a árvore avó. Não precisei perguntar para saber que as mulheres engravidavam do desejo consciente de reproduzir, e que demoravam nove meses para que a bebê estivesse pronta para enfrentar o círculo de fogo e encarnar na vida sem jamais ser subjugada por ser mulher.

Os primeiros rostos que conheci foram de mulheres, da mulher que me pariu, da parteira que facilitou, da mãe da mulher que me pariu trazendo uma canja, talvez porque ela precisasse recuperar as forças empreendidas no meu nascimento. Na terra vermelha, enriquecida pelos sangues menstruais e os ciclos de cada moradora, nas canoas cruzando os alagados, na plantação, no benzimento, nas tecnologias das florestas, no interior das casas de pau

a pique, das ocas, das cabanas: só mulher.

Mulher à fiar felicidade em cinco atos

I - ASAS DO DESPERTAR

Escrevia como asas que planavam sobre linhas.
Mãos aladas desvelando alma.
Volta não havia daquele despertar.
Deixou livres as palavras.
Metamorfoseadas de si.
Não mais sua dona.
Ecos de outros corações.
Convergências de vidas sem fim.

II - CONTEÚDO E FORMA

Contenho um dando forma ao outro,
Mundo interno, mundo externo
Meus contemporâneos adversos.
Transpiro o avesso, nalgumas vezes
Sem qualquer traquejo.
Com eles pelejo vencendo meus medos.
Abrigo no Interno, elucubrações.
Ao Externo, soluções.
Esperam de mim respostas e segurança.
Em meu íntimo ancoram a velha e a criança:
A velha conhece tudo sobre o tempo, a vida.
A criança movimenta-se liberta.
Sorve o mundo em um momento,

A novidade, seu alimento.

III - AS SETE EM MIM

Nela habitam sete mulheres
Dançando em convivência quase harmônica.
Mulher comprometida,
Sempre a lhe dar guarida.
Mulher brusca,
Aparece repentinamente, raios e trovões, num desvelar -
ocultar permanente.
Mulher leal,
Parceira efetiva, afetiva e real.
Mulher previdente,
Sua face evidente, de vez em quando some, mas é o que ela
é realmente.
Mulher idealista,
Vive em seu coração e mente, é uma insurgente!
Mulher cínica,
Usada como barreira de defesa aos que tentam invadir
suas represas.
Mulher sonhadora,
Forte e realizadora.
Tal como a brusca, a coloca em alguns apuros, por ser mo-
vida a: fé, esperança e afobação, entusiasmo e contenção.
As sete confiança que transcende!
Creem que tudo pode acontecer,
Que tudo é possível com a força do querer e poder coleti-
vo.
Despertas estão,

Convergência e oposição.

IV - SER LIVRE PARA SI

Caminhar para si exige coragem.
Aceitar quem se é, revela lealdade.
Confiar no movimento da procura,
Exercício de humildar-se.
Perder as certezas,
Não temer incertezas,
Abraçar a mudança,
É amar-se.
Conhecer-se.
Saber-se mais.
Desconstruir do formal.
Desformalizar o formato,
Sair do modelo esperado e desejado.
Abandonar a forma.
Deixar-se guiar pelo instinto
Calar o grito do silêncio
Esquecer o instituído
Lembrar-se do instituinte.
Revelar-se.
Fazer o que se quer.
Atuar sobre o tempo,
Trocar a formatura por uma nova criatura.
Traçar novos caminhos,
Desviar!

V - EU ME AUTORIZO

Eu me autorizo a felicidade,
Quero ser feliz agora.
Não tenho tempo para tristeza,
Queixas vazias,
Assuntos infrutíferos.
Autorizo-me a não temer meus erros nem fracassos,
Caminhar com eles em aprendizado,
Busco superá-los e seguir em frente.
Respeitar-me.
Autorizar-me.
Estar onde quero,
Chegar quando quero.
Experienciar meus desejos, minhas vontades.
Cuidar-me,
Zelando por mim.
Desejando-me as melhores coisas da vida,
E *“pondo-me- a -mim -mesma- como- valiosa”!*

Um quarto só meu

Desde criança, sonhava com ter um quarto próprio. Sempre dividi quarto com o meu irmão mais novo: duas caminhas separadas por uma mesinha de escrever, e um tapete estilo persa no meio que servia de divisa entre o meu e o alheio. A estampa do tapete marcava a fronteira.

— Atrás deste remoinho você não pode pisar!

— Você moveu o tapete! A zona daqui é minha!

E assim nós brigávamos, jogando bonecas, ursinhos, travesseiros e bolas de meia um ao outro em plena guerra fraternal. Os gritos chegavam no céu. Nossa mãe aguentava só até achar uma distração para dar uma pausa no conflito: café na mesa, série de desenhos animados na televisão, a querida titia que vinha de visita.

Um espaço só meu, pedi a deus. Um lugar para passar a noite acordada, sem ninguém se dar conta, trabalhando nas minhas ilusões. Queria escrever e desenhar e me perder nos livros no silêncio da noite, costume que até hoje não perco. Só que incomodava ter alguém do lado, na respiração profunda do sono, às vezes roncando, ou mesmo senão, perturbando a minha tranquilidade de estar a sós comigo mesma.

Quando me mudei para meu primeiro apartamento, quando fui morar sozinha, uma amiga me presenteou com o ensaio da britânica Virginia Woolf, “Um quarto só seu.” Gostei, mesmo o que achei óbvio naquele momento. A mulher que depende de um homem para se susten-

tar nunca será livre como autora. A sociedade sempre vai influenciar. O maldito patriarcado! Eu pretendia ser independente. Ganhava o meu dinheiro (mesmo que fosse pouco), pagava as minhas contas (mesmo que doesse) e eu que mandava na minha casa (mesmo que não tivesse mais ninguém). Woolf dizia: “Não precisa se apressar. Não há necessidade de brilhar. Não precisa ser ninguém além de você mesmo”.

Como era bom ser independente, mas confesso que não foi fácil. Senti o peso de inúmeras responsabilidades e tarefas que só eu podia cumprir. Lavar louça, esticar roupa, passar vassoura, comprar papel higiênico – tudo que parecia simples mas que eu, depois de 15 horas de correria, simplesmente esquecia. Um dia li em um artigo de auto-ajuda: “Você quer melhorar a sua vida? Comece por lavar o vaso do banheiro. Tenha cuidado para limpá-lo bem. Não esqueça de nenhuma parte. Porque a maneira que você fizer uma coisa, é a maneira que você vai fazer tudo”. Tudo bem, dei um jeito.

Pior ainda era o preconceito de certas pessoas que achavam que eu vivia apoiada por uns pais ricos que pagavam o meu aluguel. E eu era muito consciente do privilégio de ter um espaço próprio – minha kitchenette de uma janela, uma mesinha e uma mini-geladeira era muito mais do que muitos outros teriam na vida. Mas quem rala-va para manter esse pequeno palácio era eu.

Pior ainda, porém, era a solidão que vinha com mais e mais frequência. Estar sozinha querendo estar sozinha é uma boa, mas quando se quer alguém por perto e não tem... aí começa a doer. A amiga que alguma vez desmar-

cou nem imaginou o quanto eu esperava vê-la. Euzinha em casa, sentindo bem no fundo da garganta aquela sensação de querer respirar mas a boca está seca e o ar raspa, raspa.

Morar sozinha durou pouco tempo. Veio um namorado para morar comigo. Casados, né? No meu castelo de um quarto só. E cadê o quarto só meu? Sempre dividindo, eu fico dividida mesmo.

Onde posso me esconder, para onde posso fugir? Penso na Virginia Woolf com uma perspectiva mais corporal do que profissional agora. Aonde vou para fazer carinhas feias, poder me tocar, fazer bagunça e barulho, comer sem me preocupar por compartilhar com o outro? Meu corpo, só meu, está pedindo um quarto. Estou à procura.

Pretas velhas

Eu sou Mulher e sou feliz! Sou filha de tantas Mulheres, de tantos ventres.

Sou como todas, igual a todas e, também, diferente, no modo de ser, de sentir e de estar.

Somos sim, iguais e também diferentes, nos nossos corpos, nas nossas mentes...

Sou feliz e orgulhosa, somos filhas das nossas senhoras, filhas de um lindo legado.

Destinos traçados e entrelaçados, caminhos longos, de tempos atrás.

São elas...

Atentas a tudo, intensas, que dominam a ciência, que caminham devagar e chegam primeiro tamanha a experiência.

Que seguram e acendem os candeeiros, que nos dão esperança, que nos encorajam, que equilibram nossa vida terrena, nosso espaço de convivência, que nos ajudam a refletir, que nos contam suas vivências.

Que defumam com seus cachimbos, que dominam o cotidiano, perfumando, cantando, saravando, jogando, sambando, atuando, disseminando fundamentos e conhecimentos...

Conquistando nossos direitos e melhorias em todos os âmbitos de nossas vidas, sempre presentes, nos batuques, rezas, feitiços, magias e cantos.

Que chamam nossa atenção, que brigam com con-

vicção, Matriarcas de nossa Mãtria. Que incansavelmente transmitem saberes, que têm sempre boas ideias para cumprir toda missão.

Que garantem nosso futuro, mesmo que seja tão duro, que sabem da nossa luta, que conhecem o sagrado e que estão sempre ao nosso lado.

Que mobilizam, fortalecem, promovem a união.

Que cantam forte nos gurufins, que manifestam os movimentos, que orientam nossos caminhos, conselheiras, companheiras, carismáticas e guerreiras.

Que plantam o amor, semeiam a fé, no peito a euforia, alimento, coração, comprazimento, deleite, vida eterna, fraternas e maternas... Mães de leite.

O regozijo, a festa, o folguedo ... Que nos contavam histórias e lendas... Colo, afeto, carinho e aconchego que afastavam o medo.

Sempre foram elas...

Que decifravam o cantar dos passarinhos, que nos aquilombavam em seus ninhos, que nos livraram do açoite, que nas estradas nos deixavam alimentos, oferendas...

Que nos escondiam nas Matas, que nos protegiam dos algozes, com seus gritos e vozes ou com silêncio e Mironga, pontos de fogo...

Que nos curavam da Peste, nos aqueciam em volta das fogueiras, que nos abriam clareiras, que nos banhavam nos Rios.

Que acariciavam nossos cabelos, que teciam com seus novelos, nos livrando do frio.

Que liam em borras de café, que enfrentavam tudo de pé

Que rezavam as ladainhas, que organizavam as procissões, caminhando no tempo certo, andamentos, compassos e direções.

São elas...

O corpo aberto aos Orixás, a bondade, a perfeição...

Que nos mobilizaram, nos fortaleceram, que plantaram e cultivavam a alegria, sentindo a dor, da maldade, da tortura, do banzo, da escravidão...

Que construíram nossa moradia, Quilombos, Mocambos...

Mulheres de todas as idades, que lutaram por nós, por liberdade, outrora chamada alforria.

Com certeza são elas...

Que nos atraem como um imã, pro colo que nos acolhe, nos dão conselhos.

Que curam nossas feridas, da alma, do corpo, da mente...

Que amansam os touros.

Que trazem ao mundo as crianças, que nos banham com as ervas, que vivem buscando a harmonia, com a natureza, encantamento e beleza... Proteção, são elas que nos conduzem à evolução, à revolução...

Que cuidam de todos os filhos, com toda a atitude, semeiam a plenitude.

Que nos alimentam, nos matam a fome e toda tristeza que nos consome, que nos dão resiliência, semeadoras, que nos ensinam os valores com palavras claras e em entrelinhas.

Que nos dão força pra sobreviver, que nos mostram nossa guia, que nos mantém no caminho.

Que governam a si mesmas, que lutam e seguram as rédeas com toda sabedoria.

Que nos agigantam com seu legado, que tornam a vida celebração, que através da oralidade preservam a memória, que atiram a flecha certa, mirando nossa trajetória.

Que entendem os impulsos, a intuição, compreendem o tempo para a reflexão. Que fazem o dia render, com a magia do saber, cada gesto, ação e decisão.

Entidades que iluminam, que brilham, que aproximam e unem as famílias.

São elas que morrem, vivem e se eternizam. Mulheres formosas, sorriso sereno, firmes, com o dom de agregar, a grandiosa simplicidade, um brilho no olhar, a coragem de se dar.

Que constroem a humanidade, que ensinam aprendendo, sábias no dom da humildade.

Para elas...

Toda nossa reverência...

Cambindas, Marias, Sebastianas, Florindas, Gracindas, Catarinas, Beneditas, Serafinas, Justinas, Joaquinas, Luizas e Luzias, Severinas, Rosárias, Rosas, Isauras, Chicas, Anastácias, Ritas... Todas... Gratidão sabemos de onde vimos, graças a todas elas seguiremos.

Eu sou Mulher e sou feliz! Sei de onde vim... foi um longo caminho...

(obs)cena

*E assim no dia 13 de maio
de 1958 eu lutava contra a
escravatura atual – a fome!*

Carolina Maria de Jesus

Somos mães, sabemos ver.

Ana Costa; Zélia Duncan

Para Elza Soares.

vivendo
em realidade intranquila
eu vi
mulheres revirando um caminhão de lixo para alimentar
[seus filhos.
eu vi.
está
na tv no jornal no grupo do zap no insta no twitter na boca
do povo:
mulheres reviram um caminhão de lixo para alimentar
seus filhos.
mulheres.
reviram.
um caminhão.
de lixo.

para alimentar seus filhos.

está na boca – do estômago – do povo.
no twitter no insta no grupo do zap no jornal na tv a cabo
de quem não conhece a fome.

MULHERES REVIRAM UM CAMINHÃO DE LIXO PARA ALIMENTAR SEUS FILHOS

pão iogurte alface tomate maçãs bananas carne verde
carne verde para o almoço de domingo.
bananas & maçãs & tomate & alface & iogurte & pão
na caçamba do caminhão.

para alimentar seus filhos
mulheres fazem o mercado da semana
no lixo do
caminhão de lixo.

LIXOLIXOLIXOLIXOLIXOLIXOLIXOLIXO
comida fresca para o pobre virou item de
LUXO.

de costas, revirando o lixo de um caminhão de lixo
eu vi
mulheres mulheres mulheres mulheres
eram quatro
são muitas

de costas para sua gente
eu vi

uma pátria

pátria

– era outubro do ano passado ainda é –.

eu vi e não

esquecerei

aquele pesadelo R\$eal:

no supermercado granfino

a riqueza da pobreza é

comida vencida

catada num caminhão de lixo

parado na avenida.

mulheres

para alimentar seus filhos

na caçamba

lama sujeira mulheres

carne verde bananas maçãs tomate alface iogurte pão.

carne verde bananas maçãs tomate alface iogurte não.

NÃONÃONÃONÃONÃONÃONÃONÃONÃONÃO

eu vi

mães tentando resistir

por seus filhos teimados em vingar

sem emprego sem comida

revirada vida avesso de viver.

mulheres revirando um caminhão de lixo para alimentar

[seus filhos eu vi.

agonia sem

 fim

esperança no

 fim

poesia sem lirismo

da infame dor de fome.

Sou mulher, sou potência

Há quem diga que mulher é sexo frágil, e muito enganado está!!!

Mulher é força, é início, meio e fim.

Ser mulher é amar a vida e jamais desistir de lutar!!!

Quantos espaços conquistados, quantos a conquistar.

É preciso ter muita coragem para ser mulher nesse mundo.

É preciso atitude de mudar o que não está legal.

No seu ventre, desenvolve-se a vida.

No seu seio, alimenta-se a vida.

Nos seus braços, há de se desenvolver seres humanos.

Ser mulher é carregar lágrimas e lembranças do passado.

É também carregar sorrisos de superação.

Ser mulher é nascer para fazer tudo aquilo que dizem que não podemos fazer.

Sou mulher e sou feliz!!!

Mulheres das Quebradas

Lá vem a Ana
Sambando, sambando
Na roda, numa beleza ímpar
Flutuando

Hoje a Drica abre a roda,
Na tela virtualizada
Problematizando
Muitas mulheres nessa quebrada

Agora na tela virtual
Das Mulheres das Quebradas
A Drica entra de novo na roda
Problematizando

Tantas Anas vão se apresentando
Não somos Ana Davenga!
Vozes silenciosas!
Geral gritando.
Eu, Luciana, afirmo logo
A questão da identidade
Que foi me inquietando
Porque Ana Davenga?

E as outras Anas, mulheres
Das múltiplas periferias

Na tela virtual vão narrando

Aline narra sobre a humanidade
E na tela a humanidade
Vai se movimentando
E é nessa frenética que
Denise não pretende afirmar
Mas trazer provocações
Para Geral pensar

As outras Anas em Tela
Todas querendo se manifestar
Quando cita o
AI5
Não tem como se calar
Drica provoca junto com Gilda Portela
As portas da ditadura
Ela instiga que juntas vamos
Sempre fechar

Drica volta à Roda...
E que samba é esse?
Que nós insistimos em dançar
Como Drica fala do tempo
Há sempre tempo de contestar

Há tempo de entramos nos Becos das nossas Memórias e
gritarmos
Somos Mulheres, somos felizes
E ainda cantar

Chega para cá Zélia e Ana Costa
Nas cordas do violão literalizar
Se eu improvisei um texto naquele dia?
Sim! Sim! Inspirada nas falas da Rozzy Brasil
Os nossos corpos territórios
Puderam essas grandiosas cantoras felicitar.
Que falasse da gente em alguma medida
Zélia Duncan, pulsa, vibra, diz:
As músicas são pontes.
E do outro lado da ponte somos nós
Energia, harmonia

E se a gente pulsa?
Pulsamos juntas
Nossos corpos territórios sambam
365 noites não bastariam
Para entender tudo sobre você
Já diz Duncan: a música é o movimento, é o mover
Ana, se a graça é mergulhar
Nas melodias que eu busquei você fez
Mergulhamos nos seus contos

Entre olhos
Eu sou feliz, eu sou mulher
A menina dos Olhos de Oyá
Ana, Zélia vai que dá

Continuei textualizando e improvisando naquele dia...

Somos o som e o trovão

O som do silêncio e a força do furacão
Sabe explicar o que é nascer mulher?
Mulheres à frente do seu tempo
Entre terra e mar
Travessias plurais, somos felizes, somos mulheres
Mas não queremos ser iguais.

Quando me vi no espelho

“SÓ VALE A PENA QUANDO A ALMA NÃO É PEQUENA”

Breve relato. Sou a quarta filha de uma família de sete irmãos, cuja provedora é uma matriarca. Passei por inúmeras dificuldades para chegar até aqui, começou embaixo da ponte do bairro Engenho Novo terminando na Cidade de Deus em Jacarepaguá. Até aí a única certeza que tinha, é que sou uma pessoa do sexo feminino e, isso não representava nada no tocante ser mulher. Claro que a essa altura ser mulher era apenas questão de gênero e não de “empoderamento”. Ao longo da minha trajetória de vida, percorri vários caminhos tortuosos e sombrios, entretanto, com dignidade. Aos poucos fui entendendo que ser mulher preta, pobre e favelada era um grande desafio para conseguir cruzar a linha tênue do espaço mulher. Inspirada no tema, “Eu sou mulher Eu sou feliz”, contarei um pouquinho do meu reflexo no espelho.

Não importa o tamanho da muralha, apenas vá tateando tijolo por tijolo que você mulher consegue chegar onde quiser. Desde que elenquei a educação como alicerce fundamental para chegar, sabia que não seria fácil, mas também, não era impossível. Condição sine qua non, estudar e estudar. Ainda que a sociedade lhe diga não, continue... O caminho existe, só depende de você mulher.

Com a queda da ditadura militar no Brasil, tive a opor-

tunidade de ter acesso às informações, que eram veiculadas diuturnamente por todos os meios de comunicação, mas um personagem me chamou atenção, fiquei de olho no discurso que ele fazia, Leonel de Moura Brizola era seu nome, me encantei com a história dele. Era o momento em que ele tentava reaver a sigla partidária, à qual Ivete Vargas havia tomado posse. Daí em diante, percebendo que era caso perdido, criou outra sigla. Partido Democrático Trabalhista, PDT. Tão logo a escolha se consolidou, houve uma operação de guerra em busca de filiados como reza a Lei Eleitoral, diante deste cata cata e influenciada pela minha mãe, me filiei ao PDT. Após essa etapa, houve uma grande mobilização para que filiados participassem das reuniões realizadas na sede que ficava localizada no centro do Rio, na Rua 7 de setembro às quintas-feiras.

Nessas reuniões, nos ensinavam cidadania, política, inclusão social, eleições diretas e a importância do negro, da mulher, organização sindical, importância ao acesso à educação para a afro descendência brasileira e outros. Foi neste momento que comecei a entender o meu papel na sociedade. Ainda que com muita dificuldade, percebi que eu e minha família éramos importantes e, nosso espaço na sociedade precisava ser conquistado.

Inspirada pelo lema de Leonel Brizola: "A educação é o único caminho para emancipar o homem. Desenvolvimento sem educação é criação de riqueza apenas para alguns privilegiados. Me organizei e voltei a estudar no noturno e continuei trabalhando como empregada doméstica durante o dia. Nos finais de semana participava das reuniões dos movimentos: Negro e de Mulheres. Foi

assim que consegui me enxergar como ser de direitos e deveres. Ao voltar a estudar, descobri que quanto mais eu lia e escutava as pessoas letradas discursarem, ficava mais sabida, me tornando autônoma e, começava o meu próprio desenvolvimento intelectual. Foi uma viagem sem fim, me formei no curso Normal, em Pedagogia e hoje sou Pós-graduada em Relações Étnico Raciais pela Universidade Federal Fluminense.

A reflexão que faço nesse texto é que na minha adolescência só tinha visibilidade o negro que jogasse um ótimo futebol, caso contrário era menos que nada. E essa classificação diz respeito ao preto do sexo masculino, a mulher preta era invisibilizada de forma covarde e anulante, a sua participação na construção da sociedade machista e sexista era apenas para servir aos homens. Todo esse entendimento me fez valorizar ainda mais a educação. A partir daí passei a entender o que aparecia no discurso, mesmo que nas entrelinhas, das mulheres guerreiras e, me tornei mais uma a fazer parte da luta das mulheres que me parece promissora em vários sentidos, exercitei a sororidade com as iguais e aprendi a respeitar as diferenças.

Para não dizer que não falei de mulheres que me inspiraram, cito aqui alguns nomes para que vocês não fiquem apenas com um tantinho da minha história. Carolina Maria de Jesus, Djamila Ribeiro, Tatiana Memória, Elza Soares, Dona Ivone Lara, Clementina de Jesus, Maria Lata D'água da Mangueira, Izabel Valença do Salgueiro, Tia Surica da Portela, Ruthe de Souza, Rozzi Brasil, Doutora Iolanda Oliveira (UFF), Doutora Nilma Lino, Denise Mendonça (Rotas e Redes Literárias), Kiusam Oliveira.

Diná Ferreira de Oliveira (minha mãe), Rose do Bronze (camelô das praias da Zona Sul), Ana Costa, Zélia Duncan, Lan lan, Teresa de Benguela, Mulher do Morro, Mulher da Favela, Oprah Winfrey e tantas outras que me motivaram seguir sempre correndo atrás de um lugar ao Sol. Deixo aqui meus agradecimentos e minha homenagem! Mulherada não desista, o melhor ainda está por vir. Não pensem que somos coitadinhas, muito pelo contrário, se deixar chegar faremos quantos gols quisermos.

“Falar da mulher, em termos de aspiração e projeto, rebeldia e constante busca de transformação, falar de tudo que envolve a condição feminina, não é só a vontade de ver essa mulher reabilitada nos planos econômicos. Social e cultural. É mais do que isso. É assumir a postura incômoda de se indignar com o fenômeno histórico em que a metade da humanidade se viu milenarmente excluída nas diferentes sociedades no decorrer dos tempos.” Blog Carta Capital em 25 de novembro de 2014.

Tecendo histórias com as mulheres no samba e na vida

Era uma vez uma mulher preta, filha de um homem sambista, de quem ela herdou o talento para compor e a alegria de cantar. Ela escreveu: *“Eu vou por aí tecendo histórias que é a melhor forma de encontrar o passado e alicerçar o presente, sigo escrevendo a minha própria história junto com as de outras mulheres na cidade do Rio de Janeiro”*.

Era uma vez uma mulher preta que sonhava: *“Sempre foi um sonho que alimentei desde a universidade, fazendo a especialização em Saúde da Mulher em 1993 na UERJ...”*.

Ela sonhava poder viver o mundo como uma imensa roda de samba, com os valores de África que o samba preservou e trouxe até nós. Ela sonhava uma arte sem palco, com protagonismo coletivo. E ela se formou enfermeira, trabalhou por muitos anos no Hospital-escola São Francisco de Assis da UFRJ, onde exerceu na prática muitas das teorias, envolvendo-as com apoio e afeto preto, entregando, além da medicação, seu ouvido em escuta generosa às mulheres das quais cuidava. Ela sabia que a dor não é diferente nas mulheres pretas, tinha certeza de que a mulher negra não é “mais forte” ou “mais resistente à dor.” Ela sabia que a dosagem de analgésico não deve ser diferente conforme a cor da pele. Assim, cuidando, ouvindo, reivindicando, ela lutava contra a violência

obstétrica numa época em que isso era tão pouco falado. Mas ela falava e fazia a diferença.

Quando não estava no hospital trabalhando, ela estava na roda, na roda de samba, cantando, versando e conversando, aprendendo para trocar. Ela compunha, participava de vários movimentos culturais, criou uns tantos projetos em prol dos artistas da periferia. Sentia-se uma artista inspirada pelas lalodês faladas por Jurema Werneck no livro que ela leu e nunca mais deixou de consultar. Ela estranhava o formato moderno que deram ao samba, isolando com holofotes os artistas no palco, deixando a maioria como espectadores a aplaudir. Implicava com a mídia e seu olhar míope vendo apenas uns poucos, sempre os mesmos, e deixando de enxergar tantos talentos que inundam os pagodes cariocas, principalmente as mulheres. Ainda que ela tenha conseguido se colocar num lugar confortável, fazer parcerias, ela preferia que as mãos batessem palmas marcando a melodia enquanto as bocas versassem com equidade. Ela era mais a poesia!

Longe de ser uma pessoa iludida, tinha consciência de que ela mesma era uma exceção *“no mundo de suburbanas mulheres negras, muitas ainda sem uma completa formação escolar, submetidas às múltiplas jornadas de trabalho, obrigadas a dar conta de todas as atividades domésticas, responsabilidades com os filhos e recebendo baixos salários”*. No entanto, ela tinha esperança e se mostrava otimista: *“Vejo um cenário mais promissor, as mulheres estão estudando, se qualificando em todas as áreas, inclusive, na música”*.

Era uma vez uma mulher, enfermeira experiente e aposentada que se pôs a estudar, buscando criar um estudo de viabilidade para que os saberes que constituem a cultura do samba pudessem ser aplicados como cura às feridas que o pensamento hegemônico produziu. Ela escreveu: *“Eu entendendo, desde sempre, o samba como um local de Educação e Saúde, não somente de entretenimento, um espaço de diálogos sobre todos os assuntos”*. Ela acreditava que *“a luta antirracista é convidar as pessoas a pensarem sobre esta estrutura eurocêntrica que inviabiliza a vida de tantas mulheres”*.

Era uma vez uma mulher preta chamada Márcia Cristina Lopes, que estudou enfermagem para cuidar de mulheres e cuidou. Sambista nata, forjada nas rodas do subúrbio, que entendeu que o samba é muito mais do que música e lazer, é cultura e também remédio para os males do preconceito.

Quando organizávamos essa coletânea, ela foi acometida de graves sintomas do que só saberíamos depois ser um aneurisma cerebral. Foi hospitalizada e submetida a uma delicada cirurgia, cujo resultado ainda não sabemos. Ela ainda não retornou para nós.

Estamos aqui torcendo, eu, particularmente, pedindo aos Orixás que ela volte em breve e retome seus estudos para que, quem sabe, possam tornar o samba uma disciplina a ser aprendida nas escolas e universidades, e a vida seja mais leve, mais viva, menos dolorida.

...

...

A vida tinha outro planejamento, onde não couberam nossas esperanças, era hora da nossa querida Marcia retornar. No dia 19 de setembro de 2022, ela regressa aos Orixás levando o seu inefável sorriso, sua marca na vida que estará sempre na nossa memória. A dor é nossa, é do corpo. Ao espírito, apenas a liberdade e a consciência.

Marcia deixa um legado extenso de textos, poesias, ideias e sambas. Legado de mulher preta e, como tal, invisibilizado, mas, certamente, precioso conteúdo que comporá a arqueologia do futuro, quando estivermos evoluídos o suficiente para absorver a sabedoria que veio de África e o conhecimento produzido no seu encontro com o saber originário. Coisas e pessoas do Brasil.

Rozzi Brasil

**As passagens grafadas em itálico foram escritas por Márcia, quando do início dos preparativos para a publicação desta obra.*

Sou mulher. Sou feliz?

Há uma dúvida aqui. Esse título como afirmação não cabe em mim, não me contempla. Sou Mulher sim, mas feliz? Felicidade não cabe em mim. Os reveses que o meu caminho proporcionou, me afetaram e me construíram até agora, foram uma jornada de eiras e beiras que me fazem refletir.

Tentei relutar, tentei outros caminhos, mas o destino foi implacável e se fez por si só. A vontade, o livre arbítrio, ficaram congelados, adormecidos, e não sei quando irão se fazer valer, quando irão acordar para uma nova e feliz trilha. Mas esse dia há de chegar, há de existir uma nova jornada. A esperança está lá, lá na frente. As visões turvas que pairam sobre mim irão acabar.

Está exaustivo viver, momentos felizes pouco aparecem, viver sem saber porquê. Por que estamos Mulheres? Mulheres negras, Mulheres da periferia, Mulheres sensíveis, Mulheres que rodam a baiana, Mulheres guerreiras, Mulheres fortes, Mulheres, Mulheres, Mulheres.

A Mulher que dá a vida é renegada, rechaçada, abusada. Os animais e a natureza são os melhores companheiros para fazer florir a vida. Ah o som da natureza... Os pássaros são a companhia perfeita.

Hoje ouvi, mas foi pouco. Escuto e percebo a grandeza de seus vôos, de suas canções. Me tornam uma Mulher melhor, mais resignada diante das adversidades, mais humana como eles, os pássaros, são. Acreditar na natureza

é acreditar em nós, mas, quando se trata de ser humano, não tem nada certo.

O que cabe em mim? Cabe uma vontade que não cabe em mim, extravasa, vai além do que é conhecido, do que pode ser nomeado. Ser Mulher está longe do que pode ser conhecido pelo homem, pelas engrenagens da vida.

Mulher - aquela que equilibra, que incorpora a personificação de si mesma, para além do que a vida pode dar. Quebrando pedras, adiando desejos. A vida que pressiona o corpo. Minha existência, paralisada, sem movimento, sem liberdade.

Não sou íntima da felicidade, só a conheço de vista.

O amor tem cor?

Naquela manhã Ester decidiu, que a partir daquele momento, haveria de ser outra mulher.

Mulher, 40 anos, negra, bonita, inteligente, elegante, educadora e recém separada. Moradora da Tijuca, passou a sua infância no subúrbio da Leopoldina, em Olaria, e tinha um grande carinho pelo lugar que acolheu sua infância e adolescência.

Quando criança conseguiu com os esforços dos pais, estudar em um colégio particular de qualidade, tinha uma irmã mais velha, a Camila. Elas duas eram muito próximas e amigas.

Ester sempre foi muito dedicada, era sempre elogiada dentro de sala de aula, não somente ele, outros alunos e alunas também, porém para alguns alunos da classe e até mesmo para alguns professores, esses elogios não haviam muito cabimento. Afinal de contas, era uma das poucas crianças negras dentro daquele perímetro. Desde muito cedo teve contato com os olhares diferentes, nunca havia sido explicado, que o modo diferenciado dos olhares é um conhecido do povo negro, o RACISMO.

E, assim, a menina foi crescendo, sempre rodeada da família e de seus amigos e amigas, mas ao mesmo tempo que crescia, (sugestão: ia sentindo, paralelamente, medo. O que antes era alegria, era bonito, passou a ficar nebuloso em sua mente e com isso sua autoestima ficou abalada. Aparentemente, nada havia mudado, mas por dentro a

sensação de diminuição aflorava. As coisas só iriam se modificar no 2º grau, porém em uma sociedade racista e patriarcal como a nossa, teria que se moldar aos padrões da época, aquele do cabelo baixo, alisado, esticado que quase toda mulher negra e mestiça teve que aderir. Mas isso não era tudo, as dúvidas e aflições não cabiam naquela jovem. Era elogiada por muitos, mas a oportunidade só chegou mesmo depois de muita dedicação, prestou vestibular para Pedagogia e conseguiu passar em uma Universidade Pública, mas ali os seus problemas só continuariam, os olhares do passado eram fichinha perto das agressões verbais, através de cochichos propositais.

Antes de se formar, Ester, durante o dia, trabalhava no setor administrativo de uma empresa têxtil e as horas vagas que restavam para estudar eram escassas, ou eram dentro do transporte público, à noite antes de dormir e às vezes nos finais de semana. Até porque o seu final de semana era pra fazer tudo que não poderia ser feito dentro de casa, nesta época, ela ainda morava com os pais e a sua irmã já havia se casado e tinha 2 filhos e uma casa para cuidar, por opção. Geralmente aos domingos, Ester saía com as amigas para se distrair e, nesse período, conheceu Fábio, um amigo em comum. No início, a amizade era forte e os estudos intensos. Posteriormente a amizade se transformou em paquera e, logo em seguida, em namoro.

Fábio era branco, funcionário público, tinha uma vida estabilizada e morava sozinho em um apartamento, em Vila Isabel.

Chegou o ano de 2005 e Ester se formou na faculdade de Pedagogia. Os anos iniciais para lecionar foram difíceis,

fez muitos concursos e ainda hoje segue aguardando ser chamada, pois foi classificada em boas colocações, apesar da espera, trabalha em uma escola particular em 2 turnos.

5 anos após se formar, Ester e Fábio já estavam morando juntos e resolveram oficializar a união, se casaram no cartório, e fizeram uma festinha intimista com os amigos e caíram na estrada, em lua de mel. Foram passar a noite de núpcias em Trindade, litoral do Rio de Janeiro.

Ester e Fábio se davam muito bem, eram um casal que se completava, porém, Ester começou a fazer algumas observações. Ela trabalhava mais em casa do que ele, as tarefas nunca foram divididas igualmente, pois ela passava mais tempo fora de casa, trabalhando do que ele e como ela já tinha passado dos 35 anos, o relógio biológico gritava! A vontade de ser mãe começou a bater. Mas para falar a verdade, a vida entre eles antes era tão legal que isso nem passava pela sua cabeça. Até que um dia...

Até que um dia resolveram sentar, frente a frente para conversar e para a sua surpresa, Fábio disse que não queria ser pai, porque tinha medo de ter um filho mestiço.

O chão de Ester se abriu, não sabia o que fazer, a sua reação foi... ou, melhor dizendo, não teve reação.

Vocês se lembram dos episódios relatados sobre racismo, contados anteriormente?

Pois então, aqueles fatos foram pequenos diante daquele homem que dizia amá-la e até fez juramentos diante da juíza. Mas amar até que ponto? Será que para ele tê-la ao seu lado já bastava?

Realmente o buraco fica mais embaixo quando não se trata da gente, e vai mais além do que o outro, porque esse

outro ser, que nascerá é origem de 2 pessoas com etnias diferentes, pelo menos estereotipicamente falando.

A família do próprio Fábio sempre a recebeu de braços abertos, sem nenhum tipo de preconceito e com imenso carinho e, justamente de quem ela menos esperava, daquela mesma voz que falava e sussurrava em seus ouvidos na hora da entrega do amor, palavras tão bonitas e carinhosas, ouviu a pior resposta de toda sua vida. Ali a relação ficou extremamente abalada, afinal os dois passaram momentos bastante complicados. Os dois foram vítimas de uma sociedade extremamente racista. Ele porque comia a neguinha e ela porque era palmiteira, mas daí não querer ter um filho porque ele não sabia lidar com a situação foi como uma cumbuca de gelo em suas costas.

Com essa situação, apesar do amor entre Ester e Fábio ser enorme, ele não foi o suficiente para ele encarar de frente todo o sistema socio-cultural e político brasileiro, no qual o negro é quase sempre colocado como inferior. E assim resolveram dar um tempo.

Nesse intervalo, Fábio ficou aberto para outras relações e estava conhecendo Paula, uma colega do trabalho e Ester mais se aprofundava em seus estudos, a essa altura estava fazendo o seu Mestrado. Nos finais de semana se distraía com as amigas sólidas, que tiveram, acima de tudo, empatia. Mas aquela situação só confundia cada vez mais a sua cabeça.

- Será que não era melhor voltar para o ex-marido?
- Será que a ideia de ter um filho não poderia ser solucionada com os filhos do coração, os seus alunos?
- Será que ele era racista?

— Será que não seria cobrar demais do seu companheiro de quase 10 anos essa vontade que era só sua?

Nesse ínterim, Fábio resolveu deixar o apartamento para Ester e evitar maiores dores de cabeça para ela.

Ester acordou naquele dia e decidiu que a partir daquele momento ela seria uma nova mulher, sem dores e dúvidas. Levantou da cama, ligou para Camila, depois trocou mensagens com as amigas, Maria e Pietra, foi para o banho, colocou uma roupa confortável, fez uma maquiagem clean, colocou um salto alto, um batom vermelho e fechou a sua porta. Se encaminhou para o apartamento de Fábio. Chegando lá, outra surpresa a esperava, Paula a atendeu no interfone, já que o porteiro não trabalhava naquela hora da manhã e Paula disse que Fábio não poderia atendê-la.

Com muita raiva e classe, Ester ligou diretamente para o celular de Fábio, que se encontrava meio sonolento, pois tinha acordado com a sua ligação e ficou feliz de ver o número dela ao tocar. Porém, Fábio agora teria 2 problemas para resolver, terminar a amizade colorida com Paula e se desvencilhar do medo de ser pai de uma criança mestiça e abraçar e beijar com todo o carinho e respeito o seu verdadeiro amor, Ester.

Ubuntu

Às vezes dá vontade de desistir. Porque não importam seus diplomas, como você se veste, onde você está ou que cargo ocupa: ainda vão te olhar de cima a baixo e de baixo a cima para avaliar se o que você diz vale a pena. Ou se é verdade.

Mas vou desistir do quê? De ser preta? De ser inteligente? De ser talentosa? Porque mesmo arrastando minhas próprias correntes e as de meus antepassados eu estou aqui. Ocupando o lugar que não devia, mas é meu. Sendo chamada pelo título que não devia, mas sou eu.

Eu adoro aquela piada que faz mais sentido em inglês mas diz que o ex chega e pergunta:

— E então, senhora ou senhorita?

E a resposta é:

— Doutora.

Parece bobo e ressentido pensar em algo assim, mas não quando você é preta. Porque eu tive a sorte de nascer no lugar certo e na hora certa. Cresci cheia de traumas? Sim. Sofri um bocado? Bastante. Mas pelo menos estava ali onde podia me encontrar, firmar minhas raízes e crescer.

Se eu pensar por alto, posso até pensar que estive sozinha. Mas eu estava me firmando nos ombros de Ishtar, Ísis, Oxum, Aqualtune, Dandara, Clara Camarão, minhas avós, minha mãe. Cada uma de nós está erguendo o futuro. E assim como fui sustentada, sustentarei.

Estou de braços dados com minhas companheiras,

amigas, conhecidas, colegas, irmã, cunhadas, desconhecidas. Justiceiras, vingadoras, plantadoras, cuidadoras, pensadoras, fazedoras de ninho. Minhas professoras e minhas alunas. Meus ideais e minhas decepções. Quem está de coração partido. Só excluo quem partiu nossos corações.

Para mim era muito pesado ser ponta de lança. Ser a primeira e única num lugar ocupar e criar um espaço. Olhar ao redor e não ver alguém como eu ocupando a mesma posição. Alguém mais escuro do que eu.

No meu ombro esquerdo, nas costas, tatuei Sísifo como uma mulher negra rolando o mundo morro acima. Pode parecer uma imagem pesada, negativa, mas saiba: quando essa pedra chegar no topo ela não vai mais rolar ladeira abaixo. Nós todas a colocamos lá.

Nascemos mulheres e somos felizes!

Nascer, viver e crescer mulher parece ser um acontecimento extraordinário. Carregamos a responsabilidade de gerar, nutrir e proteger novas vidas. De forma antagônica também somos consideradas frágeis, ainda que os fatos do cotidiano comprovem a força de cuidadoras universais diante da sociedade e das próprias adversidades que vivemos.

Quando pensamos nos milhares de anos que tem a humanidade – humanidade esta que ainda não é capaz de nos compreender, percebemos o quanto nos ignoram quanto aos nossos amores, nossa força, nossa expressão e, principalmente, nossa capacidade de sobreviver e de nos reinventar por muitas e muitas primaveras, quantas nos forem proporcionadas.

Começamos sempre pelo fim, mas na verdade se compreende quem somos através de quem fomos, e o produto de nossas vivências é por demasiado importante, o que instiga todos à pergunta: De onde vem tanta força, e além disso, tanta lucidez?

Para entender como é ser mulher e ser feliz é preciso caminhar ao nosso lado, sentir nossos passos, ouvir nosso choro e se puder, mas apenas se puder, enxugar algumas de nossas lágrimas. Ser mulher definitivamente é gritar, ousar, sofrer, sorrir e chorar por tantos motivos diferentes que nem outros milhares de anos farão a humanidade compreender o modo como amamos e nem o modo como,

em alguns momentos de nossas vidas, odiamos.

Ser mulher está tão relacionado à intensidade de sentir que passamos uma vida inteira aprendendo a lidar com a explosão de sentimentos, e com uma gangorra enlouquecida de reações aparentemente incompreensíveis, mas que em algum momento se justificam. Todos serão convidados a admitir que o famoso “exagero”, seja de proteção materna, de paixão de pantera ou loba, ou mesmo aquele roubo de amizade e empatia, estavam programados e nada se pode fazer contra as forças que nos movem na direção de nossos sonhos, desejos e vontades.

Os conflitos fazem parte de nossas vidas de forma muito marcante, e as intrigas familiares nada mais são do que um desafiador convite ao crescimento e à maturidade. É muito difícil imaginar o que existe por trás das nossas lágrimas e dos nossos sorrisos; de uma mulher, nem o mais eficiente jogador está livre de se equivocar quando se trata de analisar o passado de uma mulher. As relações entre mães e filhas por exemplo, são uma verdadeira apoteose nos conflitos da existência de uma mulher, seja qual for o dilema; ele existe e se manifestará por não as conhecer como gostaríamos, tentar compreendê-las ou mesmo por tentar defendê-las de suas lutas impotentes quando ainda somos crianças.

Temos muitas escolhas a fazer ao longo do caminho e cada uma delas é responsabilidade nossa, mas não podemos esquecer do quanto é importante preservar nossa saúde emocional e física enquanto enfrentamos os desafios de um universo que interfere de diversas formas nessas escolhas. Foram muitos anos para que ao menos algu-

mas de nós pudéssemos ter um pouco de liberdade sobre nosso corpo, nossas ideias e nossas escolhas enquanto mulher.

Só se vive a felicidade de ser mulher ao perceber o quanto somos todas iguais demais em nossas diferenças. Já nascemos em conhecida desvantagem e a jornada é clara: chegar onde o sonho puder alcançar, mas sabendo que enfrentará uma corrida de obstáculos com direito à torcida e apoiadores, e que nem todas nós chegaremos à reta final inteiras. As discriminações, as questões de desigualdade e, principalmente, a violência praticada contra mulheres têm nos tirado da estrada, têm nos retardado e até nos eliminado dessa trajetória rumo aos nossos propósitos pessoais e profissionais.

Sim, ser mulher e ser feliz é amar, errar e perdoar, mas principalmente perdoar a si mesma por não ser o que todos insistem em nos impor. Ser mulher e ser feliz é não ter culpa pelo que nos faz bem e poder dizer não ao que não nos serve. É importante ser livre e mais importante ainda é sermos unidas, empáticas e acolhedoras às dores que ainda não nos tocam, mas que são nossas, de todas nós.

Passado meio século de vida presenciei a ciência evoluir e controlar doenças graves, vi a ficção científica da infância virar realidade, mas ainda não vivi o suficiente para ver a mulher ocupar seu lugar de igualdade, dignidade e respeito ao lado dos homens em todos os cantos.

Sou mulher e sou feliz porque decidi fazer parte dessa jornada a caminho da igualdade, com minha voz, com minhas cicatrizes e, claro, com minhas parceiras de luta.

Somos mães, filhas, primas, netas, amigas, somos mulheres, somos felizes juntas e, principalmente, não somos rivais.

Cabeça Flutuante

Nos meus olhos não existem mais brilho
Na minha cabeça já não há paz
Meu coração está no caminho
À espera do próximo passante que fatalmente pisará nele.
Nada do que tu me disseste era verdade.
Você me fez acreditar numa realidade
E hoje o vento levou e misturou tuas palavras ao pó.
Nem vem com a demagogia de dizer que me admira
Pois não quero tua admiração torpe, vazia.
Não quero prêmio de consolação.
Quero saber em qual momento você achou que eu era teu
brinquedo,
que você poderia ligar para transar a hora que quisesse
Para depois, quando cansasse do brinquedo,
simplesmente desaparecer,
Para que quando eu mandasse mensagem, você me en-
chesse de desculpas.
Sinceramente, seja verdadeira uma vez na vida -
Se não estava preparada para a viagem, não compreasse a
passagem de ida!
Te dei amor;
Abri meu coração e minha casa para você
Mesmo muitas vezes sem te entender.
Nunca invadi teu espaço, sempre te ofereci meu abraço.
Você se escondeu dentro do seu mundo e não respeitou o
meu.

Você matou não só um relacionamento,
Também matou o que prezo de mais importante na vida humana: a amizade.
Não vem com a fantasia de dizer que:
amigos não se procuram,
Amigos não convivem,
Amigos não se interessam pela vida um do outro.
Você tem suas filosofias prontas
Acha que só o que você acredita é o que tem que prevalecer.
Diz não ser vaidosa, orgulhosa
mas você é.
Interessante como você é rápida para identificar meus erros,
para dizer que eu tenho atitudes que você não aprova.
Ao mesmo tempo que é tão devagar...,
na verdade, totalmente parada,
para reconhecer que você está totalmente errada.
Amor não é oferecer dinheiro de esmola
quando você pressupõe que a pessoa está em vulnerabilidade.
Amor é confiar, é dizer o que sente,
é relatar se você não está bem na situação.
Amor não é abandonar a pessoa ao relento quando mais se precisa
Ir embora e se relacionar com outra pessoa na cara lavada,
só pensando no seu bel-prazer.
Você esquece que a mesma sacanagem que você fez comigo pode voltar pra você
porque a vida é cíclica.

Mas não estou te jogando praga,
não lhe farei nada de ruim.
Eu tenho certeza que fui a melhor pessoa,
mas, para você, nada era suficiente.
Temos muito o que aprender nesta vida.
E eu estou realmente aberta para aprender
já você, com certeza não.
Garota, não adianta você dizer que está mudando
Quando a mudança está passando a léguas de distância
de você.
Eu não consigo ser fingida, fria, cética e o escambau.
Prefiro ser uma mulher profunda do que uma mulher rasa
Uma que entra numa bolha de um eterno sonho juvenil.
Vou quebrar a cara quantas vezes tiver que quebrar.
Vou brigar, vou arriscar, mas nunca vou usar de covardia
com ninguém.
É melhor pecar pelo exagero do que pela falta de coração
e coragem.

O segredo de Dina

Em uma área de Reforma Agrária, chamada Assentamento Pau Brasil, situada na Bahia, morava Bernardina da Silva. Para quem não conhece um assentamento, são fazendas que não cumprem a sua função social¹, então o Governo Federal desapropria e emite a posse da terra para várias famílias viverem. O que antes era de um único dono, depois da emissão de posse, passa a ser de muitos donos. Cada qual com sua área individual e outra coletiva.

Neste cenário de aproximadamente 100 famílias, vivia Dina, como era chamada por todos. Uma mulher negra retinta, de aproximadamente 50 anos, lenço na cabeça, roupas simples e posseira de um pedaço de terra. Saía todos os dias para a lavoura e trabalhava de sol a sol. Mãos calejadas e vida difícil, mas como ela e os demais falavam “melhor assim do que ser empregado dos latifundiários”, e ainda: “Estamos trabalhando no que é nosso”. Sua casa era bem simples, como a maioria das casas de fazenda, em uma avenida que antes era ocupada por trabalhadores rurais. Tinha um puxadinho e fogão de lenha, onde ela fazia café e oferecia às visitas.

Dina era uma mulher muito interessante, sorridente, trabalhadora e inocente. Diziam as más línguas que ela só sabia contar até o número 50. Para lidar com dinheiro era muito complicado, tanto para vender o excedente da produção na feira livre da cidadezinha mais próxima,

1 O artigo 186 da Constituição Federal trata da função social da terra.

como para pagar. Diziam que quando chegava em 50, Dina tinha que recomeçar e assim ia labutando no dia a dia. Era freguesa dos mascates². Eles viviam no Assentamento vendendo seus produtos a preços exorbitantes e iam uma vez por semana ou a cada quinze dias receber o dinheiro das quotas. A coisa estava tão séria que as lideranças do Assentamento tiveram que reduzir o número de vendedores na área.

Outra coisa que as más línguas falavam de Dina era a respeito da sua vida privada. A vida privadíssima. Ela não tinha marido quando a conheci, e nem sei dizer se já teve um, mas filhos ela tinha, sim, muitos e netos também. Diziam que Dina tinha uma vida livre. Era chegada a um namorado. O que eu sei é que ela tinha muito bom humor e era espirituosa. Talvez por ser livre, amada ou encarar a vida com otimismo. Aliás, me parece que as pessoas simples sabem levar a vida naturalmente com mais leveza que nós, ditos mais letrados.

Os assentamentos são comunidades bem interessantes. A vida de todos é compartilhada de todas as formas. Tanto em solidariedade, companheirismo, como também em “cuidar” da vida pessoal. Rapidinho uma pessoa, “cai na boca de Matilde”³ e digamos que com “normalidade”.

A ida com certa frequência ao Assentamento era para acompanhar uma amiga que fazia uma pesquisa de mestrado, na área de educação, sobre os desejos de aprender dos assentados. Passávamos bom tempo conversando com todos e Dina era uma das nossas preferidas.

Soubemos de uma estória de Dina que nos deixou in-

2 Vendedor ambulante

3 Uma gíria utilizada para expressar que é do conhecimento de todos.

trigadas e curiosas. Ela era possuidora de um mecanismo que deixava os homens enlouquecidos, causa dos diversos namorados. Ao saber de tal informação, me adiantei em saber se era algo que se comprava, mas para minha tristeza, informaram que não. Era de nascença.

Certa feita, perguntaram à Dina sobre a motivação dela ser tão requisitada pelos homens e ela disse que tinha um segredo, mas tinha vergonha de contar. Depois de alguma insistência, ela apenas deu uma pista, disse meio tímida que o motivo era, “que sou gostosa”. Quando soubemos deste fato, eu e minha amiga fomos conversar com ela de mulher para mulher sobre o tal segredo e pedir que nos revelasse. Dina sempre sorrindo e saindo “à francesa”, mais por vergonha de nós do que pela dificuldade de falar suas particularidades. E nós, querendo realmente aprender – se é que seria possível – sermos mulheres envolventes e desejadas, como Dina, já que não passávamos de duas solteironas inveteradas.

Nesse mesmo tempo, Dina estava namorando e morando com um rapaz muito mais jovem que ela, tipo uns vinte anos a menos. Chamava-se José. Zé para os íntimos. Era magrinho, negro, com aproximadamente 1m60, o que lhe fazia parecer mais novo do que era. Era deficiente cognitivo, percebíamos, o que não lhe impedia de ser um amor de pessoa. Diziam na “rádio patroa”⁴ que era donzelo e tinha perdido a virgindade com ela. Imagina! Perdido de amores pela gostosa Dina. Fazia de tudo para agradá-la, trabalhava na roça dela para ela, comprava presentes, comida etc. A felicidade estampada na cara, para quem quisse ver. Notamos que ela não estava muito empolgada.

4 Idem a “Boca de Matilde”.

Então em um dos nossos colóquios, perguntamos o porquê da falta de entusiasmo. Ela nos disse que era o sexo. Ele mal começava e já acabava. E ela não se “satisfazia”. Para a experiente Dina, ele não sabia fazer e era classificado como “ruim”. Nós tentamos aconselhar, coisa e tal, mas Dina não tinha condições de compreender coisas como ejaculação precoce, ansiedade, início de vida sexual, ou qualquer coisa do tipo. Morremos de pena deles, mas... Não deu outra, não demorou muito, o mundo de Zé caiu por terra e ficou mais afetado pelos problemas psicológicos.

Mas e o segredo? Bom, sempre que a víamos, insistíamos que ela revelasse, mas Dina não teve coragem de nos contar.

Tempos depois soubemos. Porque nada passava despercebido e nem podia ser segredo ali. Dina possuía uma vagina especialíssima, daquelas que poucas mulheres são agraciadas em ter e, naturalmente, sem precisar de pompoarismo ou algo do tipo. No popular é conhecida como “chupetinha” porque quando é penetrada ela se contrai e aperta o pênis, dando um gozo magnífico!

Terminamos a pesquisa e os encontros frequentes com Dina e o Assentamento. Aprendemos muito com estas pessoas e muitas histórias ficaram gravadas nas nossas memórias. Essa é uma delas que compartilho com vocês. Infelizmente, depois de anos, soubemos que Dina tinha ido seduzir na eternidade, com tanto carisma, sabedoria e inocência. O Assentamento segue sua história, mas existe a lacuna deixada por Dina e por tantos outros companheiros.

Mulheres do trem

Eu não ia escrever porque não queria registrar o dia de hoje. Dias assim eu costumo deixar em branco, só registro na memória. Procurava coragem para fazer o meu trabalho do fim de período. Escolher entre Clarice Lispector, Guimarães Rosa e Autran Dourado, não é fácil, não! Eu não sei o que fazer, não sei nada!

Fico imaginando aquela mulher, a ladra de corações de alunos, lendo um texto meu. Deve rir de mim, que não sou boa de literatura. Confesso que leio várias vezes e não entendo! Acho bonito gente que lê e tudo entende. Uma vez eu comentei isso e a professora disse:

— Ah! Vamos combinar, né! Tem gente que vê um monte de coisa onde não tem. Que não é nada do que o autor quis dizer.

Eu ri quando lembrei e fiquei olhando o café soltando fumaça, bati na xícara com a caneta:

— Toc! Toc! – senti o aroma quentinho saindo.

Vi poesia na fumaça e no aroma do café.

Logo nessa semana curtinha que está passando rapidinho e eu ainda não escrevi nadinha. Sei que em algum momento terei de começar o trabalho da Maluh, mas hoje eu não estou para poesia e muito menos para escrever, não encontro inspiração nenhuma, está tudo uma droga!

Deu a hora. E a Central do Brasil me espera, são quase duas horas de viagem.

Hoje vai dar tudo certo e terá o remédio que o meu

filho precisa no estoque da farmácia.

A xícara com café quente e seu aroma havia ficado sobre a mesa da sala e a vista da janela era diferente, o som suave da melodia tinha sido trocado pelo barulho estrondoso do trem.

Não vejo beleza e nenhum encanto, nem leveza na vida dessas mulheres perambulantes daqui. A gente aqui cheira a suor com água de chuva e chão molhado. Dia triste e nublado. Eu desconfio que essa água que cai desde ontem não é chuva, é lágrima de mulher que esse trem leva todos os dias.

Mulher que carrega a caixa enorme, com uma criança de colo. A mãe e a filha que gritam juntas e em coro a propaganda da pomada que cura a dor, e que a menina sabe de cor. Por aqui parece não existir dignidade, muito menos poesia, até a humanidade parece que foi roubada de nós. Quem me dera eu tivesse um remédio que curasse todas as mazelas desse povo, a dor da fome, a dor da alma, a dor da mente e a miséria dessa gente.

Mulheres que vendem pipocas, salgados, cocadas, rapaduras. Mulheres que compram as guloseimas, as comem e as enfiam na boca de seus filhos famintos.

Por isso eu não queria escrever. Falar do que? Das coisas tristes e feias que vejo, da mulher que parece não ter romantismo e nem vaidade? Que carrega caixa, vestindo trapo velho e ninguém sabe para onde vai ou o que vai fazer?

Quem sai de casa num dia chuvoso, num trem lotado, atravessando o Rio de Janeiro de Santa Cruz à Central do Brasil?

Eu vou atrás do remédio do meu filho para convulsão, que é caro e só posso pegar naquele hospital. E elas, essas outras, para onde vão?

Uma senhora que estava sentada do meu lado tentou ler o que eu escrevia, mas eu percebi e não a deixei. Afastei-me, encostei o cotovelo na costela dela, querendo dizer: Ei, dá licença, sai pra lá! Fechei o bloquinho na cara dela e guardei com a caneta dentro, na bolsa. Em seguida olhei para ela e fiz cara de paisagem. Depois de um segundo eu abri o caderno e a deixei ler tudinho.

Eu queria explodir aquele trem com todos de uma vez, mas não iria acabar e nem resolver nenhum problema, e, além do mais, o Presidente não estava lá dentro.

Sofre mulher, sofre homem, filhos de mulheres que sofrem duas vezes. Ninguém escapa. Não penso que existe só mulher “boazinha” e nem acho que o mundo se resume na dualidade do bem e do mal. Já conheci uma senhora que mandava eu ler na carta do Apóstolo Paulo um trecho que dizia que toda mulher tinha que obedecer ao marido. Eu lia a contrassenso.

E nessas minhas andanças de idas e vindas, de nenhum lugar para lugar nenhum, eu já encontrei e fui recebida por mulheres em forma de anjos e noutros momentos por outras que pareciam sair direto do inferno.

Ainda assim são mulheres, e isso não as torna menores. O trem carrega milhares, levando e trazendo sonhos.

Enquanto isso o trem seguia e eu rezava para chegar a tempo de pegar a farmácia ainda aberta, contava as estações que pareciam estar cada vez mais longe uma das outras enquanto o tempo parecia passar cada vez mais

rápido.

São Francisco Xavier, Maracanã, São Cristóvão.

— Meu Deus, não vai dar tempo! – pensei.

Ufa, chegou na Central, a porta abriu, saí apressada.

Atravessei a Presidente Vargas correndo e não pude deixar de notar várias mulheres pelas quais passei: moradoras de rua, vendedoras ambulantes, policiais, guardas de trânsito, atendentes, garis, enfermeiras, motoristas de ônibus e executivas.

Cheguei. A dois minutos de fechar. Peguei a receita da bolsa e a entreguei ao rapaz da farmácia dizendo com firmeza: “o número dele é o 49”.

Consegui! Por dentro eu explodia de alegria.

Na volta, chegando em Santa Cruz, já havia parado de chover e estava um fim de tarde bonito, decidi ir até a padaria. Estava tudo alegre e colorido, na calçada vi um tapete de flores vermelhas, que caíam do muro florido.

As luzes da rua já estavam acesas, um grupo de mulheres conversava na esquina e eu senti alegria, a minha alma parecia querer saltar e flutuar pelo ar, eu transbordei e vi a poesia de um fim de tarde sensível.

A vida que pulsa e saltita surge do íntimo e da intuição de uma mulher, dando cores às coisas belas que brotam como a rosa vermelha que cai sobre a calçada depois da escuridão de um dia nublado.

O colchão

Carolina estava livre. Filhos criados e fora do ninho. O divórcio depois de vinte e cinco anos não a aborreceu. Casou por imposição do pai e pressão do marido canalha que depois de sua primeira transa, no dia do baile de formatura do 2o Grau a chantageou, ameaçando tornar público o que aconteceu entre eles. Cidade pequena, interior de Minas Gerais. O pai fazendeiro, criador de gado, não toleraria uma filha falada. Era casamento ou convento. Uniram as terras. Teve dois filhos e na passagem de esposa para mãe de família nada mais de noites românticas, beijos na boca ou qualquer carinho. Desapareceu na rotina de esposa invisível. Vivia para os filhos e a casa. Ótima mãe, dona de casa perfeita, mas como mulher não era feliz. Agora sentia um novo pulsar em suas veias e apesar do tempo passado, compreendia que sonhos jamais envelhecem. Vendeu tudo o que tinha e foi para a capital. Alugou um quarto em uma pensão, matriculou-se em uma faculdade e quatro anos depois era jornalista formada. Conseguiu um estágio em uma revista no Rio de Janeiro. Uma mudança radical por sua própria conta e risco. Mudou-se. Alugou um apartamento conjugado em Copacabana. O estágio na revista pagava pouco, mas com as traduções que fazia dava para segurar a onda. Sonhara com essa mudança e ia se empenhar para que tudo desse certo. Aos poucos foi adaptando-se à nova rotina. O apê veio com geladeira, fogão e alguma mobília. Poderia economizar um bom dinheiro

fazendo sua própria comida, e com um pouco de paciência, transformaria em um lar aconchegante sua nova casa. Sentia-se verdadeiramente feliz em recomeçar. Seu estilo de vida agora era de muito trabalho e pouco dinheiro. Só havia um detalhe que a incomodava desde o primeiro dia no apartamento: dormir no chão. Para ela, realmente, uma tortura que tornava suas noites longas e desagradáveis. Na fazenda onde cresceu ou em qualquer zona rural não é aconselhável dormir no chão, devido às visitas de animais silvestres, insetos, aranhas, cobras e ratos. Redes são muito bem-vindas quando não há condições para luxos, o que nunca foi seu problema, nem como filha, nem como esposa. Sempre dormiu em boas camas. Não gostava dessa lembrança! Remetia aos vinte e cinco anos de casamento e a vida conjugal abusiva, onde as camas foram lugar de tortura. Nelas foi violada e abusada continuamente, onde pariu e viveu as piores experiências. Por isso as lembranças boas eram da casa dos pais. Saudade do seu quarto, do colchão fofinho e da sua cama na fazenda. Esse pensamento embalava suas noites cariocas. Logo teria uma cama nova, um colchão confortável e finalmente noites de paz.

Todo dia pela manhã passava em frente a uma loja que vendia camas e colchões. Esse trajeto a consumia. A ansiedade tornava ainda mais dolorosa suas noites mal dormidas. Cinco meses de trabalho duro e finalmente a tão sonhada cama. Carolina entrou na loja confiante. Nesses meses de martírio havia paquerado, namorado e agora desposaria a tão desejada cama de solteiro. De madeira maciça, cerejeira legítima, cabeceira alta, linda, cheirosa, mercadoria de primeira. Quando chegou do trabalho a en-

comenda a esperava na portaria. Dispensou os montadores. Levariam dias para concluírem o serviço. Não podia esperar. Armou sua cama com a sofreguidão dos amantes. Olhava-a com paixão! Mas o colchão só teria grana para compra-lo no mês seguinte.

E dizia para si mesma:

— Mês que vem vou a forra. Compro o colchão e durmo um fim de semana inteirinho.

Os trinta dias seguiram-se arrastados. Carolina já não cabia mais em si de tanta ansiedade. A imagem chegava como um filme em sua mente maltratada por pesadelos e pavores noturnos. Flutuava em nuvens coloridas deitada entre lençóis de seda, travesseiro de penas de ganso, um colchão esplendido, fofofssimo, que voava mansamente num céu azul de anil.

E rindo dos seus devaneios, concluiu:

— Que poder tem uma boa cama!

Eram essas visões que lhe davam forças para continuar na peleja. Imaginava noites maravilhosas que fariam jus à cidade onde estava vivendo.

Fim de mês. Pagamento no bolso. Sexta-feira. Lá vai Carolina descendo a ladeira. Como na música, sambava feliz dentro do elevador. Ganhou a rua, andava a passos largos, quase correndo. Pagamento na bolsa. Finalmente levaria para casa seu querido colchão. Adentrou a loja como uma heroína em busca da sua medalha conquistada com sangue, suor e lágrimas. O sangue é meio exagerado, mas o suor e as lágrimas...

Nada nem ninguém poderiam detê-la. Enfim noites felizes.

— Boa tarde. Em que posso ajuda-la? - Perguntou o vendedor.

— Quero comprar um colchão – disse Carolina.

— Pois não senhora, fique à vontade.

— Já escolhi. Aquele de quinhentos reais, o de solteiro, aquele ali.

E apontou o que queria.

Era um belo colchão. Um dos melhores da loja. Para Carolina o mais belo do mundo. Ela deitou, rolou, deu pulinhos, afofou, acariciou, experimentou o colchão de todas as maneiras possíveis ali na loja mesmo. Sua empolgação chamava a atenção. Não tinha dúvidas. Era aquele mesmo.

Foi ao caixa, pagou, levou a nota ao vendedor que perguntou;

— Qual o endereço para a entrega?

Ela passou o endereço que era a duas quadras dali.

E o vendedor muito educado:

— Obrigado senhora. A entrega demora de dois a três dias úteis a partir dessa segunda.

Era sexta-feira. Já passavam das quinze horas. Não haveriam mais entregas naquele dia. Regra da loja.

Essa regra pegou Carolina de surpresa. Já contava com sua primeira noite de paz absoluta, e completamente revoltada, reclamou:

— O quê? Dois ou três dias? Mas é a dois quarteirões daqui! Como assim?

O vendedor se assustou com a reação da freguesa e tratou de explicar:

— É norma da loja, senhora. A essa hora a lista de entregas já fechou. Não tem jeito, senhora – e repetia ‘se-

nhora' a cada frase, o que a deixava mais furiosa.

Carolina transtornada:

— Embrulha! Embrulha que eu vou levar meu colchão para casa agora! Na cabeça, debaixo do braço, não importa. É meu. Paguei por ele e vou levá-lo. Pode embrulhar.

O vendedor tentando acalma-la só piorou a situação:

— Mas, senhora, isso é coisa para homens! A senhora é uma mulher. Uma senhora! Não pode fazer isso. Andar por Copacabana com um colchão na cabeça! Isso é uma loucura, senhora!

E ela sem paciência:

— Posso e vou fazer! Hoje durmo nas nuvens – batia o pé, decidida.

O vendedor atrapalhado estranhou, mas viu que não conseguiria convencer a freguesa do contrário. Nunca havia embrulhado um colchão. Nem sabia como fazer isso.

Ficou parado, atônito.

Carolina andava de um lado para o outro nervosa. Percebeu o desconforto do vendedor e ficou com dó do moço. Com um meio sorriso tentou suavizar o impasse:

— O que foi? Não sabe embrulhar um colchão? Dobra no meio, faz uma amarração. Sei lá! Dá teu jeito que eu vou levar. Hoje não durmo no chão.

Sou muito mulher para fazer o que eu quiser.

O vendedor, vendo tamanha veemência, pensou:

— O freguês tem sempre razão. Melhor não contrariar.

Pacote feito, bem amarrado e o colchão estava pronto. Carolina deu uma gorjeta ao vendedor que agradeceu

aliviado por se livrar daquela situação maluca.

De repente dois homens invadiram a loja gritando:

— É um assalto galera. Geral deitado de cara pro chão bem rapidinho!

Todos que estavam na loja obedeceram prontamente, sem nem olhar para os homens, entendendo que aquilo era um assalto.

Enquanto um deles recolhia o dinheiro o outro esperava na porta de arma em punho.

Carolina pensava deitada de cara no chão:

— Ainda bem que já paguei. A nota está no meu bolso, a mercadoria é minha. Assim que essa merda de assalto acabar vamos para casa. Eu e meu colchão.

O vendedor tremia e pensava lá com seus botões:

— Só faltava essa! Que sorte desgraçada! Em plena sexta-feira! Bem no fim do expediente.

O ladrão que recolhia o dinheiro passou por eles e o embrulho chamou sua atenção.

Chutando o vendedor, perguntou:

— Que negócio é esse aqui? – Apontando para o embrulho.

— É um colchão – respondeu ele, apavorado.

O ladrão armado olhava a rua nervoso, tinha pressa, e gritou:

— Qualé Barriga! Vamos nessa mermão! Que demora é essa cara?

E o Barriga insistia:

— Vou levar esse colchão. Tá até embrulhado companheiro. A nega vai se amarrar.

Respondeu ele sorridente.

De um salto Carolina levantou, encarando o ladrão:
— Esse colchão é meu! Já paguei e tenho a nota. Meu colchão é que não vai dançar nessa não! Pode parar – disse resoluta.

O ladrão da arma gritava impaciente:
— Vambora Barriga! Tamo demorando muito aqui. Deixa essa porra pra lá!

O Barriga ignorando a agonia do comparsa, sentiu-se afrontado por Carolina e reagiu agressivo:

— Cala a boca mulher! Cala essa sua boca de merda. Quem manda aqui sou eu! Vou levar mermo. Vai fazer o que?

Carolina indignada não se fez de rogada e respondeu no mesmo tom:

— Esse colchão é meu. Paguei por ele. Não fazemos parte do seu assalto. Esse colchão é meu e ninguém tasca - gritava enfurecida e indignada, esquecendo da situação perigosa em que se encontrava.

E o tal Barriga boladão, intimava Carolina, ameaçadoramente:

— É mermo? Vai fazer o quê coroa? Vai peitar o papai aqui? Essa é que eu quero ver.

Só que o bandido armado não estava a fim de levar o colchão. Queria era sair dali o mais rápido possível, porém conhecia bem seu parceiro. Barriga era um homem arrogante, teimoso e perigoso ao extremo quando contrariado. O Zé percebeu que a merda estava feita.

Tentou, em vão, chamá-lo à razão:

— Ho Barriga, deixa isso pra lá companheiro! O colchão é da tia. A coitada tem cara de pobre. Já pagou e o

dinheiro dela tá com a gente porra. Vambora!

Não complica cara – apelou.

Barriga pancou:

— Qual é Zé? Tá contra mim agora? O revolve é meu, porra! Tá na tua mão, mas é meu! Qual é a tua? A coroa aqui tá me peitando.

O Zé implorava:

— Não complica cara. É só um colchão. Já temos a grana. Vambora irmão.

Carolina não deixou barato:

— Só um colchão é o caralho! É o meu colchão! E só leva passando por cima de mim!

Nessa hora o vendedor levantou-se do chão e todo urinado, abraçou Carolina chorando, pedindo, pelo amor de deus, que ela deixasse o ladrão levar o colchão.

Ela possessa perdeu a razão e gritava indignada:

— Não, não e não! Ele que compre um colchão pra ele! Esse é meu! Meu colchão ninguém leva. Só matando!

O vendedor deu um berro e caiu de joelhos no pé do Barriga pedindo para não morrer:

— Não me mata Seu Barriga. Sou muito novo pra morrer - e chorava.

Ninguém ousava sequer levantar a cabeça do chão, muito menos se meter na contenda. Carolina entrou na frente do embrulho afrontando o Barriga, que furioso partiu para cima dela, espumando de ódio. Se atracaram. Caíram rolando pelo chão, atropelando as pessoas deitadas com a mão na cabeça. O Zé, apavorado, colocou o revólver na cintura e foi apartar a briga. Uma confusão danada se formou.

Nessa hora a porta da loja abriu violentamente:

— Polícia! Todos quietos! Mãos pra cima!

O Zé enquadrado e rendido, gritava furioso:

— Perdemos seu bandido de merda! Perdemos miserável! Por conta de um colchão, filho da puta – e jurava o parceiro de morte.

Os policiais entraram resgatando as vítimas. O vendedor, agarrado às pernas de um dos PMs, chorava que nem bezerro desmamado.

Em choque repetia:

— Tô vivo! Tô vivo! - E beijava o pé do polícia.

Aí foi a vez dos PMs se surpreenderem com a cena!

Barriga, no chão, urrava de dor. Carolina montada no cabra como se monta em touro bravo, imobilizou o bandido com uma chave de pernas poderosa, pernas fortalecidas em anos de malhação, e gudunhada em sua cabeleira batia com a cabeça do canalha no chão sem dó nem piedade, unhas fincadas no couro cabeludo como onça furiosa e dentes cravados na orelha direita. Do nariz dele o sangue jorrava!

— Tú é grande mais não é dois, desgraçado – gritava ensandecida, cobrindo o cara de porrada.

Foi difícil desgrudar Carolina do ladrão. Parecia em transe. Os policiais tiveram que arranca-la de cima do sujeito. Desse modo, acordou do momento de fúria e percebeu que estava tudo bem. Ela e seu colchão finalmente estavam salvos!

Toda amassada e com algumas escoriações, respirou aliviada, abraçando e beijando o embrulho tão querido.

A moça do caixa aproveitou o momento de distração

criado pela briga em torno do colchão e acionou o alarme da polícia que compareceu frustrando o assalto, prendendo os assaltantes e resgatando as vítimas com toda segurança.

Porém, quando tudo parecia resolvido e Carolina já se preparava para sair da loja com seu tesouro na cabeça, um PM olhando o embrulho perguntou:

— Esse é o colchão causador da confusão que distraiu os ladrões?

O vendedor e Carolina entreolharam-se balançando a cabeça afirmativamente.

— Sim senhor. E é meu. Comprei antes do assalto e um dos ladrões cismou em levar.

Então nos atracamos. O resto da história o senhor já sabe - disse ela, desconfiada.

O PM:

— Então com licença, vou leva-lo para a delegacia. É uma prova importante

Disse isso e foi tirando o embrulho da cabeça da mulher, que indignada agarrou-se ao pacote descontrolada:

— Não! De novo não! Deixem meu colchão em paz! Não e não!

O policial assustado se afastou deixando o embrulho cair no chão tomando posição de defesa. Tentava em vão explicar a Carolina que era uma prova material do crime, que depois do registro ela poderia levar o colchão para casa tranquilamente. Só que Carolina já não escutava mais nada. Colérica, reagiu agarrando-se ao pacote, cega de raiva. Teve que ser contida. Acabou em cana, pois não parava de gritar e espernear exigindo justiça. O delegado com dó

da criatura não registrou o desacato. Deu um mofo em Carolina que passou a noite toda na delegacia, algemada no banco de espera ao lado do embrulho.

— Ladrões de merda! Meu colchão é que não! – Repetia em voz alta.

Olhava para o embrulho com paixão e isso a consolava. Dormiu com um sorrisinho nos lábios, abraçada ao seu troféu, sentindo-se vitoriosa.

Foi solta pela manhã depois de registrar a queixa do assalto e enquadrar Barriga na Lei Maria da Penha. O delegado passou um sermão, onde deixou bem claro que podia prendê-la por desacato, e aborrecido, chamou sua atenção para o fato do quanto ela foi imprudente correndo risco de morte por um motivo tão fútil. Contudo, a parabenizou, admirado por sua coragem em enfrentar um homem tão violento e um PM assustado.

Ela cuidou em falar somente o necessário. Melhor conservar sua liberdade recém adquirida e ser gentil e amável depois do sermão:

— Obrigada senhor delegado. Agradecida! Desculpa aí o mal jeito. É que estou acostumada as brigas da vida. Perdi a cabeça senhor delegado!

E o delegado olhava para Carolina com ares de compreensão.

E ela continuou:

— Homem nenhum vai me ameaçar e ficar por isso mesmo! Já abri mão de coisas demais nessa vida. Esse colchão representa uma grande conquista. Sou uma mulher decidida a ser feliz! E serei. Custe o que custar, serei feliz!

E saiu fora rapidinho antes que ele mudasse de ideia.

Foi para casa conformada com a solução do caso.
O colchão ficaria preso, porém seguro.
Voltaria em dois dias para resgatá-lo.
Normas da casa.
Burocracia da polícia.

Como enxergar dentro se os olhos ficam fora?

Qualquer ponta de dedo no canto do braço, pescoço, coxa, ombro, joelho e perna ou pernas. É que o amor começa pelas beiradas. Parece que está em segredo: a sensação de derreter imaginando corpo encontrando corpo é tão selvagem.

Uma mulher quando ama outra mulher.

A água escorre oceanos dentro até chegar ao meio. E é lá dentro que as coisas acontecem. Não é o que tem no rosto. Não é o que tem na pele. Não é o que tem no casco.

É o cheiro do cabelo. É a maneira como mexe os dedos. É como dispõe as pernas para andar e correr. É como movimenta as mãos para dançar. É sobre a língua enrolar dentro da boca para falar. É sobre o que percorre aqueles lábios. De cima. De baixo. É o recheio adentro.

Uma mulher quando ama outra mulher.

Em uma sala com um fio de luz, sentadas no chão falando qualquer coisa sobre a vida, entre uma desculpa e outra para tocar qualquer parte daquele corpo. Ao aproximar, devagar, cada vez mais próxima até que começa um beijo ao lado dele. Corpo quente, ouve a respiração nervosa. Líquido que derrama.

E no quarto, quando as luzes se apagam, os olhos faróis pensando no que ao lado ela poderia estar pensando. Um toque de mãos que vai se desmanchando por todo o corpo até se transformar em um emaranhado.

No banheiro, sozinha, em um quase banho, pensando

nela a todo instante.

Ou ao assistir aquele filme, deitadas na cama, coluna tortinha para continuar sentindo o joelho tocando a coxa, com meus braços quase por cima dos braços dela.

Nada disso aconteceu.

Apaga tudo.

Isso não é uma memória.

É tudo aquilo que a cabeça inventa quando tropeça em você.

A dona da gráfica

Ela havia se mudado para o prédio fazia pouco tempo e nos ignorava solenemente. Rapidamente fez amizade com porteiros, zeladores, vizinhos. Mas, e nós? Éramos um grupo de meninas, num tempo em que ser criança, carecia de calçadas e quintais. Algo naquela mulher provocava-nos um alvoroço. Ria, cantava e falava sozinha, coisa reservada às crianças e aos loucos. A nós, observava com distanciamento solene e certa indiferença.

Naquela época, uma de nossas aventuras era frequentar a Botânica sozinhas. Nada grandioso, apenas juntávamos nossas economias e comprávamos bolos, doces e sucos – sempre de uva, para imitar o vinho dos adultos. As taças para o brinde não podiam faltar. Ainda éramos livres de ressentimentos, cansaços, abandonos e da falta de fé que atormentam a vida adulta, assim, aproveitávamos para traçar longos e apetitosos planos para o futuro, ainda muito distante e, certamente, grandioso.

De repente, ela entrou, com um vestido colorido, seus cabelos brancos reluzentes e ar de mistério. Conversou longa e animadamente com a vendedora, perguntando sobre seus filhos, a obra na casa e riram juntas. Foi quando percebeu que era observada e, pela primeira vez, dedicou a nós um olhar de interesse, ainda que minúsculo para nossos anseios. Foi até nós, nos cumprimentou com seriedade e anunciou:

— Eu gosto de lobos. Costumo correr com eles. E um

dia vocês também correrão.

Com essa profecia, virou-se e partiu. Ficamos atordoadas com o comentário. A primeira reação foi taxá-la de louca, já que não existem lobos na cidade, tão pouco haveriam de correr na companhia de uma velha que nem andava rápido, que dirá correr! Lobos não são como cães, que a gente cria em casa entre almofadas e afagos.

Ainda éramos jovens demais para entender a complexa relação entre lobos e mulheres, mas desse dia em diante, começamos a segui-la pelas ruas do bairro, e ela, se percebia, não fazia questão de nos desmascarar. Em algumas ocasiões, para nosso espanto, dizia para o vento coisas como: “Uma mulher Selvagem, é atenta, presente, curiosa e investigativa” ou “Mantenha-se alerta para poder reconhecer a alma selvagem em todos os seus inúmeros disfarces”, “É preciso saber ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem”. Era desconcertante e sedutor e nos mantinha firme no propósito de desvelá-la.

Mas, de tudo que fazia, o que mais nos intrigava, eram as reuniões secretas. Toda terceira quarta-feira do mês, recebia a visita de mulheres de todas as idades. Às 18h e 45 min, impreterivelmente, colocava uma música suave para tocar, deixava a porta entreaberta, não sem antes amarrar um lenço lilás na maçaneta. Aos poucos elas chegavam; apressadas, risonhas, falantes, pensativas, tristes ou serenas como lagos em noite sem vento. Às 19h e 30 min, em ponto, a porta era fechada e lá ficavam; rindo, lendo umas para as outras em voz alta, às vezes, cantando por cerca de duas horas. Houve épocas que até ouvimos uivos, para nosso completo espanto!

Há um mistério profundo em uma porta entreaberta; sugere um convite, mas denuncia uma ameaça; desafia sua coragem. E aquela porta fechando, mês a mês, ia nos consumindo e decidimos tomar o lugar de assalto, pertencer, ainda que clandestinamente.

Ao longo do mês, elaboramos nosso ataque infalível para o próximo encontro, logo que ela abrisse a porta. No dia do evento, ela entreabriu a porta e o interfone tocou. Uma encomenda da Botânica que precisava assinar. O plano perfeito! Ela saiu e deixou a porta entreaberta, como imaginávamos.

Entramos, enfim, naquele universo mágico, ávidas por capturar todos os detalhes de uma só vez. Haviam quadros, flores, figuras de contos de fada espalhadas pelas paredes, cadeiras em círculo. À mesa de centro, o incenso desenhava um fio de nuvens no ar, um caldeirão fechado e um livro Mulheres que correm com os lobos – Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem de Clarissa Pinkola Estés. Estávamos enfeitiçadas naquele ambiente. Na estante, uma coleção de bruxas nos observava. Um coração vermelho pendia, dentro de um saco de filó e parecia pulsar desenfreadamente, como um tambor. Ou seriam os nossos corações aos saltos, pela ousadia da invasão?

No canto da escrivaninha, uma centena de livros, delicadamente organizados em uma pilha que lembrava uma torre de castelo, chamou minha atenção. Num impulso, peguei exemplares, um para cada uma de nós e saímos correndo, cúmplices de um crime. Nós que tagarelávamos sem parar, emudecemos. Só nossos olhares denunciavam o turbilhão de emoções.

Sempre que me lembro deste episódio, que agora compartilho com você, me vem à cabeça o conto de Clarice Lispector, “A felicidade clandestina”. Nada despreveria melhor aquele momento. Ficamos minutos sem fim, admirando os frutos de nosso roubo, sem abri-los. Fizemos um pacto de silêncio eterno sobre o ocorrido, antes de iniciar a leitura. Cada uma dona do seu próprio tesouro em mãos, respiramos fundo e nos preparamos para entrar naquele universo.

Já no título, O que se esconde sob um chapéu vermelho?, o prenúncio de revelações sem precedentes. Autora: Cecília Göpfert. Seria esse o nome dela? Nunca nos ocorreu investigar. Rimos todas. Aos poucos, fomos abrindo nossa edição clandestina, para desvendar seus mistérios. E... nada! O roubo, a tensão, a expectativa da leitura e o que tínhamos: Um livro que nem livro era, era só capa!

Mas, um livro, ainda que seja só uma capa, permite sempre muitas viagens. Ficamos nós ali, a inventar as histórias de um livro sem páginas, expulsas do paraíso. Talvez ela fosse dona de uma gráfica, uma de nós ponderou. Talvez fosse um livro enfeitiçado, que se abriria com palavras mágicas, disse outra. Concluímos que ela devia acumular funções: dona de gráfica e bruxa. Ainda que fosse bem mais difícil comprovar a segunda teoria. Mas, afinal, quem mais ousaria correr com os lobos?

Hoje acredito que ela e suas companheiras sempre souberam de nossas investigações e riram juntas de nossa proeza, não como adultas que desqualificam os feitos da infância, mas como lobas zelosas, que cuidam para que os filhotes aprendam a caçar com maestria.

Graças a elas, demos nossos primeiros uivos. E, desde que as histórias se avolumaram em mim e a lua fez parceria com o tempo e brincou de pratear meus cabelos, também eu, sorrio com ares de esfinge para grupos de meninas, jovens lobas reunidas. E toda terceira quarta-feira do mês, impreterivelmente, às 18h e 45 min, deixo minha porta entreaberta e uma música suave escapa, junto com o cheiro do incenso. Na sala, cadeiras em círculo, um coração vermelho em um saco de filó; uma coruja que observa o espaço. Sobre a mesa de centro, um caldeirão fechado, uma edição de “Mulheres que correm com os lobos” e, em lugar de honra, minha relíquia: a capa de um livro sem texto, sempre em edição. Na maçaneta da porta, um lenço lilás faz o convite e, aos poucos, elas chegam.

A moça, a velha e a menina

A mulher de sessenta anos que sou se encontra com a menina que fui, todos os dias. A menina insiste em colocar a velha senhora a dançar e ver o mundo com os olhos de otimismo e paz.

A senhora, inutilmente, tenta convencer a menina que não precisa temer a morte de sua mãe, que só vai acontecer quatro décadas depois, e que, nesse momento, estará a menina ao pé de sua cama, rezando uma Ave Maria. Engolindo o choro, sem afagos e sentindo uma dor dilacerante, que ainda dói, vinte anos depois, como ferida recente.

Mas que nada, essa menina medrosa não acredita. Ela abandona o pique-esconde e o jogo de queimado e se põe, tão logo a noite chega, ao pé da escada que dá acesso à casa de periferia. Ali, olhos, ouvidos e nariz aguardam a presença da mãe. Com seus passos firmes, sorriso singelo e pés inchados pelas horas em pé atrás do balcão. Com o seu cheiro de armarinho que impregnava a casa, o guarda pó, o pano que envolvia a marmita. Cheiro que logo se misturaria ao alho, cebola usados no preparo da janta. Sua expressão é cansada e orgulhosa por nunca faltar o trabalho e por vender suas férias para pagar o financiamento da casa. Quando ela adentra a rua, retina, olfato e audição emitem sinais ao cérebro de paz e tranquilidade. A velha que havia se apossado da alma da menina sai de cena e a menina reconhece ser diferente das outras crianças que,

indiferentes às próprias ausências, continuam a brincar. Essa menina envergonhada era incapaz de correr e abraçar aquela mulher tão esperada. Preocupações, medos, e apegos ficam escondidos, abafados pelo distanciamento forçado, impostos às trabalhadoras em suas longas e múltiplas jornadas. Mas no fundo da bolsa sempre tem uma mariola, uma bala, e nos dias de pagamento, uma maçã cuidadosamente enrolada na seda azul. Bem mais tarde, o perfume do shampoo Colorama e o som da máquina de costura embalavam o sono da menina-moça que sonha com o dia que sua mãe não precisará trabalhar tanto.

E essa menina, com medo do escuro e ideias claras na cabeça, rezava. Ela, com o coração puro, recebeu a eucaristia e acreditou na salvação de sua alma. A moça duvidou de tudo e fez culto ao prazer. Contudo, a velha senhora sempre recorreu aos santos, anjos, orixás e à Divina Mãe, e foi recompensada. Viu acontecer tantos pequenos milagres que a encheram de gratidão pelos Seres de Luz .

Ah, como essa velha senhora teria coisas a dizer àquela adolescente que chorava dores de amores não correspondidos.

Ria daqueles que, com olhos de cobiça e gula, tudo fariam para tê-la. Coisas que com o tempo e a secura dos dias vão escassear; portanto, desfrute. Moça bonita de cabelos compridos, que custava a enxergar a beleza que havia no seu sorriso, apostava todas as fichas na sua inteligência, que naquele tempo jamais duvidava de existir. Hoje a jovem senhora sabe, ainda há tanto a aprender, e se reconhece bela, às vezes um pouco estúpida. Mas toda vez que isso acontece a menina a pega no colo e diz: — fica

assim, não!

A senhora tem dentro de si a jovem sonhadora e apaixonada que luta e briga por um mundo melhor. E às vezes, apesar da experiência dos dias, ainda insiste e argumenta até mesmo com quem não tem ouvidos para ouvir. Essa teimosia juvenil!

A moça que se fez mãe sem planejar viu-se diante de uma menina cujos mistérios e sonhos aprendeu a decifrar, com a ajuda da menina, da moça, da velha senhora. Todas mulheres habitantes do mesmo corpo.

A mãe que sou sofreu muita transformação, como camadas e escamas de um fazer-se mulher a cada medo, desejo, sonho realizado. Pedacos de amor foram sendo lançados por aí, nas camas, nas praias e no respirar agonizantes de amores que partem para nunca mais voltar, deixando uma vida para trás ainda cheia de lacunas, remendos. Essa mãe se nutre com a força e sabedoria da sua mãe na tarefa de gerar, parir e educar uma nova mulher. E ainda vale um aviso a essa jovem de 22 anos: calma, vai ficar tudo bem, e essa menina se tornará uma forte mulher, mãe de outra menina. A ciranda a girar e os saberes se entrelaçando entre as tantas moças e velhas que as habitam e são habitadas por elas.

Agora que a existência me faz encontrar com a beleza da vida recém nascida, na qualidade de avó, um turbilhão de emoções afloram. Visito nas minhas memórias as avós que tive e convivi. Quanto de coisas deixaram de ser ditas e observadas. Mas guardo em mim memórias delas, pedacos de suas vidas. O cansaço de uma e o vigor da outra, o otimismo de uma, a desilusão de outra, nascidas no mes-

mo tempo com circunstâncias e oportunidades diversas. Ambas pariram cinco filhos, ambas deixaram a terra com quatro desses filhos. Uma perdeu seu filho ainda bebê; outra, já na madureza da vida, perde o filho amado. A dor em ambas foi dilacerante. Uma pôde seguir em frente, se permitindo outras risadas e recomeços, mesmo que incompletos e furtivos. Outra, enterrando-se em vida, negou a si mesma e a sua descendência o prazer de desfrutar seu sorriso... Como aprendi com essas mulheres, que me deram a inigualável sensação de que minha vida importa e fez a diferença nos seus mundos tão díspares e, ao mesmo tempo, tão similares na pobreza e na força. Mulheres periféricas que lutaram para manter a família, e com dignidade, fazer valer a sua vontade e seu querer. Num mundo tão desigual, tão pobre, e tão patriarcal.

Eu hoje sou avó e compreendo o amor que essas mulheres sentiram por cada um de seus netos e netas, as preocupações e delícias que passaram com esse convívio, tão furtivo. Uma por apenas 23 anos, outras por mais quinze. Contudo, tão pouco diante da imensidão que o amor cobra... Sinto uma saudade do que não pôde ser vivido. Se eu soubesse, tão efêmeros são esses dias, eu os teria vivido mais e melhor. Quantas dores couberam naquele olhar apagado, quanto desejo, debaixo daquelas unhas longas e pintadas de vermelho escarlate. E os sonhos de moça num coração cansado... Ah, nem sei quais eram, assim como às vezes desconfio que também não conheço os meus, embora eles estejam aqui no meu peito e no meu coração de mulher.

A vida nessa ciranda de aprender e duvidar, confiar

e temer, que vai se tecendo ao longo dos dias que se formam, incessantemente. A vida que vivemos que se junta às novas vidas que se formam nos ventres que estiveram dentro de outros ventres.

Um amor imensurável transborda para enfim alcançar uma nova criatura, que chega ao mundo e pede licença para ocupar seu lugar. Sonhos se formam na certeza de que o porvir trará uma imensidão de amor e novas oportunidades de amar e “esperançar”.

Uma pequena criança traz frescor de vida e uma nova e complexa dimensão do verbo amar. Amor, já conjugado nos diversos tempos e modos, se reatualiza. Eu ainda não sabia que cabia em mim um amor tão puro, tão imenso até topar numa esquina deste outubro, chuvoso e frio, com um par de olhos afetuosos e mãos diminutas que eu chamo amorosamente de neta!

Filha da Realeza Ancestral

E naquele dia não me deixaram nenhuma opção a não ser fugir.

Eu precisava sumir, virar poeira e seguir com o vento para um lugar onde eu não fosse apenas um depósito de esperma de nenhum velho nojento. Aquilo precisava mudar e aquele gosto de fel tinha que sair da minha boca. Tudo o que eu sentia era repulsa, vontade de esganar ele até ver agonizar entre meus dedos magrelos. E se apanhasse depois de outro senhor, tudo bem. Aquele prazer vislumbrado ninguém conseguiria me tirar. Mas se o embuste não morresse e tivesse a oportunidade de me aplicar o chicote, seria melhor a minha morte!

Chorar sozinha na escuridão já não era sinônimo de transparência. Parecia que sempre tinha alguém muito perto de mim e que estava ouvindo meu choro, pronto a secar minhas lágrimas, ao mesmo tempo em que me dava uma força tão gigante que eu me sentia capaz de enfrentar exércitos sozinha. Olhava ao redor e não via nada, nem ninguém. Se eu contasse, diriam que estava ficando louca, mas toda aquela força só crescia dentro de mim.

Quando o vento soprava na mata, as folhas faziam toda a obra musical que se casava com o canto dos pássaros. E as araras faziam o coro: Okê! Okê! Aquela algazarra de bicho e planta agitava meu corpo, fazia o coração acelerar, da respiração parecia que ia sair fogo e o arrepio percorria minha espinha e agitava minhas pernas num

bailado entremeado por giros, saltos e rolamentos. Foi aí que Oxossi gritou dentro de mim: corre! E assim eu corri...

Não pensei, pois não tinha tempo. Não precisava de nada e nem podia carregar o que eu não possuía. Foram horas me embrenhando na mata sem saber aonde ia chegar. Quando ouvia o som da queda d'água, parava pra beber e me lavar. A noite já estava quase no fim e eu tinha que ser ágil naquele dia para tomar a distância necessária para não mais ser capturada. Meu alimento seriam as frutas no caminho até que chegasse em algum povoado. Ali estávamos nós, sentados nos galhos de goiabeira vendo o sol despontar atrás da montanha. Ele me entregava os frutos mais saborosos e fazia com que o arrependimento nem chegasse a minha mente. Se me pegava em algum pensamento negativo, fazia um pássaro assobiar tão alto que logo me distraía. Era Ele o maior de todos os caçadores. Sua flecha era certa e nunca tinha deixado um filho sem alimento. Akueran era seu nome e ele habitava meu corpo. Levei um tempão para saber disso também, mas já era Oxossi me salvando e me conduzindo pela mão. Tinha uma voz suave e firme. Não me iludia e falava sempre que eu deveria aguentar porque ele estaria comigo em todos os momentos.

Depois de muito andar, subir montanhas, lutar com peixes nos rios e comer raízes suculentas aquecidas sobre as pedras pelo calor do sol, cheguei a um povoado. Pedi ajuda dos pescadores e das lavadeiras da beira do rio. Eles nem questionaram de onde eu vinha. Me perguntaram o que queria, além de comida e roupas, e não pensei duas vezes ao responder com firmeza que ia retribuir com tra-

balho. Oxossi me sorriu de longe e fez surgir ali minha confiança: Ya Nandewá ou, para o povo do lugar, dona Zira.

Ela tinha o dom de acolher e de curar com os segredos trazidos de África juntamente com a força das ervas e das orações. Não havia mal e também nenhuma dor de mulher que resistissem à força de sua reza e a um galhinho verde em suas mãos. Pois foi ali que descobri, depois de muitos dias da chegada, o que estava por vir. Naquela manhã de chuva miúda, cheiro de terra molhada e o clima um tanto fresco para ir para a lida, fui despertada pelo chacoalhar dos búzios de Dona Zira e o cheiro da parafina. Era bem cedo ainda e a chaleira pro café já fervia. Coei, pus na caneca e levei num prato com umas broas de uns dias atrás. Mal eu me aproximei e ela já foi falando com sua voz rouca e firme:

— Obrigada por seu carinho, minha filha, mas preciso lhe dizer algo. Sente aí.

— Sua benção! O que aconteceu?

Já estava com o coração aos pulos e nem tive tempo de retribuir sua gratidão pelo desjejum. Na cabeça, só pensava que aquele traste havia me encontrado e que agora tinha acabado meu sossego de vez. Será que todos aqueles momentos de terror, abuso e violência iam voltar? Não era possível que depois de tantos dias e noites andando por léguas, pés descalços em brasas, pouco alimento e roupa nenhuma, apenas acompanhada pelos pássaros e bichos das matas, campos, riachos e o som do vento, sendo guiada pelo caçador Oxossi, tudo teria sido em vão.

— Fror, chegou a hora de lhe falar algumas coisas, minha fia. Eu já estava desconfiada faz uns dias, mas agora

tenho certeza. Os búzios deixaram tudo bem claro. Sua falta de interesse pela comida, aquela bobeira na beira do rio tem duas razões de ser: a primeira é que tu tá esperando uma cria e a segunda...

Neste momento eu fiquei rígida feito uma pedra, dei-xei rolar uma lágrima no rosto e não vi mais nada. Quando me dei conta já não era aquela cena. Ainda estava na esteira, mas os búzios já não estavam ali. Éramos só eu, uma quartinha com água e a vela acesa. Recobrei a lembrança da notícia e acariciei a barriga enquanto respirava fundo. Lembrei do caçador, Oxossi, me dizendo que estaria comigo em tudo. Me atentei pra ouvir o que se passava do lado de fora e não sentia mais o cheiro de chuva. Dona Zira se aproximou com um prato na mão. Era um guisado bem cheiroso e minha boca salivou na hora. Ela sorriu de canto e me estendeu o prato:

— Vim alimentar ocês. Neto meu tem que crescer forte pra nos trazer alegria. Não se atreva a me esconder mais nada. Essa criança tem uma força grande e vai ser motivo de nossa luta pra viver.

— Dona Zira, a senhora ia me dizer outra coisa também. Eu estou preparada, pode falar.

— Eu já falei, menina! E tira essa dona que eu num quero neto meu me desconhecendo. Eu sou sua mãe!

As respostas de dona Zira eram sempre assim pela metade. As conversas só duravam muito quando ela puxava o assunto. A última palavra entrou feito a flecha certa-ira do caçador. Cheguei a sentir me perfurando, senti também o mesmo arrepio que me fez correr naquela noite de fuga. E as araras gritaram novamente: Okê! Okê! Okê!

Alguns meses depois já não conseguia mais labutar com a mesma agilidade. A cria se mexia como se fosse noite de batuque no terreiro e parecia que as costelas iam saltar pra fora da pele. Vez por outra, entre um chute aqui e uma cambalhota ali, a criança me fazia pensar no que tinha acontecido comigo.

Uma menina eu era quando as violações do meu corpo começaram a acontecer. Além do pavor inicial, eu detestava os olhares e falas que os homens me lançavam. Quando ia me banhar, passava muito tempo esfregando a pele pra ver se mudava de cor. Sim, isso era o que eu mais ouvia: mulata boa, pele morena de fogo, jabuticaba gostosa entre outras baboseiras referentes a minha pele preta e às curvas que meu corpo insistia em fazer. Na lida com o fogo ou na capina da terra, eu sempre enrolava muitos panos desde o peito bicudo até a bunda para disfarçar e não chamar atenção deles. Eu parecia que ia derreter no calor, mas era melhor que sofrer tanta violação. E o pior ainda viria uns anos mais quando desceu a primeira regra. A patroa me mandou dormir no celeiro para não exalar meu cheiro de fêmea e atiçar seu marido. Como se eu desejasse isso... Até que um dia ouvi, por detrás da janela, ela dizendo para uma senhorinha jovem que ia tomar a lição com a patroa que, quando a mulher sangrava por debaixo das saias, ela estava pronta para parir. E só então eu descobri como nasciam os bebês e que aquilo não seria pra mim! Eu nunca tinha pensado nessa parte da vida. Não tive a chance de sonhar em conhecer um príncipe ou olhar para um dos moleques da fazenda e desejar ser sua enamorada. Não deu tempo de pensar em amor. Não conhecia o amor

e nem sabia que esse era o nome que se dava quando o coração palpitava acelerado de felicidade. Eu achava que isso era a morte chegando trazendo o último suspiro. Foi a Nha Izabel que contou isso quando da morte de Nego Veio. Então, para mim, era tudo igual.

Mas agora Iya Zira estava me ensinando a ser mãe apenas com seu carinho e dedicação. Me fazia sentir o coração palpitar ao perguntar que nome daria pra cria. Não tinha pensado nisso: menina ou menino? Não tinha favorito não, só queria que fosse cria boa sem os problemas de doenças que muitos filhos de branco têm. Com esse pensamento Iya Zira me ensinou que isso era o verdadeiro amor de uma mãe por seu filho. Eu evitava chamá-lo assim. Filho tinha que ter pai e mãe e, como ele não tinha, era minha cria, eu pensava. E ela, pacientemente, com seu dom extraordinário de ser ouvida me corrigiu:

— Fror!!!! Não desconte nessa vida o amargor do seu passado. Não foi sua culpa e nem dele ou dela. Deixe essa criança te ensinar o que você não viveu ainda. Ouça sua mãe e receba também todo amor que eu tenho por ti.

Iya Zira era uma animação só. Com o reconhecimento pelo governador da aldeia em Vila, ela ganhou o direito a ter sua banca na praça sem ser importunada pela polícia. Seu prestígio com as autoridades aumentou depois de ler os búzios e salvar a aldeia de um ataque de invasores que pretendiam dominar aquelas terras, mas com o aviso dos orixás ela fez as oferendas para Ogun e os homens do vilarejo foram mais espertos que os invasores. Assim, ganhamos a confiança do governo e passamos a treinar os soldados e Iya Zira ganhou direito de servir seus quitutes

depois da missa na nova Praça de Vila Ribeira. Foi uma noite alegre. A Igreja de Nosso Senhor dos Aflitos estava cheia. Teve queima de fogos e a cantoria estava animada. Quando saiu a primeira leva de akara foi uma correria pra banca. Vi Iya Zira sorrir de gargalhar ao final daquela noite (que já era outro dia quase de manhãzinha). Sua banca foi a alegria da festa, pois se tem uma coisa que ninguém resiste são seus quitutes: tinha acarajé, abará, broa de milho com coco, lelê, bolo branco, canjica e passarinha! Ela vendeu tudinho. Apenas aos músicos serviu de cortesia e isso foi um grande investimento. Toda vez que eles iam fazer uma festa recomendavam os quitutes dela e nós trabalhávamos cada vez mais e mais, garantindo nosso sustento e de alguns filhos que ajudavam no terreiro ainda em fase de construção.

O sol já estava alto quando acordei dentro de uma poça d'água. Da cozinha subia o cheiro de um bolo quentinho. No terreiro, os homens trabalhavam na cobertura de folhas de palmeiras e ela orientava tudo com zelo e firmeza.

— Vixe, minha mãe! Acho que fiz xixi na cama e nem me dei conta! Vou levar tudo pra lavar na beira do rio e não me demoro. Na volta, trago as folhas pra enrolar o peixe que também vou pescar.

— Este sol tá a pino, Fror! Você tá arrumando moda de lavar roupa com essa barriga toda.

— Me abençoe, minha mãe. Eu não me demoro. Vou passar um sabão nestes panos e aproveito pra me refrescar nas águas. Só assim consigo pescar.

E saí em direção ao rio sem dar a Iya Zira a chance de

raciocinar que aquilo não tinha sido xixi nenhum, mas o rompimento da bolsa e o prenúncio da hora do parto. Na verdade, nem eu me atinei, mas bastou caminhar alguns metros para sentir as primeiras contrações. O rio estava logo à frente e a queda estava mansa e refrescante... Uma bacia de água transparente e fundo dourado se formou entre as pedras e foi ali que me sentei para me refazer da caminhada. Bateu uma brisa suave que trouxe consigo o perfume das flores brancas que ficavam nas margens e abrigavam borboletas de todas as cores e tamanhos. Outra contração... Um carinho na barriga pra acalmar a cria. Outras duas em pouco espaço de tempo e me faltou o ar.

— Valei-me, minha mãe Oxum! Chegou a hora! Eita que mainha ainda falou que eu estava arrumando moda. E justo agora, sem nenhuma lavadeira na beira do rio! Força, Flor! Se levante e tente caminhar de volta. Arrrrghhhhh!!! Não tenho forças, não vai dar tempo... Arrrrrrghhhhhhh!!!!

E neste instante senti o arrepio subir na espinha no mesmo tempo em que um vento forte soprou e fez o coro com os pássaros. Okê! Okê! Seria meu delírio com a dor, o sol quente na cabeça ou o medo de não ter mainha por perto? Só sei que a força que me fez correr no dia da fuga estava presente naquele momento e com a mesma certeza de que eu não estava só soltei um grito tão alto que o vento fez ecoar. Com sua flecha certa que me atingiu o coração, Ele, Oxossi, o grande caçador, falou com mainha nos búzios e a levou até o rio, fazendo com que chegasse a tempo de segurar a cabeça de sua neta nas mãos e conduzir o parto, ali mesmo, dentro das águas doces de Oxum. E rimos juntas quando ouvimos o choro de nossa pequena.

— Sim, é uma menina, minha fia! E linda como ocê! E nasceu nas águas doces e serenas. E tem o Sol como seu cobertor, as matas como abrigo e as borboletas para guiar seu caminho.

Me olhando fundo nos olhos, me entregou a criança no colo para terminar aquele parto. E enquanto eu amamentava minha filha pela primeira vez, mainha me disse:

— Agora eu já posso te dizer a segunda coisa que os búzios me falaram, Fror. É sobre o pai de sua fia. Não precisa temer. O homem que te molestava já não vive mais. Foi morto por um caçador, na mata, algumas léguas daqui. O caçador chegou no terreiro dias depois de você. Eu lhe servi um prato bonito e lhe dei um pedaço de tecido para enfeitar seu corpo. Ao som do canto dos pássaros e do vento ele dançou, rodou, saltou, rolou e quando se levantou me agradeceu por receber a filha dele e pediu para eu proteger, amar e cuidar de vocês duas. Eu o reverenciei e Oxossi se foi prometendo retornar no dia do nascimento de sua criança e assim o fez. Foi Ele que me chamou atenção dizendo que a bolsa tinha rompido e que eu te contasse sobre ele tão logo a criança desse o primeiro sinal de vida. Estou cumprindo minha missão com muita satisfação, fia. Agora é com você, mas antes me diga, como tu chamarás tua fia?

Atenta a tudo o que Iya Zira me dizia e vendo toda minha história de vida ganhar novo rumo, novas cores e sentindo todo amor crescer no meu peito eu gritei:

— Okê arô! Arolê! Odè koke mao, Osoosi! Salve o grande caçador de uma flecha só! Minha filha se chama Odara, minha mãe, e eu lhe dou ela como afilhada. Odara

é em sua honra por todo amor que nos deu e por nunca me fazer derramar uma lágrima lembrando do passado medonho. Sua benção, Iya Zira, minha mãe.

— Iya Nandewa abençoe e proteja sua vida e de Oda-ra até depois que eu me for de volta pra terra-mãe, fia. E vamos simhora que a Vila toda precisa saber da novidade!

Mesmo com o palco apagado,
Apoteose é o infinito
Continua estrela
Brilhando no céu

Acyr Pimentel e Cardoso

A.C.

Escuridão total. Assim vivi aproximadamente vinte anos. Nunca ouvi as frases: Tira a mão daí. Senta com as pernas fechadas. Buceta é sagrada. Faz boquete ou dê o rabo. Assim você arruma um bom casamento. Não existia diálogo em casa. A lei era do silêncio total. A lei de meu pai, dócil com suas filhas, mas muito severo com os de fora.

Nem sobre menstruação fui orientada. Descobri sozinha, assim como outras coisas da vida. Rebelde sem causa na adolescência, intempestiva e achando que era dona de meu nariz. Minha transição da infância para a adolescência foi muito rápida e, aos vinte, me vi sem as amarras impostas por meu pai, no auge de um sistema cruel e intolerante.

Sofri as consequências da minha total falta de apoio familiar e saí para a vida, desbravando estradas vicinais, procurando minimizar minha falta de habilidade, ficando sempre atenta e aproveitando as oportunidades. Por medo de gostar do errado, nunca me permiti adentrar por caminhos sinuosos. Era mais cagaço do que retidão.

Caí, sofri, chorei, amei. Escolhi com quem perder minha virgindade, disso não abria mão. Eu era a dona da situação e o homem escolhido, mero instrumento. Nunca fiz análise ou procurei ajuda clínica para meus questionamentos. Mesmo porque, se eu mesma nem sempre me entendo, quem dirá um outro alguém me entender.

Hoje sou uma mulher realizada, tranquila, dentro de meu relacionamento homoafetivo. Procuo ajudar quando se faz necessário, assim acabo sendo ajudada.

Olho pra trás e vejo que poderia ter tomado outros caminhos, mas minha intuição e meus orixás me levaram ao lado bom da vida.

D.C.

A espera

Uma dor incontrollável abate meu ser.

Aperto no peito

Angústia, tristeza, saudade, solidão...

Uma lágrima rola incansável em meu rosto.

Nada me satisfaz

Tudo me incomoda.

Não sei o que fazer.

Desacredito em tudo

Estou só.

Em essência, sem conteúdo...

Sem razão

Simplesmente sem vida.
Com dor...

Um rosto perdido na multidão
A alma vagando no nada
Procurando me encontrar
Ou esperando o encontro final.

As autoras

Adriana Lima de Farias é carioca, advogada, mestra em História. Responsável pela página “A coragem dos 40”, onde inspira mulheres acima dos quarenta anos a ter a coragem para se confrontar no espelho.

Amanda Pedrosa tem 21 anos, é do sertão do Ceará e estuda jornalismo na UFPB. Escreve cartas e postais, é amante de literatura, cinema e poesia. Acredita que o acaso também é destino e é guiada por um coração-sabiá mais enrolado do que estrada que sobe a serra.

Anna Carla Rosa é carioca, nascida e criada na cidade do Rio de Janeiro. Formada em Ciências Sociais pela UFRJ. Docente da Rede Estadual de Educação do RJ e mestre em Sexologia.

Ana Cristina Gomes Almeida é formada em Geografia pela Universidade Castelo Branco (UCB) e pós graduada em leitura e literatura infantil pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP). Trabalha com alfabetização no Projeto Tempo de Aprender nas escolas públicas municipais Frei Gaspar e São Sebastião em Vargem Grande. Idealizadora dos projetos Ciranda Solidária e Arraial d’ajuda ao próximo. Eventos beneficentes que reuniu diversas instituições com objetivo de arrecadar fundos para os seus projetos sociais. Participa voluntariamente há mais de trinta anos de instituições com crianças, jovens e adultos ministrando teatro, artes plásticas, artesanato entre outras. Estreou como autora de literatura infantil em agosto

de 2021 com o ebook O Chão e a Chuva e se prepara para o lançamento do livro, *Árvore, ar você respira*. Seu primeiro impresso. Em 9 de julho na casa de Cultura de Jacarepaguá.

Carla Rocha é neta de avós analfabetos e semialfabetizados, filha de Arnaldo Rocha Técnico em contabilidade e Rosa Rocha Turismóloga e a primeira da família a cursar faculdade. É pesquisadora do PPGF da UFRJ, foi no IFCS que se descobriu negra e hoje sua pesquisa questiona o currículo da universidade que não acolhe de forma pluriversal os saberes.

Cida Fernandes tem 51 anos. Professora da sala de leitura da E. M. Glauber dos Santos Borges da rede municipal de Mangaratiba. Contadora de histórias, encantada pelos livros, ciência e arte. Mulher trabalhadora, eterna leitora da vida.

Cláudia de Oliveira Gonçalves Soares tem 48 anos, nascida em Mangaratiba, no Rio de Janeiro, irmã do meio de uma família de sete filhos. Mãe, professora, apaixonada por literatura, adora ouvir e contar histórias. Trabalha como Assessora de Sala de Leitura da Secretaria Municipal de Educação de Mangaratiba e está cursando pós-graduação em Literatura Infantil e Juvenil.

Dalvanira Ferreira Ribeiro é Assistente Social, formada pela Universidade Estácio de Sá. Atua como voluntária em uma Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos que tem como missão a transformação social de mulheres, crianças e adolescentes por meio da educação e do empre-

endimento. Gosta de estudar, ler, viajar, conhecer pessoas.

Denise Rodrigues tem 57 anos, casada com Antônio Francisco, mãe de Thiago e João Victor, avó da Marina e Murilo, moradora de Belford Roxo RJ. É contadora por formação com pós-graduação em gestão financeira, produtora executiva teatral, gestora cultural, possui diversos cursos de extensão em cultura, economia solidária e economia criativa. Gosta de estudar, desenhar, fazer crochê, costurar, cantar, ouvir música, escrever, compor, caminhar na praia e estar na natureza. Prana-terapêuta em Pranic Healing e Terapeuta Mineral. Seu maior prazer é brincar com os netos e estar em família.

Evelin Fernanda Soares Dias mora na comunidade das Quatro Bicas, no Complexo da Penha. Formada em Assistência Social pela UERJ. É cofundadora do IA-SESPE - Instituto de Ação Social de Esporte e Educação, em Bonsucesso. Tem larga vivência comunitária, engajada em projetos sociais voltados para infância e adolescência, ativista nas causas raciais e interseccionalidades econômico-financeiras, é integrante do grupo de conscientização em educação ambiental do Centro de Integração da Serra da Misericórdia na Penha, RJ.

Fabiana Pedreira é mãe da Sophia, filha de Sheyla e neta da Dona Diva. É uma mulher favelada que se tornou Pedagoga e agora doutoranda em educação pelo PROPED/UERJ depois de romper as barreiras da exclusão social e da marginalização. Sua trajetória de vida e acadêmica é vivida entre

a favela e o quilombo, o que lhe permite encontrar muitas e múltiplas pessoas que vão constituindo sua escrita-vida.

Fabiola Silva tem 28 anos, natural de Petrópolis. Amante de poesia, música e petricor, aguarda com ânsia cada chuva para verter o sabor de sua Lira, enquanto conclui seus estudos em Letras: Português e Literatura na UFRJ. Mãe de 3 coelhos. Apaixonada pela Natureza- Pachamama. Desfruta o tempo livre divertindo-se com animes, filmes, séries, estudo de japonês e leituras sobre assuntos diversos como o antirracismo e anti capacitismo e pautas LGBTQIA+. Também é pagofágica, chocólatra, viciada em doces.

Gilda Portella é yalorixá, multiartista, pós-graduada em História pela Universidade Federal de Mato Grosso. Nascida em 1969 em Barra do Garças-MT. Há trinta e cinco anos vive em Cuiabá-MT. No silêncio da pandemia, viu sua criatividade tornar-se poesia, na certeza de que é ferramenta de justiça social, igualdade de gênero e raça. Sua inquietude na equação do autoconhecimento leva sua arte em coletâneas onde pulsam estes desejos. Em 2021 foi selecionada pelo I Prêmio Rodivaldo Ribeiro de Literatura. Publicou nas seguintes antologias: “Coletânea Parto Normal”, “Excelsa Expressão – Antologia de Tautogramas”, “Mulherismo das Letras na Lua”, “Devires Poéticos” e “Do que ainda nos sobra da guerra”.

Izabela Martins de Azevedo é carioca, 57 anos. Formada em Serviço Social (UERJ) e Direito (Bennett). Servidora Pública Federal aposentada do Tribunal Regional do

Trabalho da 1ª Região. No momento, cursa Tecnologia em Gestão de Turismo no CEFET/RJ. Apaixonada por Samba.

Jacqueline Meire Santos é natural do estado da Bahia. Mulher negra, professora e educadora popular, escritora. Graduada em Pedagogia, Pós-graduada em Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação, Mestre em Educação e Contemporaneidade (UNEB). Participa de diversas publicações, dentre elas Antologia Poética Internacional – Vol. IV, Mulher Poesia Vol. 4 e 5 (Cogito Editora) – 2019 e 2020, Mulherio das Letras Portugal: Prosa e Conto 2020 e Ecos do Nordeste 2020 – Coletânea de poesia (In-Finita Editora), Quando o mundo acabou em 2020 – Cartas e Depoimentos na Quarentena(Editora NS), Mulheres Poetas - Coletânea Internacional de poesia (Ed. Mente Aberta), Antologia Poética Literatura BR(Ed.LiteraturaBR), Coletânea de Poesia e-duKa (E-duKa Publicações) e Ecos do Nordeste 2021.

Jacqueline Nery Gonçalves tem 57 anos, nascida em Niterói, RJ. Administradora e graduada em Artes Visuais na Unigranrio. Pós-Graduada em Figurino e Carnaval pela Universidade Veiga de Almeida. Artista plástica/visual premiada pela ANBA - Academia Niteroiense de Belas Artes, onde é acadêmica. Professora, arte-educadora, pesquisadora, figurinista, ilustradora e carnavalesca com atuação nas escolas de samba Unidos do Viradouro e Paraíso do Tuiuti. Conquistou o Prêmio Bem Eficiente Kanitz em 1999 por seu trabalho na APAE. É Quebradeira desde 2015. Associada e voluntária na ONG Brasil Soka Gakkai Internacional.

Jeovanna Vieira nasceu no Espírito Santo, em 1985. Formada em Jornalismo, cursou também especialização em Jornalismo Cultural na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e Gastronomia no Instituto Alain Ducasse - Estácio de Sá. Em 2021, publicou seu primeiro livro, “Virgínia Mordida”.

Jocelia Peixoto é natural de Salvador, BA. Educadora. Gosta de ler e escrever. Para ela a escrita sempre foi uma parceira muito confiável, verdadeira amiga. Pedagoga com especialização em Psicologia Social Pichoniana e Psicopedagogia. Voluntária da Pastoral da Criança. Diretora e Coordenadora de Núcleo do Movimento das Sete Mulheres de Salvador – M7MS. Tive a felicidade de ver alguns dos meus poemas reparadores em seis coletâneas já publicadas e duas a publicar.

Laurie Lomask é professora no Departamento de Línguas Modernas da Borough of Manhattan Community College, em Nova Iorque. Atualmente pesquisa sobre a literatura e as artes de movimento. É apaixonada pelo samba, sua história, sua filosofia e suas manifestações.

Lazir Sival é sambista de berço, descendente dos fundadores do Império Serrano. É sobrinha-neta da lendária Tia Maria do Jongo. Compositora de samba e jongo, coordenadora artística do Jongo da Serrinha. Cantora e integrante do Grupo Musical Razões Africanas. Jongueira, professora, atriz e bailarina aplica todas as suas habilidades e formação em ações para a pre-

servação e disseminação da cultura de matriz africana

Liliane Alvim nasceu em Manhuaçu (MG). É casada, mãe e mulher feminista. Professora, poeta, escritora, artesã de bonecas e bonecos, fotógrafa e designer gráfico. Autora do livro infantojuvenil “Valentina, a super-heroína” e do infantil “Sabia, Bia?” – o último também ilustrou. Tem, também, poesias publicadas em antologias. É graduada em Letras – Língua Portuguesa e suas Literaturas pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), com especializações na área da Educação. Atualmente, cursa mestrado em Estudos Linguísticos no programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES), pesquisando o discurso literário contemporâneo de mulheres no Brasil.

Luana Fernandes Ferreira nasceu no Rio de Janeiro. Educadora do Jongo da Serrinha, capoeirista, jongueira, candomblecista, mãe, mulher e feliz.

Luciana dos Santos Brandão é mulher nordestina, mãe, neta de Dona Lau e seu Toninho. Filha de Tereza Souza dos Santos e de José de Lourdes Gomes Brandão. Escritora, poeta e ativista. Seus estudos são voltados ao protagonismo de pessoas negras. Criou, em 2014, na sua terra natal, Itiruçu, o NEABI- Núcleo de Educação Afro Brasileira e Indígena. Seus passos vêm de longe. Em sua caminhada acadêmica tornou-se letróloga, psicopedagoga, especialista nas áreas da educação. Esta obra faz parte das suas escritas literárias entendendo que escrever é um ato de resistência.

Manon Maria Ferreira de Brito é natural do Rio de Janeiro, formada em pedagogia e professora da Rede Municipal de Itaguaí/RJ.

Márcia Lopes é preta, compositora, fazedora de cultura. Integrante do movimento Samba na Fonte, do coletivo Samba Literário RJ; colaboradora da Revista Sarau Subúrbio. Realizadora do Tecendo Histórias, programa de conversas e entrevistas com artistas da resistência periférica. Enfermeira com especialização em Saúde da Mulher pela UERJ, atuou, até aposentar-se precocemente no Hospital Escola São Francisco de Assis, UFRJ, sendo militante pela causa da violência obstétrica sofrida por mulheres negras. Márcia é um coração em forma de gente, pulsando no compasso do samba de raiz .

Márcia Pereira é pedagoga e produtora editorial com experiência em arte-educação, com o objetivo de atravessar novas fronteiras através da tecnologia e da comunicação. Participou de projetos de acessibilidade e inclusão. Atuou em alguns Centros Culturais e Museus do Rio de Janeiro. Especialista em Docência com Ênfase em Educação Inclusiva e Educação e Tecnologias Educacionais.

Maria Angélica Ventura Ferreira é mulher, negra, mãe e filha. Coursou História na UGF em 2007 e se especializou em História da África e do Negro no Brasil na UCAM em 2010. É conhecida pelo nome artístico de Angélica Ventura, cantora da música popular brasileira, mais voltada para o samba e choro. “A música é o meu ar, é a minha

fonte de vida!” Em 2022 será o lançamento do disco, RELEMBRANDO. Educação e Música de mãos dadas!

Maria Cristina Taveira é mestra em Letras pela UFRJ, professora da rede estadual do Rio de Janeiro. Gaiteira, neuroatípica, gamer. Gosta de romances góticos, filmes de horror cósmico e quadrinhos em geral. Acredita que uma vida refletida é uma vida bem vivida.

Maria Nascimento é potiguar de raízes indígenas, Bacharel em Química pela UFRN(1991) e Mestre em Ciências Farmacêuticas UFPE(1995), atuando como Professora, Curadora e artista visual. Escritora de textos técnicos e científicos, possui publicações em Química de Plantas Medicinais e Clima organizacional. Desde 2018 é empresária nas áreas de Ciência, Arte e Cultura. Enquanto mulher acolhida pela Lei Maria da Penha (2007), escreveu textos para jornais com a temática do combate à violência doméstica.

Monique Silveira tem 32 anos, mulher preta, lésbica e periférica. Estudante de Física na UFRJ. Digital Influencer com o canal Preta Reta no Youtube. Esquerdista declarada que milita pela igualdade social e de gênero.

Norma Suely Gama Couto tem 58 anos, é natural de Uruçuca - BA, reside em Salvador. Professora de História. Mestra em Políticas Sociais e Cidadania pela UCSal. Durante a pandemia concluiu um livro intitulado “Memórias de um Tempo: Família Gama Couto” pela PGEEditorial, além de poesias, tem crônicas e contos compartilhados em várias coletâneas.

Odaleia Maria Pimentel Coutinho é paraense, marajoara, formada no Curso Normal de formação de Professores, Bacharel em Psicologia e Graduada em Licenciatura em Letras na UFRJ.

Raquel de Oliveira é cria da favela da Rocinha. Descobriu-se aprendiz de poeta em 2005, quando encontrou uma nova forma de viver em um centro de recuperação para dependentes químicos. Apaixonada pela escrita, torna-se pedagoga, formada pela Unicarioca. É poeta, contista, romancista e escritora, preparando-se para fazer mestrado. Ganhadora do game literário FLUP - Festa Literária das Periferias em 2013, teve publicadas cinco poesias no livro *13 Poetas*. Em 2014 publicou seu primeiro livro solo de poesias e em 2015, o primeiro romance, *A número um*, lançado em 2014 pela editora *A Casa da Palavra*, que foi roteirizado e comprado pela Paris Filmes em 2018 e estará brevemente nos cinemas. São doze publicações dentre poesias e contos no Brasil e na França. Atualmente finaliza o seu segundo romance, *Heroína*. Raquel se descreve como “uma mulher de sessenta anos, mãe, avó, professora, poeta, escritora e, principalmente, dependente química em recuperação”.

Renata Queiroz é arte-educadora pela Universidade Federal do Maranhão. Às vezes é artista e já foi premiada pelo VI Salão de Artes Visuais de São Luís com a intervenção artística “Proposições para uma poética no espaço” junto com parceiros do Coletivo DisForme. Escrevia quando menor, hoje quer escrever melhor.

Silvia Carvalho tem as águas de Rio das Ostras a banhar seus pés e as do Rio de Janeiro, suas memórias. É escritora, poeta, contadora de histórias africanas, dinamizadora de oficinas. Doutora em Psicossociologia (UFRJ), sanitária e mestra em Ciências da Saúde (Fiocruz/ENSP), especialista em literaturas africanas. É psicóloga e trabalha na UFRJ na promoção à saúde do trabalhador, é membro do Projeto de Extensão Minha vida dá um livro (UFRJ). Entre as suas publicações estão o conto A moça dos livros (concurso Leia Comigo, FNLIJ, 2017); Entre ruídos e Silêncios, Ed. Lisboa & Pfeil (Poemas, 2010). Participou da coletânea de contos Água d'Ilê (Aldeia de Palavras, 2020).

Tereza Cristina Oliveira nasceu em Niterói em janeiro de 1961, é capricorniana com ascendente em aquário e Lua em peixes. Viveu em São Gonçalo da infância até o início da vida adulta. Atualmente, reside em Niterói, mas com muitas idas ao interior do Estado do Rio de Janeiro. Leciona desde adolescente, naturalmente, tornou-se professora de 1ª à 4ª série. Kursou mestrado em Serviço Social na UERJ, que a levou ao ensino superior. Atuou por 30 anos como assistente social e hoje como Terapeuta Floral. Aos 61 anos, é avó de uma linda menina de 8 meses. Diz: “A escrita em minha vida? Sempre é espalhada em mil gavetas, pastas e arquivos digitais. Agora sou uma feliz escritora publicada!”

Veríssima Freitas Superlativa Absoluta Sintética, nascida em 25 de agosto de 1978 em uma sexta-feira chuvosa as 17 horas e 55 minutos na cidade do Rio de Janeiro, costuma

dizer que não existe, mas é única. Capaz de reunir tantas mulheres em uma só, essa baiana por herança genética é também filha única, Ekedji, quituteira de acarajé, professora da rede pública na cidade do Rio de Janeiro, idealizadora das empresas Gostinho de Dendê e Acesa. Está sempre disposta a uma aventura, bate papo, samba e risadas e ainda está envolvida no Núcleo Social Equilíbrio do Mundo – Nussem – de apoio ao grupo de mulheres pretas catadoras de materiais recicláveis de seu bairro. “Conhecer novas possibilidades foi a força motivadora da escrita Livres Livros e isso não é tudo sobre mim, mas se entregar tudo assim, ficarei sem aquele 1% necessário em toda nova relação afetiva, né!? Só preciso avisar que é bom estar preparada para sorrir, pois esse é um dos meus melhores talentos.”

Yara Rodrigues Mathias é carioca da Ilha do Governador, baiana de alma, bacharel em Direito, aposentada, atualmente estudante de Letras, 63 anos bem vividos, casada, candomblecista, simpatizante do Budismo, Lula pelo bem da população, lésbica e realizada.

Posfácio

É com um coração pulsante que terminamos esta jornada iniciada durante a pandemia. Do pequeno grupo de mulheres com um desejo em comum, a sementinha plantada em 2019 deu sua primeira florada. Parece clichê, né? Mas nada melhor para descrever o caminho percorrido. E quero contar pra vocês um pouco de como foi esse percurso.

Em 2020 a pandemia nos pegou de surpresa, adiando a nossa vontade de criar, junto com mulheres da Universidade das Quebradas, um grupo para tratar de temas feministas. Tentamos inicialmente retomar nossos encontros de forma virtual, mas a inexperiência de todos com o mundo em quadradinhos nos impediu. Além da resistência a essa nova realidade, as dificuldades eram inúmeras. Muitas das integrantes do nosso grupo não tinham acesso a internet de forma contínua e tampouco celular ou computador disponível para uso. Mas a vontade era tanta que eu e Rozzi Brasil, com todo o apoio e suporte de Helô Teixeira (mais conhecida como Heloísa Buarque de Hollanda), começamos nossa jornada do Canal Fórum M. De lá pra cá o trabalho não parou e muita coisa aconteceu.

Esse canal do YouTube, que já estava no forno, foi nosso ponto de partida. A partir de relatos do nosso entorno sobre a situação das periferias no começo da quarentena, surgiu o impulso de usar o canal, recém criado, para ampliar a voz das mulheres próximas a nós. Com muita pesquisa e vontade de aprender, tecendo redes e trocando muitas informações, colocamos no ar a série

Pandemônicas na Pandemia. As limitações eram muitas, não tínhamos equipamento adequado e nem conhecimento tecnológico suficiente, mas nada como um pouco de teimosia para ultrapassar limites. Confesso que 2020 foi um ano difícil. O mundo na tela nos obrigou a aprender novas tecnologias e a nos olhar por praticamente todo o dia em um quadradinho. Acho que me olhei por mais tempo neste ano do que em toda a minha vida.

A quarentena durou mais do que esperávamos e a precariedade com equipamentos foi sendo substituída pela evolução de recursos disponíveis pro mundo virtual. Nós também evoluímos com a ajuda de muitas mulheres que passaram pela nossa equipe de trabalho. Somos gratas a todas que deram um pouquinho de si durante essa jornada. A série Pandemônicas na Pandemia deu lugar a Língua Solta, o Canal Fórum M deu lugar ao Mulheres nas Quebradas, e outras iniciativas começaram a surgir. Ainda confinados ao mundo virtual, mas com a vontade de tratar de temas feministas com mulheres das quebradas, começamos um grupo de leitura e escrita, o Livres Livros.

Para que o Livres Livros pudesse acontecer, Drica Madeira se juntou a nós como professora, facilitadora, orientadora das leituras e Alana Silva como nossa professora e mentora de escrita, inicialmente de forma voluntária e posteriormente com o apoio da Fundação Vale. Estava formado o time que deu origem a essa publicação. Foram dois semestres com muita troca de afetos, construção de redes, apoio e reflexão de mulheres. Os encontros, quinzenais, eram assistidos como possível: do trabalho, enquanto cuidavam da casa, dos filhos e netos. Mas eram sempre

recheados de muito aprendizado e entendimento das realidades de cada canto, cada casa, cada construção familiar e relações de afeto das mulheres que participaram e que representam as periferias do Brasil.

Giselle Parno

Adriana Farias
Amanda Pedrosa
Ana Cristina Gomes
Anna Carla Rosa
Carla Rocha
Cida Fernandes
Cláudia Gonçalves
Dalva Ribeiro
Denise Rodrigues
Evelin Fernanda S. Dias
Fabiana Pedreira
Fabíola Silva
Gilda Portella
Izabela Martins Azevedo
Jacqueline Meire
Jack Nery
Jeovanna Vieira
Jocelia Peixoto
Laurie Lomask

Lazir Sinval
Liliane Alvim
Luana Fernandes
Luciana Brandão
Manon Maria F. de Brito
Márcia Lopes
Márcia Pereira
Maria Angélica
Maria Cristina Taveira
Maria Nascimento
Monique Silveira
Norma Couto
Odaleia Maria P. Coutinho
Raquel de Oliveira
Renata Queiroz
Sílvia Carvalho
Tereza Cristina Oliveira
Veríssima Freitas
Yara Mathias

Apoio:



FUNDAÇÃO
VALE



CNPq

Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



FAPERJ

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Execução:



PROGRAMA AVANÇADO DE
CULTURA CONTEMPORÂNEA
LETRAS – UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Parceria:



CLUBE



centro de tecnologia
UFRJ



CASA DA
TIA CIATA
ESPAÇO CULTURAL ORTO

planetaponto.com